





Reitor

Prof. Alcides Ribeiro Filho

Vice-reitor

Prof. Me. José Carlos Barbosa Soares

Pró-reitor Acadêmico

Prof. *PhD.* Carlos Alberto Vicchiatti

Pró-reitor de Relações Institucionais

Prof. Me. Luiz Antônio de Faria

Pró-reitor de Desenvolvimento

Prof. Msd. Divino Eterno de Paula Gustavo

Pró-reitor Financeiro

Prof. Esp. Leandro Júlio dos Santos Faria

Pró-reitor de Controladoria

Me. Marcello Oliveira Ferreira

Pró-reitor de Apoio Estudantil

Prof. Me. Claudio Everson da Silva e Souza



EXPEDIENTE

Editora-chefe

Profa. Dra. Michele Giacomet

Editores-adjuntos

Prof. Esp. Peterson Daniel Vieira
Profa. Dra. Sabrina Fonseca Ingênito Moreira Dantas

Editora-assistente

Profa. Ma. Fernanda Laura Costa

Bibliotecárias

Ana Márcia Santana Lima
Eliana Batista Pires e Silva
Francisca Rodrigues da Silva

Layout e diagramação

Prof. Esp. Peterson Daniel Vieira

Capa

Thais Carlos Gomide

Foi de total responsabilidade dos (as) autores (as) a revisão textual final e normativa dos trabalhos, antes de serem publicados, inclusive as referências bibliográficas.

Ampliação: a extensão em evidência [Recurso eletrônico] / Organização: Juliane Aparecida Ribeiro Diniz, Michele Giacomet, Fernanda Laura Costa. 1. ed. - Aparecida de Goiânia: Editora Alfredo Nasser: Centro Universitário Alfredo Nasser, 2026. (Série Ampliação: a extensão em evidência, v. 4).

E-BOOK. Inclui bibliografia. 129 Páginas.

ISBN: 978-65-89165-37-8

1. Ensino Superior. 2. Extensão Universitária. Movimento Científico Cultural de Aparecida de Goiânia **MOCCA**. 3. Práticas e atividades de extensão **PRAEX**. 4. Pesquisa ensino e extensão. 5. Diniz, Juliane Aparecida Ribeiro 6. Giacomet, Michele. 7. Costa, Fernanda Laura. I. Título. II. Centro Universitário Alfredo Nasser UNIFAN.

CDU: 378:001. 891.5(817.3)

ORGANIZAÇÃO:

Juliane Aparecida Ribeiro Diniz

Michele Giacomet

Fernanda Laura Costa

AMPLIAÇÃO:

a extensão em evidência

1ª Edição

Volume 4

Aparecida de Goiânia

Centro Universitário Alfredo Nasser (Unifan)

2026

PREFÁCIO

A série **Ampliação**, em sua 4ª edição, confirma, de modo assertivo, que a proposição do Ministério da Educação (MEC), de regulamentação das normas de extensão (Resolução n. 7, 18/2018, do CNE/MEC), de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), n. 9394/96 e implementada por instituições de educação superior (IES), complementou o trinômio ensino/pesquisa/extensão.

As atividades extensionistas, que já eram efetivadas nas IES, por meio de cursos de extensão desvinculados da sala de aula (extracurriculares), propostos por professores especialistas em determinados assuntos, tinham o intuito de: complementar estudos; atender às demandas de alunos acerca de conhecimentos que normalmente não faziam parte regulamentar dos planos de curso; realizar eventos destinados à exposição do que se faz/fazia nas instituições, como o Movimento Científico Cultural de Aparecida de Goiânia (MOCCA), que acontece no Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN) desde 2003; e, de propor e realizar atividades “intraeducacionais”, destinadas aos alunos de determinado curso. Atualmente são sistematizadas e incorporadas ao currículo formal e aos planos de ensino, de modo a atender a comunidade gratuitamente, sendo o estudante o protagonista da ação.

A Resolução do Conselho Superior (CS) n. 7, de 1º/8/2014, do Centro Universitário Alfredo Nasser, atualizada e reeditada em 28/4/2022, prevê como objetivos da extensão, em seu Art. 4º, que a Instituições de educação superior devem:

- I. aproximar a comunidade acadêmica da realidade cotidiana, por meio da produção e socialização de práticas e conhecimentos;
- II. promover a formação cidadã dos estudantes;
- III. difundir as conquistas e os benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição [...]

A extensão, tal como concebida hoje, trouxe uma perspectiva de transformação social nas/das relações entre a Educação Superior e a comunidade. Além da visão exteriorizada, que corresponde ao contato com a comunidade, ocorreram mudanças nas próprias relações de sala de aula. O trinômio ensino-pesquisa-extensão fez com que tanto a visão de professores, como a de alunos fosse redimensionada. Práticas antes impositivas deram lugar à construção conjunta do conhecimento. E o aluno, ao perceber-se enquanto protagonista, conseqüentemente, tornou-se mais autônomo.

O que pareceu aos professores, inicialmente, um acréscimo de trabalho, tornou-se a possibilidade de revisão metodológica tão necessária há tempos e propiciou a eles e aos estudantes, futuros profissionais, a percepção de que não existe ensino e pesquisa, na educação superior, desvinculados do contexto social, assim como do necessário retorno (partilha com a comunidade) do que se constrói no espaço institucionalizado.

De acordo com a Resolução CNE/CES n.1, de 29/12/2020, no mínimo 10% da carga horária dos cursos de graduação deve contemplar as atividades de extensão como componente curricular. No entanto, como afirmado anteriormente, o que foi concebido como um “trabalho a mais”, acrescido às tantas atividades docentes, se traduziu em leveza, criatividade e participação ativa dos discentes.

Para os estudantes, a possibilidade de exercitar a profissão desde o início do curso superior é bastante atrativa. Mesmo que as ações sejam incipientes, de acordo com o seu conhecimento na progressão dos cursos, como nos primeiros períodos da graduação, “eles se veem em ação”. Observam os demais colegas e interagem com eles e com os professores. É uma oportunidade de refletir sobre a relação teoria e prática; sobre as relações na sala de aula, sobre as atividades propostas e realizadas; sobre a aquisição e doação de conhecimentos; e, conseqüentemente, sobre a sua própria formação profissional, por meio da extensão. E assim os envolvidos vão se “autorefenciando”, se “autoconstruindo”.

A perspectiva humana e humanizadora, da qual falamos, presente nas atividades de extensão e, conseqüentemente, nos relatos dessas experiências, enfatizada nesta e nas edições anteriores, é perceptível por meio da recorrência das ideias norteadoras, tais como: cuidado, atendimento, ação e transformação social, promoção da saúde, formação e cidadania.

Os agentes envolvidos na educação/formação de futuros profissionais que, aqui, nesse espaço de divulgação institucional são, em sua maioria os docentes da instituição, que voltam a atenção para a necessidade de partilhar conhecimentos com a comunidade, atendendo às prerrogativas de: informação, prevenção e promoção do bem estar físico, mental e social. Os relatórios das ações já efetivadas ilustram bem a incomensurável importância da informação justa, confiável e passada pelo crivo da cientificidade.

A propósito, nesta edição encontramos alguns bons exemplos de como informação e intervenção preventiva são condições para uma vida mais saudável. Os relatórios **A importância da colpocitopatologia no cuidado com a saúde feminina; Triage ambulatorial integrada ao exame físico neurodermatológico;** e, **Unifan social: promoção da saúde em uma abordagem clínica** colocam em relevo a necessidade de informação à população e estão associados, respectivamente, à saúde da mulher, aos exames clínicos neurodermatológicos preventivos e à necessidade de visitas ao médico e exames regulares, como forma de prevenir o adoecimento.

Segundo Max Altman (2014, p. 1), em **Hoje na História: 370 a.C – morre Hipócrates, considerado o pai da Medicina**¹,

[...] Hipócrates, considerado o “pai da Medicina” e o maior médico da Antiguidade. Um homem que mudou o conceito desta disciplina, transformando-a numa ciência. [...]

Elaborou e cumpriu um rigoroso código de ética, cujos preceitos estão contidos no juramento que até hoje todo médico faz ao se formar.

“Prometo que, ao exercer a arte de curar, me mostrarei sempre fiel aos preceitos da honestidade, da caridade e da ciência. Penetrando no interior dos lares, meus olhos serão cegos, minha língua calará os segredos que me forem revelados, o que terei como preceito de honra. Nunca me servirei da profissão para corromper os costumes ou favorecer o crime.

Se eu cumprir esse juramento com fidelidade, goze eu a minha vida e minha arte boa reputação entre os homens e para sempre. Se dele me afastar ou infringi-lo, suceda-me o contrário.

Em consonância com os preceitos do juramento de Hipócrates, dedicados à área da saúde, mais especificamente à Medicina, é possível inferir que a atuação do profissional já propunha, além do rigor científico e moral, a “caridade”, entendida aqui como atenção, não importa a quem, como doação de conhecimentos, como generosidade. Tal concepção permite que estabeleçamos um elo entre o referido juramento e a proposta atual da extensão: a partilha, última instância do ensino e da pesquisa, na educação superior, leva a formação de bons profissionais.

Salientamos que a fala de Hipócrates, com o entendimento anteriormente exposto, pode ser estendida a outros profissionais e não somente aos da Medicina, assim como é necessário assinalar que os envolvidos em extensão e na divulgação dos relatos (professores e alunos) são de diversas áreas do conhecimento, atinentes aos cursos ofertados na IES. E a partir do excerto do juramento: “[...] goze eu e minha vida e minha arte boa reputação entre os

¹ Disponível em: <https://revistahcsm.coc.fiocruz.br/hoje-na-historia-370-a-c-morre-hipocrates-considerado-o-pai-da-medicina/>

homens [...]” inferimos que a boa reputação, para o autor do juramento, parte do respaldo científico e da confiabilidade do profissional entre seus pares e na comunidade em que atua.

Os relatos **Saúde do homem em sua totalidade: relato de experiência; Avaliação geriátrica ampla e cálculo do FRAX no atendimento à população idosa de Aparecida de Goiânia;** e, **Unifan social: cuidado com a vida através da imunização** apresentam ações que incidem, justamente, sobre algumas das problemáticas que ainda persistem em nosso país e que devem ser enfrentadas com informação e ações incisivas: a baixa adesão masculina à prevenção na área da saúde, a preocupação com a população idosa, que segundo estatísticas é crescente e a questão da imunização, que tem apresentado certa rejeição por parte da população, embora tenhamos um sistema exemplar, que é o Sistema Único de Saúde (SUS), que disponibiliza a maioria das vacinas necessárias à população.

Destacamos, a partir dos trabalhos mencionados, a importância da prevenção e da extensão nas IES como proposta e “ambiente” adequados a ações que visam a integralidade do ser. Antes de tudo, a extensão leva à comunidade as informações, que se traduzem em prevenção. Informações respaldadas pela ciência permitem à população fazer escolhas que definam o seu bem estar.

Para os que propõem tais ações, a reflexão deflagrada acerca das funções exercidas pelos profissionais da saúde é uma constante: a doença (embora exista e precise ser tratada) é substituída pela prevenção. E os futuros profissionais entendem, na prática, que informação e prevenção são meios, talvez os únicos, de evitar sofrimentos físicos e psíquicos.

Além disso, as referidas atividades tem o intuito, ainda, de pensar além: a prevenção tem baixo custo social. Indivíduos saudáveis não procuram o sistema de saúde com frequência. Tecnologias leves são empregadas em detrimento de tecnologias duras, que são utilizadas para casos mais graves e inadiáveis.

Os trabalhos **Estratégias lúdicas como ferramenta de humanização do cuidado na pediatria; Oficina do corpo: um relato de experiência a respeito da atividade extensionista utilizando autoalongamento e dança;** e, **Aprender fazendo: o atendimento à comunidade como processo de formação transformadora no curso de fisioterapia da Unifan; Projeto Rondon: formação cidadã e transformação social na extensão universitária;** e, **Extensão universitária e educação digital: experiência no curso de Engenharia de Software** destacam outras possibilidades da extensão: atividades de extensão funcionais, que propiciam bem estar físico e emocional e a prática formativa cidadã.

Além da ênfase no processo formativo, é preciso assinalar que as práticas extensionistas têm sua tônica no atendimento à comunidade, tanto a local, quanto às comunidades que não têm fácil acesso a tais conhecimentos e atividades, como é o caso da educação digital e do projeto Rondon. Este último, inclusive, sai dos limites da instituição e vai até a comunidades espacialmente distantes, como cidades do interior do estado ou mesmo outros estados da federação.

A propósito, os relatórios: **Extensão universitária, ação social e cidadania no quilombo urbano de Aparecida de Goiânia; Educação financeira como ferramenta de transformação social: a atuação dos cursos de administração; e, Ciências contábeis da UNIFAN em projetos de extensão** apresentam ações que acontecem em ambientes fora do domicílio da IES, como o bairro/quilombo urbano localizado no mesmo município, ou empresas e escolas, como é o caso das atividades relativas ao curso de Administração de Empresas e Ciências Contábeis.

Tais relatórios são a divulgação de projetos (**Série Ampliação**) que se dão para além dos muros da Instituição. Por meio deles, podemos ratificar o compromisso da Unifan, via extensão, com a comunidade externa, que contribui com os conhecimentos adquiridos com alguns parceiros do/no município: parceiros, porque há uma troca de vivências e experiências que dificilmente poderiam ser adquiridas somente no interior da Instituição.

O casamento comunitário no MOCCA: tradição e transformação relata a experiência bem sucedida do curso de Direito em parceria com a comunidade. É um dos projetos de extensão dos mais antigos e é bastante ilustrativo, no que concerne ao atendimento dos anseios da comunidade. O casamento, amparado pela legitimidade civil representa, para os nubentes e para a comunidade, o acesso ao sistema jurídico descomplicado e justo, que segundo os autores do relato, denota sentimento de pertencimento cidadão.

A conclusão de mais uma edição da série **Ampliação** permite afirmar que, desde o início das atividades de extensão regulares, houve um avanço qualitativo. E com isso, tanto os alunos, os professores e toda a comunidade de Aparecida de Goiânia foram beneficiados.

Fernanda Laura Costa
Juliane Aparecida Ribeiro Diniz
Michele Giacomet

P.S.: com a colaboração dos professores Luiz Antônio de Faria, Peterson Daniel Vieira e Sabrina Fonseca Ingênito Moreira Dantas.

SUMÁRIO

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, AÇÃO SOCIAL E CIDADANIA NO QUILOMBO URBANO DE APARECIDA DE GOIÂNIA - Júlio César Borges	12
PROJETO RONDON: formação cidadã e transformação social na extensão universitária - Júlio César Borges; Ana Celuta Fulgêncio Taveira	19
O CASAMENTO COMUNITÁRIO NO MOCCA: tradição e transformação - Fernando Turchetto; Luiz Mauro Espíndola	28
EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: atuação dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da UNIFAN em projetos de extensão - Cristina Barbosa dos Santos; Sandra Maria Machado Jorge; Ricardo Borges Capelli	34
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E EDUCAÇÃO DIGITAL: experiência no curso de Engenharia de <i>Software</i> - Kelen Michela Silva Alves; Brenno Pimenta da Costa	48
A IMPORTÂNCIA DA COLPOCITOLOGIA NO CUIDADO COM A SAÚDE FEMININA – professores e estudantes do curso de Medicina da UNIFAN*	55
“APRENDER FAZENDO”: o atendimento à comunidade como processo de formação transformadora no curso de Fisioterapia da UNIFAN - Leila Medeiros Melo; Gabriela Lopes dos Santos; Guilherme da Silva Faleiro	64
AVALIAÇÃO GERIÁTRICA AMPLA E CÁLCULO DO FRAX NO ATENDIMENTO À POPULAÇÃO IDOSA DE APARECIDA DE GOIÂNIA professores e estudantes do curso de Medicina da UNIFAN**	70
ESTRATÉGIAS LÚDICAS COMO FERRAMENTA DE HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO NA PEDIATRIA - Lais Gonçalves Menezes; Hêndia Pinheiro Silva Rezende; Thatinelle Franciane de Almeida; Sâmella Soares Oliveira Medeiros; Yanyny Schneider Vilela; Fábio Marques de Almeida	76
UNIFAN SOCIAL: cuidado com a vida através da imunização - Daniel Rodrigues Silva Filho; Nicole Garcia Brandão; Luiz Carlos Gonçalves Filho; Davi de Souza Nogueira; Fábio Marques de Almeida	87
SAÚDE DO HOMEM EM SUA TOTALIDADE: relato de experiência - Thalita Monteiro Pacheco; Victoria Monteiro Pacheco; Ana Beatriz Alves Souza; Joaquim Araújo dos Santos Júnior; Shamara Nunes Martins; João Antônio da Costa Neto; Nubia Aguiar Marinho; Joede Alvarenga de Sousa Luniere; Murillo de Sousa Pinto	92

TRIAGEM AMBULATORIAL INTEGRADA AO EXAME FÍSICO NEURODERMATOLÓGICO - Christine Ott Lima; Camila Bento Soares Miranda; Amanda Alves Silva; Wander Nasser Naves; Poliana Peres Ghazale; Livia Mafalda de Lelis Domingues; Kamylla Sejane Pouso Freitas	98
UNIFAN SOCIAL: promoção da saúde em uma abordagem clínica - Luiz Carlos Gonçalves Filho; Davi de Souza Nogueira; Daniel Rodrigues Silva Filho; Nicole Garcia Brandão; Fábio Marques de Almeida	107
OFICINA DO CORPO: um relato de experiência a respeito da atividade extensionista utilizando auto alongamento e dança - Fabiana da Silveira Bianchi Perez; Nicolle Sena Souza; Laura Barbosa Godinho	111
BIODADOS	119

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, AÇÃO SOCIAL E CIDADANIA NO QUILOMBO URBANO DE APARECIDA DE GOIÂNIA

Júlio César Borges

1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo apresenta uma descrição das ações sociais realizadas no Quilombo Urbano do Jardim Cascata e Vila Delfiore, Aparecida de Goiânia, em maio de 2023. Como parte da política de extensão do Centro Universitário Alfredo Nasser, o trabalho social de estudantes e professores buscou facilitar o acesso a serviços e fortalecer o senso de cidadania dos quilombolas, habitantes da periferia da cidade. Para tanto, foram mobilizados vários cursos no contexto do Movimento Científico e Cultural de Aparecida.

Na primeira parte do texto, é feita uma caracterização histórica e antropológica dos grupos quilombolas. Na sequência, o Quilombo Urbano do Jardim Cascata e Vila Delfiore têm sua formação social delineada em paralelo com as difíceis condições de vida da população para que, então, se compreenda a importância das ações empreendidas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O que são os quilombos?

A escravatura foi abolida legalmente, no Brasil, em 13 de maio de 1888. Entretanto, não houve a mínima preocupação em se integrarem os antigos escravos à sociedade brasileira. Ao contrário, como a imigração deliberada de trabalhadores europeus aconteceu quase que simultaneamente ao fim da escravidão, os negros tornaram-se marginalizados e se viram, em geral, na mesma situação de miséria anterior à sua libertação. O preconceito racial e a desigualdade econômica com fundo racial ainda são uma triste realidade. A situação tem melhorado com o passar dos anos, mas ainda num ritmo muito lento. São vários os problemas que a população negra enfrenta no Brasil e, em Goiás e ainda estão longe da solução.

Uma parcela importante da população negra de nosso país é quilombola. Os quilombolas são grupos étnicos que, segundo critérios de autoatribuição, têm trajetória histórica própria associada à noção de ancestralidade negra.

O termo quilombo significa “acampamento guerreiro na floresta” (Leite, 2000). De origem banto, floresceu entre o Zaire e Angola, entre os séculos XVI e XVII como local onde os oprimidos se encontravam para se opor às instituições escravocratas. Era a associação de homens que, desvinculados de suas linhagens, passavam por rituais que os iniciava nas técnicas de guerra contra o colonialismo europeu.

No Brasil contemporâneo, os quilombos constituem comunidades organizadas, nem sempre isoladas ou surgidas de insurreições, que vêm resistindo a processos de dominação e violação de direitos desde o fim da escravatura. São grupos – formados principalmente por negros e negras – que desenvolveram práticas cotidianas de produção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de seus territórios, com experiência comum e trajetórias compartilhadas mediante grande capacidade organizativa (Bastos, 2007; Schmitt; Turatti; Carvalho, 2002).

Os quilombolas vivem em quase todos os estados brasileiros (com exceção apenas do Acre e Roraima). Em Goiás, são cerca de 4.000 quilombolas em 33 comunidades, incluindo o Quilombo Urbano de Aparecida de Goiânia.

À parte aqueles que vivem na zona rural (a maioria), as comunidades quilombolas estão, majoritariamente, localizadas em regiões de baixa renda nas grandes metrópoles brasileiras, tal como em Aparecida de Goiânia. A conformação do espaço urbano brasileiro, em especial nas últimas décadas do século XIX até o período da industrialização, na primeira metade do século XX, caracterizou-se pela congruência de definições legislativas, desenvolvimento econômico e poderes locais como forças operantes da marginalização de pessoas e comunidades, com peso agravado por seu pertencimento étnico.

Neste sentido, os assim chamados “quilombos urbanos” contemporâneos se configuram como grupos sociais de resistência a um sistema de exclusão, comunidades de ascendência marcadamente negra – mas não exclusivamente –, no geral empobrecidas, com ethos e costumes diferenciados dos grupos que lhes circundam. Um confinamento espacial é proporcionado pela marginalização por parte das políticas públicas. A ausência de políticas específicas para um contingente dotado dessa peculiaridade histórica e a precariedade das políticas universalistas conformaram os “quilombos urbanos” como espaços socialmente distantes (Oliveira; D’abadia, 2015, p. 269).

Apesar da marginalização social, invisibilidade e preconceito sofridos, essas coletividades lutam para superar situações marcadas pela escassez material agravada pela parca presença do poder público.

2.2 Quilombo Urbano Jardim Cascata: *o difícil caminho rumo à cidadania*

O Estado de Goiás possui oitenta e duas comunidades quilombolas, entre certificadas e não certificadas, conforme estimativas da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq) – Coordenação de Goiás. O Quilombo Urbano Jardim Cascata é uma delas, que – junto com Tomás Cardoso (Goianésia), Nossa Senhora Aparecida (Cromínia), Antônio Borges (Barro Alto) e Vó Rita (Trindade) – vive em área urbana no nosso estado.

A realidade vivida pelos quilombolas, na periferia de Aparecida de Goiânia, é tão difícil quanto a de tantos outros Brasil afora. Eles estão localizados num quilombo urbano nascido em 1991 e registrado, oficialmente, em 2007, como reconhecimento estatal do parentesco direto dos seus moradores com escravos e ex-escravos. As famílias são compostas por cinco pessoas, em média, que vivem em casas de alvenaria e utilizam o ônibus como principal meio de locomoção na cidade. Possuem baixa escolaridade e sobrevivem com baixos rendimentos oriundos de trabalhos informais, na grande maioria. Hoje, a comunidade tem aproximadamente 200 pessoas que também vivem na Vila Delfiore em um conjunto de casas construídas, especialmente para elas, pelo poder público municipal com recursos do programa federal **Minha Casa, Minha Vida**. Ao longo do tempo foram várias as conquistas, sendo esta a principal, mas ainda há muito a fazer porque ainda permanecem em luta por cidadania em uma sociedade preconceituosa e excludente.

As comunidades quilombolas urbanas se veem inseridas em meio aos problemas próprios de espaços urbanos carregados da complexidade e da heterogeneidade que permeiam a vida cidadina. A apropriação de seus territórios se vincula, geralmente, à realidade da periferia e/ou de espaços marginalizados e/ou segregados. São espaços etnicamente diferenciados por serem constituídos por grupos identitários que buscam o reconhecimento de sua identidade e a segurança jurídica de seu direito à propriedade para romper o ciclo da segregação espacial (Oliveira; D'abádia, 2015, p. 259).

As pessoas que se reconhecem como quilombolas, no Jardim Cascata e Vila Delfiori, vieram do interior de Minas Gerais e Goiás. A comunidade começou a existir, no final dos anos de 1980, com a migração das famílias Ferreira e Caldas para a região da Serra das

Areias, na periferia de Aparecida de Goiânia. Quando elas chegaram, era “só mato e a gente ali no meio [...] e aí chegaram mais outras pessoas que se juntaram e formaram ali a comunidade”, ressalta Célio Caldas, destacando que muitos já pertenciam a comunidades quilombolas em suas cidades de origem, como Goianésia/GO, Uruaçu/GO e Formigas/MG.

O aglomerado de famílias que, depois, viriam a se reconhecer como quilombola formou-se ao acaso: oriundas de várias localidades diferentes, não tinham contato prévio, mas acabaram por morar perto umas das outras num terreno posteriormente doado pela prefeitura no Jardim Cascata. Como observam Oliveira e D’Abadia (2015, p. 269), acerca da história de formação de quilombos urbanos, “há um intenso processo de migração de jovens, adultos e até idosos do campo para bairros de cidades próximas em face de precárias condições de vida na área rural e na busca por educação, trabalho, e saúde”.

O reconhecimento oficial como coletividade quilombola veio em 2007. Uma pesquisadora, da superintendência de Igualdade Racial do governo estadual, fez um estudo que averiguou a ascendência histórica do grupo. Como ressalta Célio Caldas, liderança local, *“a partir desse momento a gente até se uniu mais porque viu que realmente era quilombolas; aí começou, mas isso vem de descendência de quilombo, de escravos, meus avós já vivenciava todo o costume [capoeira, puxada de rede, maculelê, maracatu, congada, língua crioula]”*. Então as famílias se uniram, constituíram uma associação comunitária (em 2006) e partiram para Brasília a fim de interpelar a Fundação Cultural Palmares, para que fosse certificada a comunidade como remanescente de quilombo.

Aí a gente já começou a ver que tinha os nossos direitos; porque os direitos vêm através das conquistas mesmo da gente. Ser reconhecido como remanescente de quilombo foi uma vitória muito grande, porque a gente não sabia nem quem a gente era, a gente começa a ser assim, fica meio perdido. O que a gente conseguiu depois da associação eu sinto assim que nós, nós todos, ficamos melhor perante os órgãos públicos. Mais respeitados, porque a gente hoje tem voz, antigamente não tinha, a gente era assim: nada. Por ser quilombola essa conquista foi grande, certo, respeito (Maria Lúcia Ferreira, liderança comunitária).

É a partir do reconhecimento como “quilombola” que esse grupo social passou a se enxergar como sujeito de direito. Necessário é visualizar essa parcela do espaço urbano de Aparecida de Goiânia como “território negro” construído pelo sentimento de pertencimento ao lugar e ao grupo social com história que remete à época da escravidão (Clemente; Silva, 2014). Seu território é o cerne para o qual convergem a identidade ligada à ancestralidade africana e a busca de condições dignas de vida em um grande centro urbano.

Se pensarmos no processo de constituição das comunidades remanescentes quilombolas podemos dimensionar como se processa a relação entre espaço e identidade (reconhecimento). É possível pensar na construção identitária dos quilombolas do Jardim Cascata numa lógica de que sua “postura identitária” atual desarticula as identidades estáveis do passado (de constante submissão, ao se pensar na população negra), abrindo a possibilidade de novas articulações. Nessa lógica, há a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos. (...) As identidades dos quilombolas do Jardim Cascata se aproximam em certos pontos, principalmente naqueles que se dizem “sujeitos de direito” (Oliveira; D’abadia, 2015, p. 270).

O reconhecimento como “quilombola” não foi concomitante à garantia de condições de vida digna pelo Estado brasileiro. Daí a necessidades de ações sociais tais como aquelas realizadas no **Mocca na Comunidade**.

2.3 Ação social: *Mocca na Comunidade*

No dia 27 de maio de 2023, o Centro Universitário Alfredo Nasser ofereceu diversos serviços no Quilombo Urbano de Aparecida de Goiânia, no Centro Comunitário da Vila Delfiore, que beneficiaram também as famílias quilombolas do Jardim Cascata. As ações fizeram parte do Movimento Científico e Cultural de Aparecida, o Mocca, sob a coordenação do **Núcleo de Estudos e Ações para Diversidade** e do **Projeto Unifan na Comunidade**.

As ações mobilizaram diversos cursos da Instituição. Foram oferecidas consultas médicas (10 atendimentos), atendimento odontológico (15 atendimentos), vacinação (15 atendimentos), testes de pressão arterial e glicemia (35 atendimentos), tipagem sanguínea (15 atendimentos), orientações jurídicas (5 atendimentos), atendimento psicológico (10 pessoas) e palestra sobre segurança pública (20 pessoas).

Segundo Maria Lúcia, liderança quilombola do Jardim Cascata, o **Mocca na Comunidade** contribuiu com a melhoria da qualidade de vida na região.

Muito importante essa ação no Quilombo do Delfiore. Muito bom! Ficamos muito felizes. Fomos muito bem atendidos pelos alunos. Muito importante que esse tipo de ação aconteça sempre. Mocca na Comunidade foi gratificante: dentistas, psicólogos, médico... Se puder voltar, vai ser ótimo porque muita gente ficou sem atendimento; tá muito difícil! Lá está precisando muito. E o pessoal ficou muito feliz. Graças a Deus deu certo. Foi muito gratificante. Temos só a agradecer o esforço de vocês para vir. Foi muito importante! Até eu fui atendida. Fiquei muito feliz! Faz muita diferença essa ação na vida da comunidade. Vocês não sabem o quanto? Podem continuar fazendo ... estaremos aqui para receber vocês. Tudo o que é feito com amor traz solução. Agradecemos nosso deputado federal, o prof. Alcides.

Figura 1 - “Mocca na Comunidade” - Centro Comunitário da Vila Delfiore



Fonte: estudantes do curso de Psicologia da UNIFAN.

Figura 2 - População do quilombo na Vila Delfiore



Fonte: estudantes do curso de Psicologia da UNIFAN.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje em dia, os quilombolas também estão empenhados na conquista de direitos de cidadania. Além da preservação de suas culturas e identidades, a comunidade e suas lideranças lutam por melhor infraestrutura em seus territórios, com a instalação de equipamentos sociais nas comunidades e presença de políticas públicas. O acesso à terra, em sua visão de mundo, deve estar relacionada à identidade étnica como condição essencial para uma vida digna ante à injustiça histórica cometida contra a população negra no Brasil.

Para tanto, a atuação das Instituições de Educação Superior é estratégica para melhoria das condições de vida da população quilombola. Empenhado nessa direção, o Centro Universitário Alfredo Nasser dispõe de um regulamento de atividades de extensão que, em consonância com a Resolução CNE/CES nº. 7/2018, busca aproximar a comunidade acadêmica da realidade cotidiana, por meio da produção e socialização de práticas e conhecimentos; promover a formação cidadã dos estudantes; difundir as conquistas e os benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição; e, contribuir para o cumprimento dos objetivos do Plano de Desenvolvimento Institucional e dos Projetos Pedagógicos dos Cursos.

A edição 2023 do **Mocca na Comunidade** foi concebida e realizada com esses objetivos em vista. A ação levou atendimentos em saúde, orientações jurídicas, atendimento psicológico, rodas de conversas sobre racismo e autoestima, palestra sobre Segurança Pública e atividades lúdicas para as crianças. A oportunidade serviu de aprendizado aos estudantes que, sob supervisão docente, puderam aplicar conhecimentos e habilidades para, na lógica da extensão universitária, contribuir com a melhoria da qualidade de vida na comunidade.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Priscila da Cunha. Entre o quilombo e a cidade: trajetória de uma jovem quilombola. In: MDS. **Prêmio Territórios Quilombolas**. 2. ed. Brasília: MDA, 2007.
- CLEMENTE, Claudelir C.; SILVA, José Carlos G. da. Dos quilombos à periferia: reflexões sobre territorialidades e sociabilidades negras urbanas na contemporaneidade. **Crítica e Sociedade**: revista de cultura política. v. 4, n. 1, Dossiê: Relações Raciais e Diversidade Cultural, jul. 2014.
- LEITE, Ilka B. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, v. IV, n. 2, 2000.
- OLIVEIRA, Fernando B.; D'ABADIA, Maria Idelma V. Territórios quilombolas em contextos rurais e urbanos brasileiros. **Élisée**, Rev. Geo. UEG – Anápolis, v. 4, n. 2, p.257-275, jul. /dez. 2015. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/viewFile/3712/2822>. Acesso em: 2 set. 2017.
- SCHMITT, T.; TURATTI, M. C.; CARVALHO, M. C. P. A atualização do conceito de quilombo: identidade e territórios nas definições teóricas. **Ambiente e Sociedade**, ano V, n. 10, 2002.

PROJETO RONDON:
formação cidadã e transformação social na extensão universitária

Júlio César Borges
Ana Celuta Fulgêncio Taveira

1 INTRODUÇÃO

O Centro Universitário Alfredo Nasser (Unifan) participou, entre os dias 19 de janeiro e 5 de fevereiro de 2023, da **Operação Lobo-Guará** do **Projeto Rondon**, na cidade de Nova Roma, região norte de Goiás. A Unifan foi selecionada mediante proposta apresentada em concorrência pública com outras instituições de ensino superior de Goiás, Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. No mesmo local e período, sua equipe cooperou com a do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), cujo conjunto temático englobou comunicação, meio ambiente, tecnologia, produção e trabalho. Foram visitadas diversas comunidades da zona rural e do núcleo urbano do município, onde os acadêmicos do Centro Universitário Alfredo Nasser promoveram rodas de conversas, oficinas, minicursos e palestras, direcionadas a agentes públicos e sociedade civil, sobre os temas da cultura, justiça e Direitos Humanos, educação e saúde. Nosso objetivo aqui é fazer um relato dessa experiência de extensão universitária, realizada em consonância com o que preconiza a Resolução do Conselho Superior (CS) n. 7, de 28 de abril de 2022¹.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Diagnóstico

O **Projeto Rondon**, desenvolvido e coordenado pelo Ministério da Defesa, teve início no ano de 1967. Em sua primeira operação (Operação Zero ou Piloto), contou com trinta alunos e dois professores de universidades do Estado do Rio de Janeiro que realizaram ações de extensão em Rondônia. Sua primeira fase durou até o ano de 1989. No ano de 2005, foi

¹ Disponível em: <https://www.unifan.edu.br/unifan/aparecida/wp-content/uploads/sites/2/2022/04/Atividades-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

retomado e até o presente já realizou, segundo dados do Ministério da Defesa, oitenta e duas operações, em 1.213 municípios de vinte e quatro unidades da federação, com a participação de 2.306 instituições de ensino superior e 22.896 rondonistas (universitários e professores), alcançando cerca de 2 milhões de pessoas. **O Projeto Rondon**, com isso, busca produzir efeitos duradouros na vida econômica, social, política e cultural da população local onde atua. “Poderosa ferramenta de transformação, tanto de universitários quanto das comunidades beneficiadas, o Projeto Rondon prioriza a formação de multiplicadores entre produtores, agentes públicos, professores e lideranças locais”².

O Projeto conta com parceria do Ministério da Educação, do Ministério da Cidadania, do Ministério da Saúde, do Ministério do Meio Ambiente, do Ministério da Integração Nacional e da Secretaria de Governo da Presidência da República, além dos Governos Estadual e Municipal e Instituições de Ensino Superior reconhecidas pelo Ministério da Educação. Tem como objetivos gerais contribuir para o desenvolvimento e o fortalecimento da cidadania do estudante universitário e com o desenvolvimento sustentável, o bem-estar social e a qualidade de vida nas comunidades carentes, usando as habilidades universitárias.

Nessa direção, a participação da Unifan esteve alinhada com a Política Nacional de Extensão Universitária. Seus valores contemplam o engajamento das Instituições de Ensino Superior em ações focadas na superação da desigualdade e da exclusão social existentes no Brasil; ação cidadã com efetiva difusão e democratização dos saberes nelas produzidos; produção de conhecimentos que visem a transformação social; atuação junto ao sistema de ensino público para o fortalecimento da educação básica através de contribuições técnico-científicas e colaboração na construção e difusão da cidadania (FORPROEX, 2015).

As ações realizadas estão balizadas pela Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (*Transformando Nosso Mundo*), da Organização das Nações Unidas (ONU).

Nós decidimos, até 2030, acabar com a pobreza e a fome em todos os lugares; combater as desigualdades dentro e entre os países; construir sociedades pacíficas, justas e inclusivas; proteger os direitos humanos e promover a igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres e meninas; e assegurar a proteção duradoura do planeta e de seus recursos naturais. Resolvemos também criar condições para um crescimento sustentável, inclusivo e economicamente sustentado, prosperidade compartilhada e trabalho decente para todos, tendo em conta os diferentes níveis de desenvolvimento e capacidades nacionais (ONU, 2015, p. 2-3).

O município de Nova Roma está situado na microrregião da Chapada dos Veadeiros, mesorregião do Norte Goiano. Ao todo, esta mesorregião tem duas microrregiões (a outra é

² Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/programas-sociais/projeto-rondon>. Acesso em: 17 abr. 2022.

Porangatu) e um total de 27 (vinte e sete) municípios cuja população, de 294.110 habitantes, se espalha numa área total de 53.729,9 km² (dados do IBGE)³.

Nessa microrregião se situam cidades que exibem baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH). Sobre essa área geográfica da mesorregião Norte Goiano, Teixeira Neto (2018, p. 10) assinala que “é realmente na banda Leste [onde se situa a microrregião Chapada dos Veadeiros] que os índices sociais são os mais negativos do estado, não obstante a exuberância e o potencial elevado de suas possibilidades econômicas” (Ver também IFG, 2012).

Segundo o Índice de Desempenho dos Municípios goianos (IDM), desenvolvido pelo Instituto Mauro Borges, ligado ao gabinete da Casa Civil do Governo de Goiás, os municípios da microrregião da Chapada dos Veadeiros estão entre as piores do Estado. O IDM busca traduzir o desempenho dos municípios goianos em um indicador sintético que agrupa seis dimensões: economia, trabalho, educação, segurança, infraestrutura e saúde⁴.

Estes aspectos fazem do IDM um índice que pode ser amplamente utilizado para acompanhamento das condições de desenvolvimento dos municípios goianos, constituindo-se de uma ferramenta para diagnósticos e de suporte para a proposição e orientação de políticas públicas (IMB, 2019, p. 5).

Os municípios da mesorregião da Chapada dos Veadeiros ficam entre os últimos na classificação do *ranking* IDM de Goiás: dentre um total de 246 municípios e Nova Roma é apenas o 228º.

Outro estudo do Instituto Mauro Borges confirma o quadro de alta vulnerabilidade socioeconômica da microrregião e, em especial, de Nova Roma. Com objetivo de verificar como a vulnerabilidade se expressa nas diferentes regiões do estado de Goiás, o Instituto, com análise de agrupamento (*cluster analysis*), agrupou os municípios goianos em grupos diferentes, de acordo com as características de vulnerabilidade das pessoas e dos domicílios dos municípios (IMB, 2018). A partir desses indicadores, o IMB dividiu os municípios goianos em quatro grupos, de acordo com sua vulnerabilidade social: Grupo 1 – Com

³ Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2021, a população do Estado de Goiás é de 7.206.589 pessoas distribuídas em 246 municípios organizados em 5 (cinco) mesorregiões e em 18 (dezoito) microrregiões. A relação de todos os municípios da microrregião da Chapada dos Veadeiros contempla: Alto Paraíso de Goiás; Campos Belos; Cavalcante; Colinas do Sul; Monte Alegre de Goiás; Nova Roma; São João d'Aliança e Teresina de Goiás. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

⁴ Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2021, a população do Estado de Goiás é de 7.206.589 pessoas distribuídas em 246 municípios organizados em 5 (cinco) mesorregiões e em 18 (dezoito) microrregiões. A relação de todos os municípios da microrregião da Chapada dos Veadeiros contempla: Alto Paraíso de Goiás; Campos Belos; Cavalcante; Colinas do Sul; Monte Alegre de Goiás; Nova Roma; São João d'Aliança e Teresina de Goiás.

mercado de trabalho e bons domicílios; Grupo 2 – Com concentração de renda e precariedade dos domicílios; Grupo 3 – Renda distribuída e com boa educação; Grupo 4 – Baixa perspectiva educacional e boa empregabilidade. O município objeto deste projeto está situado nos grupos 2 e 4.

Nova Roma é um dos municípios, da microrregião, em que há forte concentração de renda, baixa escolaridade e precariedade dos domicílios. Os 30% mais ricos se apropriam da maior parte da riqueza. Há precariedade de domicílios; alto número proporcional de pessoas extremamente pobres; maior percentual de crianças pobres e vulneráveis à pobreza e extremamente pobres; menor percentual de trabalhadores com carteira assinada; menor percentual de domicílios com banheiro e água encanada, com coleta de lixo e com energia elétrica; maior percentual de pessoas dependentes financeiramente de idosos; maior percentual de jovens de 15 a 24 anos que não estudam nem trabalham e são vulneráveis à pobreza; gravidez precoce; maior taxa de analfabetismo do estado para as pessoas de 15 anos ou mais; menor percentual de pessoas com 18 anos ou mais com o ensino médio completo e com 25 anos de idade ou mais que completaram o ensino superior. Além disso, em Nova Roma o número de adultos analfabetos é de 24,7%, percentual bem acima das médias nacional (6,8%) e estadual (10,1%)⁵ (IMB, 2018).

2.2 Ações

Tendo isso em vista, nossa Instituição de Ensino Superior atuou com professores rondonistas de formação acadêmica sólida (em Ciências Humanas) e senso de compromisso com a transformação cidadã da sociedade: Prof. Dr. Júlio César Borges e Profa. Dra. Ana Celuta Fulgêncio Taveira. Os alunos foram recrutados, mediante processo seletivo público, nos cursos de Direito (Juliana Mello de Carvalho e Arthur Dourado Brito), Psicologia (Davi Souza Campos e Ruth Martins do Nascimento), Pedagogia (Danielle Helena Ganzer Quixabeira e Gleyce de Sousa Carlos) e Medicina (Ayslan Rodrigues de Paiva e Ailton Borges da Silva).

Eles acompanharam a preparação, execução e avaliação das atividades temáticas (*Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação e Saúde*) concebidas, segundo metodologia

⁵ Os dados utilizados nesse estudo foram obtidos no Atlas do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) 2010. O Atlas é uma plataforma de consulta ao IDH dos municípios brasileiros e fornece mais de 200 indicadores relacionados à demografia, educação, renda, trabalho, habitação e vulnerabilidade, a partir dos dados extraídos dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010.

Disponível em: <http://www.imb.go.gov.br/files/docs/publicacoes/estudos/2018/a-vulnerabilidade-social-dos-municipios-goianos.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

participativa, para atender aos objetivos da mencionada **Agenda 2030** para o Desenvolvimento Sustentável da ONU. Com isso, tivemos uma equipe multi e interdisciplinar envolvida com as principais etapas da prática extensionista, o que implica na formação de estudantes como sujeitos engajados nas grandes questões contemporâneas, tal como preconizado na referida Política Nacional de Extensão Universitária. É nessa direção que a Agenda 2030 das Nações Unidas preconiza a transformação da realidade local (ONU, 2015).

Figura 1 - Ação do Projeto Rondon em Nova Roma



Fonte: arquivo da equipe Unifan.

Direcionadas a um público capaz de multiplicar ações no seio da comunidade de modo a torná-las permanentes. As atividades extensionistas abordaram os seguintes temas: memórias do povoamento da região, direitos humanos e constitucionais, saúde integral, direitos previdenciários, estatuto da criança e do adolescente, hipertensão, conselhos municipais, motivação frente à dificuldade de aprendizagem, saúde mental (ansiedade e depressão), homofobia, *bullyng*, racismo, cooperativismo, aferição de pressão arterial, glicose, saúde mental, adolescência (ansiedade, depressão, álcool, tabagismo etc.), empoderamento feminino, conselho Tutelar - estrutura, normativas e funcionamento, agentes comunitários de saúde, DST (doenças sexualmente transmissíveis) e IST (infecções sexualmente transmissíveis), testagem de pressão arterial, direitos das mulheres e crianças (violência sexual e trabalho infantil), mediação de conflitos e relacionamentos interpessoais, vacinação e prevenção, saúde feminina e inclusão na gestão municipal.

Figura 2 - Projeto Rondon na zona rural de Nova Roma



Fonte: arquivo da equipe Unifan.

Segundo os(as) acadêmicos(as) que participaram da **Operação Lobo-Guará**, o **Projeto Rondon** proporcionou o aprendizado prático que as atividades de extensão propõem. Além disso, a interação com o público beneficiário despertou e aprimorou qualidades humanas desses futuros profissionais, com senso de cidadania e compromisso com a transformação social (grifos nossos). Consideramos pertinente reproduzir algumas percepções dos rondonistas, que seguem:

Essa edição do projeto Rondon me trouxe muito aprendizado, como ter uma escuta ativa, enxergar e me colocar no lugar do outro. Na área da educação muito agregou nos meus conhecimentos de mundo e de realidades diferentes, saber respeitar culturas e tradições sem ser as minhas. Eu trouxe muita bagagem através do projeto Rondon. No começo não foi fácil, pois tive que deixar minha família, meu esposo, meus filhos, minha casa, meu serviço e sair da minha zona de conforto. Foi uma das melhores experiências da minha vida, no âmbito pessoal, me sinto mais humana, fiz muitas amizades, tentando levar um pouco de dignidade para aquelas pessoas tão maravilhosas. No âmbito acadêmico, já cheguei compartilhando os conhecimentos lá adquiridos para meu projeto de pesquisa e de residência. Conhecer outras realidades me fez ampliar minha visão de educação, cultura, saúde e direitos! (Danielle Helena Ganzer Quixabeira - rondonista da Pedagogia).

É difícil descrever em palavras a experiência de ser rondonista e mais difícil ainda é descrever os sentimentos vivenciados em um curto período de tempo. A operação foi muito intensa, desde o trabalho árduo até as relações que foram se estreitando a cada dia. Em todas as oficinas e palestras eu convidava o público a se desconectarem do mundo exterior e conectarem no “Aqui-e-agora” e foi simplesmente isso que aconteceu comigo, de uma forma inconsciente eu desconectei totalmente do meu mundo exterior e me conectei inteiramente ao projeto, o que de fato foi transformador. O projeto me possibilitou um encontro genuíno com a melhor versão de mim, que por muito tempo foi silenciada pelos meus medos e inseguranças. O Rondon me impactou de uma forma muito positiva, nosso lema era

formar agentes multiplicadores e fomos formados pela comunidade de Nova Roma a multiplicar amor, acolhimento e simplicidade, na qual multiplicarei por onde a vida me levar. A Operação Lobo-guará me provou que estou no caminho e no curso certo, aplicar um pouco da Psicologia Social e Comunitária me fez apaixonar mais ainda por essa área (Ruth Martins do Nascimento - rondonista da Psicologia).

Para minha vida acadêmica agrega no sentido de eu conseguir conhecer mais a fundo como funciona a saúde pública no Brasil, qual é a realidade fora dos grandes centros urbanos de como a Medicina e a saúde são praticadas, como são importantes os mecanismos e políticas públicas de saúde, além de eu consegui exercitar um pouco do que aprendi no âmbito prático quanto no teórico do fazer da saúde. Já do ponto de vista pessoal, foi uma experiência que mudou completamente a minha vida. Saio do projeto Rondon uma nova pessoa, acho que é por isso que dizem que alguém nunca deixa de ser rondonista. Inclusive se me tornar professor um dia, quero muito ser o coordenador de várias equipes no futuro. Semear sementes com este projeto, eu mesmo me torna uma semente semeada, e que uma vez germinada, fará de volta o ciclo de semear sementes no futuro (Ailton Borges da Silva - rondonista da Medicina).

Foi uma oportunidade ímpar em meu aperfeiçoamento profissional, pessoal e social. O povo da cidade foi meus professores e a sociedade minha escola; lá tive a oportunidade de exercitar minha oratória através das palestras que ministrei. Para além disso, tive que ser dinâmico para prender a atenção do público que me ouvia. Além do mais, melhorei minhas habilidades de trabalhar em equipe, e de lidar com as frustrações quando algo não dava certo. O convívio com vários colegas, de diversas áreas científicas e com a própria comunidade local, propiciou um ambiente "multidisciplinar", onde pudemos admirar o conhecimento científico de diversas áreas se relacionando e contrastando com o saber empírico e com a própria realidade. Como operador do direito pude ver com detalhes o direito perfeito e o Direito Real, seus problemas e as soluções para elas, mas a maior lição que aprendi foi a de "Amar o próximo, e dividir com o próximo o pouco que se tem". O que mais me chamou a atenção e levarei para minha vida como lição foi perceber que, embora aquele povo viva com diversas carências materiais e de políticas públicas, é feliz. As pessoas encontraram a felicidade na vida simples e humilde. Fazem da solidariedade mútua a solução temporária para falta de assistência do Estado (Arthur Dourado Brito - rondonista do Direito).

A experiência de vivenciar o Projeto Rondon me agrega em diversos âmbitos tanto na minha vida pessoal e acadêmica. São vários pontos como poder conhecer outros acadêmicos com objetivos semelhantes, vivenciar a experiência de estar imerso em uma comunidade diferente da minha, ter a oportunidade de colocar meus conhecimentos em prática e diversas outras. Mas acredito que uma das experiências que muito me agrega, foi ter o contato horizontal com a equipe multidisciplinar, principalmente com as Agentes Comunitárias de Saúde com os quais pude aprender sobre a realidade daquela região e do SUS. Assim como também pude aprender sobre ervas e plantas medicinais com a comunidade local, então para mim uma das experiências que me marcaram profundamente no âmbito pessoal e acadêmico foi poder me colocar em uma posição de horizontalidade transmitindo e recebendo conhecimentos. Isso foi algo único, que com certeza levarei para as minhas futuras relações pessoais e profissionais (Ayslan Rodrigues de Paiva - rondonista da Medicina).

Projeto Rondon é uma lição de vida e de ensinamentos, saber que conseguimos alcançar as demandas que a cidade precisava foi um alimento a mais para todos os rondonistas. O projeto não foi apenas uma extensão acadêmica mas sim de esperança de que todo trabalho árduo foi concretizado! Se todos pudessem participar de uma única vez do Projeto Rondon saberia todo sentimento que o pós projeto traz, eu só tenho que agradecer aos professores que nos acompanharam e as minhas amigas que foram criadas em um laço tão profundo e verdadeiro, as pessoas daquela cidade que eu sempre levarei em meu coração e o sentimento de

pertencimento, pude sugar de todo conhecimento de ambas as áreas e pude também contribuir com todas elas! (Juliana Mello de Carvalho - rondonista do Direito).

Tenho certeza que eu irei levar muita coisa comigo, porém o que me mudou como pessoa, depois da minha participação no projeto, foi a minha maneira de ver o mundo, e de como as coisas mais simples da vida me fizeram feliz e que irei dar muito valor a tudo o que eu vivi e estou vivendo pós projeto, cada experiência, cada visita a escolas, cada oficina, ficará gravado na minha memória como algo que me transformou de uma maneira extraordinária que eu jamais conseguirei explicar, ficará marcado nas nossas vidas, disso eu tenho certeza. A cidade que nos recebeu e nos acolheu tão bem, me senti cuidada e amada. Agrega de inúmeras formas, uma delas é a troca que tivemos com pessoas com anos de experiência, isso não tem preço, você poder compartilhar o que sabe e vivenciar a realidade da comunidade. E como pessoa eu vou ter um olhar diferente a respeito de tudo, vou levar a vida com mais leveza e saber que tudo tem um jeito e que eu posso tudo depois dessa experiência incrível (Gleyce de Sousa Carlos - rondonista da Pedagogia).

Tornar-me um rondonista é ser pelo outro sem olhar pra mim e ser feliz por estar sendo. Aprender vendo, sendo e vivendo. Aplicar na prática o que as teorias dizem sobre micropolítica, território, psicologia social, máscaras sociais, análise do comportamento, abordagem cognitivo-comportamental, etc. Que o desafio maior está dentro de nós, está no conforto de ser quem somos. E mesmo quando me preparei para aplicar algum conhecimento que tinha, aprendi. E com isso, ter a certeza que não se pode imaginar saber quanto vai está ensinando ou aprendendo, pois a amálgama do saber é emocionantemente mista, fluída, circular. Acreditar em mim, no meu potencial, crer que tentar estar sendo influirá que serei quando for. A herança de ser rondonista é a responsabilidade de auxiliar ao custo que for. Na alegria de ver a cicatriz já seca do sangue, suor e lágrimas sabendo que “isso é Rondon” (Davi Souza Campos - rondonista da Psicologia).

Figura 3 - Formação de agentes multiplicadores em saúde



Fonte: arquivo da equipe Unifan.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram visitadas diversas comunidades da zona rural e do núcleo urbano de Nova Roma. As ações beneficiaram os povoados do Brejo, Aurominas, São Sebastião, Amendoim, Cormari, Canabrava (Projeto de Assentamento da Reforma Agrária) e a comunidade kalunga da Família Magalhães. Na cidade, os rondonistas concentraram seus esforços no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), Academia da Saúde, Feira Coberta, Escola Municipal Henrique Passos e Escola Estadual Castelo Branco. Com uso de diferentes metodologias, a Unifan conseguiu atingir centenas de pessoas dos públicos-alvo. Com a realização das atividades de extensão, almejamos ter contribuído com a minimização dos problemas que afligem a população de Nova Roma.

REFERÊNCIAS

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**, Manaus 2012. Florianópolis: UFSC, 2015.

IFG. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Observatório Nacional da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. **Boletim Técnico n. 5**. Análise da adequação da oferta de educação profissional e tecnológica à nova dinâmica do mercado de trabalho forma na mesorregião Norte Goiano, Estado de Goiás. Goiânia: IFG, 2012.

IMB. Instituto Mauro Borges. **Índice de Desempenho dos Municípios Goianos – IDM 2018**. Goiânia: IMB, 2019. Disponível em: <http://www.imb.go.gov.br/files/docs/publicacoes/idm/idm2018.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

IMB. Instituto Mauro Borges. **A vulnerabilidade social nos municípios goianos**. Série Estudos IMB. Goiânia: IMB, 2018. Disponível em: <http://www.imb.go.gov.br/files/docs/publicacoes/estudos/2018/a-vulnerabilidade-social-dos-municipios-goianos.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio), Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/images/ed_desenvsust/Agenda2030-completo-site.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023.

TEIXEIRA NETO, Antônio. Norte goiano: meio natural, povoamento e urbanização. **Élisée**, Rev. Geo. UEG, Porangatu, v. 7, n. 1, p. 8-40, jan./jun. 2018.

O CASAMENTO COMUNITÁRIO NO MOCCA: tradição e transformação

Fernando Turchetto

Luiz Mauro Espíndola

1 INTRODUÇÃO

O casamento comunitário é uma atividade da 13ª edição do Movimento Cultural e Científico de Aparecida de Goiânia. Considerado como o maior evento extensionista na região centro-oeste, o MOCCA realiza diversas ações sociais, de maneira que o casamento comunitário é tido como uma tradição¹. “Gadamer argumenta que a tradição, assim como a linguagem, é algo que faz parte da subjetividade dos sujeitos. Porém, a tradição, como é o caso da linguagem, constantemente passa por mudanças” (Ventura, 2015, p. 50).

Nesse sentido de mudanças, transformações e adaptações, o relatório que se propõe ao leitor é um testemunho do que já foi realizado e tem o objetivo de descrever objetivamente - e com imagens – a tradição do casamento comunitário no MOCCA. Este relatório está dividido em duas etapas. No primeiro tópico, iremos expor alguns acontecimentos que marcaram a história do casamento comunitário ao longo do tempo, destacando-o como um evento tradicional em defesa da cidadania e da cultura em Aparecida de Goiânia.

Já no segundo e último tópico, apresentaremos o número de casamentos realizados no 19º MOCCA, realizado no ano de 2024, como também, mostraremos algumas imagens da estrutura, do evento, dos responsáveis pela ação e dos membros do Núcleo de Prática Jurídica (NPJ) do curso de Direito do Centro Universitário Alfredo Nasser. Ao término do relatório, algumas considerações finais serão tecidas.

¹ “A tradição é essencialmente conservação e como tal sempre está atuante nas mudanças históricas. No entanto, a conservação é um ato da razão, ainda que caracterizado pelo fato de não atrair a atenção sobre si. Essa é a razão por que as inovações, os planejamentos intentem mostrar-se como única ação e resultado da razão. Isso, no entanto, apenas parece ser assim. Inclusive quando a vida sofre suas transformações mais tumultuadas, como em tempos revolucionários, em meio à suposta mudança de todas as coisas conserva-se muito mais do que era antigo do que se poderia crer, integrando-se com o novo numa nova forma de validez. Em todo caso, a conservação representa uma conduta tão livre como a destruição e a inovação. Tanto a crítica à tradição, como a sua reabilitação romântica, fica muito aquém de seu verdadeiro ser histórico”. In: GADAMER, Hans, *Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 4. ed. Petrópolis: Ed. Vozes. 2002. p. 423.

2 TRADIÇÃO, AÇÃO, CIDADANIA E CULTURA: o casamento comunitário do MOCCA

De fato, da realização da 13ª edição até última, muita coisa aconteceu, ou melhor, muito do casamento comunitário foi se transformando, seja com a realização de casamentos homoafetivos², seja com a procura e efetivação do casamento por noivos que estão na terceira idade, seja pelo sonho do casal que tinha um dos noivos em tratamento de saúde, obtendo alta médica apenas para a realização da cerimônia.

Segundo o coordenador do Núcleo de Práticas Jurídicas (NPJ) do curso de Direito, professor Luiz Mauro Espíndola, mesmo com as dificuldades enfrentadas durante a pandemia (contexto em que não foi possível a realização do casamento comunitário no MOCCA, em 2020 e em 2021), é notória a procura de pessoas interessadas em participar do processo de inscrição no casamento comunitário, sinal que a ação em benefício da cidadania e da cultura aparecidense está cumprindo com as suas finalidades. Em 2022, timidamente, o casamento comunitário retornou com o uso de máscaras (salvo no momento da foto dos noivos):

Figura 1 - Casamento Comunitário no movimento UNIFAN Social, em junho de 2022



Fonte: <https://www.unifan.edu.br/unifan/aparecida/?p=7608>

² “Tendo em vista que o ordenamento jurídico brasileiro possui um histórico juspositivista e que as leis possuem não somente o caráter normatizador, como também o caráter didático, será possível erradicar a LGBTfobia, ao passo em que for cada vez mais garantida a igualdade entre as pessoas, não importando sua cor, gênero, sexualidade, credo ou qualquer outra particularidade que as distingue, como determina a Carta Magna de 1988”. In: COLARES, Roberto, “O casamento homoafetivo no Brasil: uma análise comparativa à luz do ordenamento jurídico argentino”. Revista Discente Planície Científica, v. 3, n. 2, jul./dez. 2021. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. p. 102.

Já no ano de 2023, a 18ª edição do MOCCA realizou o casamento de mais de 30 casais. Diante da laicidade do Estado e da pluralidade de religiões no país, o casamento comunitário no MOCCA possui apenas o efeito civil (aquele que é realizado em cartório, seguindo os procedimentos legais estabelecidos pelo Estado e que garante ao casal os respectivos direitos civis, como por exemplo, a herança, a divisão de bens, entre outros). A estrutura oferecida aos casais e familiares em 2023 foi totalmente preenchida, conforme é possível ver na imagem abaixo:

Figura 2 - Casamento Comunitário do 18º MOCCA, realizado em 18 de abril 2023



Fonte: <https://www.unifan.edu.br/unifan/aparecida/?p=7608>.

É importante assinalar que a união matrimonial na esfera cível no Brasil tem um custo relativamente alto se comparado a outros países, o que dificulta ou torna inacessível o matrimônio para alguns cidadãos. Além disso, soma-se o fato de que a celebração envolve despesas que transcendem a regularização jurídico-burocrática, como por exemplo: a ornamentação, a recepção dos convidados, entre outros³. Diante disto, o casamento

³ “A relevância do estudo de uma análise econômica do casamento repousa no fato de que sua ocorrência irradia efeitos no bem-estar e utilidade dos indivíduos, gerando custos àqueles interessados em sua consecução. Para Bryant, são duas as espécies de custos a serem arcados pelos partícipes neste contexto específico, quais sejam, custos de transação e custos de perda. Os primeiros tratam de custos atinentes ao próprio ato do matrimônio, tais como custos com o procedimento de habilitação matrimonial das partes em cartório, custos com a cerimônia, com honorários de advogados que venham a prestar prévia consultoria, dentre outros mais vinculados à prática da celebração do ato matrimonial em si, [...]”. In: FERREIRA, Cristiana S. G., “Teoria Econômica do Casamento e da Escolha de Regime de Bens”, *RIDB*, Ano 2, n. 7, 2013, p. 6940-6941. ISSN: 2182-7567.

comunitário no MOCCA funciona como um mecanismo aos hipossuficientes interessados no direito ao casamento⁴.

3 O CASAMENTO COMUNITÁRIO NA ÚLTIMA EDIÇÃO EM 2024

Na última edição do Movimento Científico Cultural de Aparecida de Goiânia em 2024, os casamentos foram realizados no dia 18 de abril de 2024, no período noturno, especificamente no estacionamento do Centro Universitário Alfredo Nasser, que foi transformado em um grande palco para o acolhimento dos convidados e dos noivos, proporcionando um clima de festa e alegria. O palco do 19º MOCCA se transformou em um altar para oficializar o matrimônio de 43 casais, como é possível visualizar abaixo.

Figura 3 - Casamento Comunitário no 18º MOCCA, em 2024



Fonte: <https://www.unifan.edu.br/unifan/aparecida/?p=8987>.

Além da estrutura, o casamento comunitário é contemplado por atividades extensionistas realizadas pelos alunos do curso de Direito, sob a supervisão dos docentes do Núcleo de Práticas Jurídicas do curso de Direito. Os discentes são responsáveis pelo registro

⁴ “Nota-se que os cidadãos de estrato social mais baixo hesitam em procurar o Judiciário, mesmo quando reconhecem estar perante um problema jurídico. [...] Pode-se concluir, portanto, que as barreiras no acesso à justiça atingem de forma distintas as classes sociais e os estratos menos favorecidos, os mais pobres, são os que sofrem mais gravosamente as consequências desses obstáculos”. In: CARVALHO, Pérola. “*Hipossuficiência e garantia de acesso à justiça*”, Faculdade de Educação, Administração e Tecnologia de Ibiti, UNIESP. 2011. Acesso em: 25 fev. 2025. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170601130950.pdf, p.4.

documental dos nubentes, por colher as assinaturas dos envolvidos no processo e ficam disponíveis para prestar informações do evento, assim como retrata a imagem abaixo:

Figura 4 - Discentes e Professores do NPJ (Curso de Direito) em atendimento no 19º MOCCA



Fonte: acervo privado do coordenador do Núcleo de Práticas Jurídicas, em abril de 2024.

Outros membros da instituição participaram presencialmente do casamento. Na foto abaixo, a professora Rosy-Mary Magalhães, coordenadora do curso de Pedagogia; o professor Alcides Ribeiro Filho, reitor do Centro Universitário Alfredo Nasser; Paulo e Danielle (casal de noivos ao centro); o professor e juiz de direito Vanderlei Caires Pinheiro, responsável homologar os casamentos no MOCCA; e, a representante do Cartório Bruno Quintiliano, responsável pela emissão das certidões de casamento:

Figura 5 - Casamento Comunitário no 19º MOCCA, em 2024



Fonte: <https://www.unifan.edu.br/unifan/aparecida/?p=8987>.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tradição e transformação caminham juntas, em uma dialética de complementaridade, de mãos dadas entre a sociedade e a iniciativa privada. Inobstante, o Núcleo de Prática Jurídica (NPJ) do curso de Direito firma o seu compromisso com a cidadania e com a cultura, ao proporcionar o acesso e a garantia ao direito de casamento aos membros da comunidade aparecidense.

O casamento comunitário promovido no 19º MOCCA, de 2024, concedeu a oportunidade de regularização legal aos 43 casais que se inscreveram para realizar o sonho do matrimônio. Ao final da cerimônia, todos eles saíram portando as certidões de casamento, concluindo uma ação social tradicional, em um espaço hospitaleiro (um valor inegociável da instituição) e acolhedor para os parentes e para os amigos próximos de cada um deles. Em 2025, a meta é acolher um número ainda maior, seja de casais, seja de alunos extensionistas do curso de Direito, de modo que todos participem como agentes transformadores da comunidade.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Pérola. **Hipossuficiência e garantia de acesso à justiça**. Faculdade de Educação, Administração e Tecnologia de Ibaity, UNIESP. 2011. p. 4. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170601130950.pdf, p. 1-14. Acesso em: 25 fev. 2025.

COLARES, Roberto. O casamento homoafetivo no Brasil: uma análise comparativa à luz do ordenamento jurídico argentino. **Revista Discente Planície Científica**, Campos dos Goytacazes, RJ, v. 3, n. 2, p. 92-103, jul./dez. 2021.

FERREIRA, Cristiana S. G. Teoria Econômica do Casamento e da Escolha de Regime de Bens. **RIDB**, Ano 2, n. 7, p. 6935-6969, 2013. ISSN: 2182-7567.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VENTURA, Paulo. Linguagem e tradição em Hans-Georg Gadamer. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 28, n. 1, jan/abr. p. 46–55, 2015.

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO FERRAMENTA
DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: atuação dos cursos de
Administração e Ciências Contábeis da UNIFAN em projetos de extensão**

Cristina Barbosa dos Santos

Sandra Maria Machado Jorge

Ricardo Borges Capelli

1 INTRODUÇÃO

A extensão universitária desempenha um papel categórico na integração entre a academia e a sociedade, permitindo a disseminação do conhecimento e a aplicação prática de teorias em contextos reais. Segundo Freire (1996), a educação deve ser um ato dialógico, promovendo a troca de saberes entre os diferentes contextos sociais, o que torna as atividades de extensão uma oportunidade única de aprendizado mútuo. De acordo com Boyer (1990), a extensão acadêmica representa um dos pilares do ensino superior, pois possibilita a transformação de conhecimentos teóricos em práticas que impactam positivamente a comunidade.

No contexto brasileiro, diversos autores destacam a importância das atividades de extensão como ferramenta de formação integral. A extensão universitária amplia as possibilidades de impacto social ao conectar as demandas das comunidades às soluções propostas pela academia. Trabalhos reforçam que a educação financeira, em particular, é uma das áreas mais promissoras para a extensão, devido às suas contribuições diretas para a autonomia econômica e a redução da desigualdade social.

Este relatório tem como objetivo descrever as evidências e práticas apresentadas em projetos de extensão realizados no âmbito da disciplina de Administração Financeira dos cursos de Administração e Ciências Contábeis do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), entre o segundo semestre de 2023 e o ano de 2024. As atividades ocorreram em diferentes locais e abordaram temas relevantes dentro da educação financeira e a importância do dinheiro, com o intuito de promover conscientização e aprendizado prático. A metodologia utilizada incluiu a análise de dados e materiais coletados nas plataformas indicadas e a integração das diretrizes acadêmicas da UNIFAN.

No período abordado, os discentes da disciplina de Administração Financeira da UNIFAN desenvolveram uma série de projetos com foco na educação financeira, buscando atender comunidades locais, estudantes e trabalhadores. Diferentes grupos organizaram palestras, oficinas e consultorias com objetivos variados, abordando tópicos como planejamento financeiro pessoal e corporativo, administração de recursos e ciclo de caixa. Essas ações demonstram o impacto positivo da extensão universitária, proporcionando um espaço de aprendizado tanto para os discentes, quanto para as comunidades envolvidas.

2 DESENVOLVIMENTO

Os projetos de extensão na disciplina de Administração Financeira realizados entre 2023 e 2024 tiveram como objetivo principal a disseminação do conhecimento sobre educação financeira e planejamento econômico. As ações envolveram diferentes públicos, como escolas, empresas, comunidades religiosas e alunos universitários, aplicando a teoria acadêmica em contextos práticos. E, foram divididas em vários grupos.

O Grupo 1 levou a educação financeira para a Escola de Aparecida de Goiânia, em novembro de 2023, com palestras focadas em orçamento doméstico e consumo consciente, baseando-se em Gitman e Zutter (2018). O Grupo 2, de 20 a 23 de novembro de 2023, ofereceu consultoria para a empresa APGYNTECH, aplicando conceitos de planejamento estratégico e financeiro para melhorar a gestão dos negócios, conforme a abordagem de Dornelas (2012).

No Grupo 3, em novembro de 2023, a educação financeira foi abordada com estudantes da EJA da Escola Estadual Jardim América, utilizando workshops interativos para discutir o consumo consciente, como proposto por Sicsú e Crocco (2003). O Grupo 4 trabalhou com adolescentes do Colégio de Aplicação Alfredo Nasser, em 20 de novembro de 2023, aplicando dinâmicas que simularam situações financeiras cotidianas e fortaleceram o entendimento sobre economia pessoal, seguindo os princípios de Paulo Freire (1996).

O Grupo 5, entre setembro e novembro de 2023, focou no planejamento financeiro de pequenas empresas, realizando um plano de negócios e capacitação com base em ferramentas como análise SWOT e projeções financeiras, com apoio nas ideias de Assaf Neto (2022). Em 11 de maio de 2024, o Grupo 6 promoveu uma palestra sobre educação financeira na Igreja de Deus, bairro Cardoso, oferecendo à comunidade local uma introdução ao orçamento doméstico e consumo responsável, conforme Gitman e Zutter (2018).

O Grupo 7, em 6 de maio de 2024, apresentou a importância do planejamento financeiro, desde a adolescência, no Instituto de Ensino Fundação Bradesco, com uma metodologia prática baseada nas pesquisas de Sicsú (2003). O Grupo 8, em 5 de maio de 2024, realizou oficinas na Escola Municipal Integral Retiro do Bosque, abordando a importância do dinheiro e a tomada de decisões financeiras, de acordo com Paulo Freire (1996).

O Grupo 9, em 23 de novembro de 2024, trabalhou com uma microempresa no Setor Vera Cruz, aplicando treinamento prático sobre a gestão financeira para garantir a sustentabilidade empresarial, com apoio em Assaf Neto (2022). O Grupo 10 realizou uma palestra na UNIFAN, para a turma de Pedagogia, em 22 de novembro de 2024, destacando como a educação financeira pode ser aplicada tanto no cotidiano pessoal quanto no ambiente educacional.

O Grupo 11, em 21 de novembro de 2024, abordou o ciclo de caixa em uma palestra na UNIFAN, com foco na otimização do fluxo de caixa das empresas, conforme os conceitos de Assaf Neto (2022). O Grupo 12 levou uma oficina sobre gerenciamento financeiro pessoal para a empresa *Orla Nutriex*, em 28 de novembro de 2024, utilizando ferramentas digitais para o controle financeiro diário.

O Grupo 13, em 22 de novembro de 2024, ofereceu palestras e estudos de casos na UNIFAN, com foco no planejamento financeiro para jovens e adultos, incentivando uma abordagem crítica sobre o consumo e as finanças pessoais. O Grupo 14 trabalhou com alunos do 1º período de Administração na UNIFAN, em 5 de dezembro de 2024, introduzindo os conceitos fundamentais de administração financeira de forma prática e interativa.

O Grupo 15, também em dezembro de 2024, realizou uma palestra com a turma de Engenharia de *Software* do 2º período da UNIFAN, com o objetivo de ensinar os princípios básicos de finanças pessoais e empresariais, utilizando exemplos reais para contextualizar o aprendizado.

Esses 15 grupos tiveram como objetivo promover a educação financeira, utilizando metodologias diversas por meio de práticas interativas de maneira a envolver diferentes públicos, como comunidades religiosas, instituições escolares e alunos universitários. Com base em estudos como os de Gitman e Zutter (2018); Sicsú e Crocco (2003); e, Assaf Neto (2022), as ações realizaram uma verdadeira ponte entre a teoria e a prática, impactando diretamente a vida dos participantes e contribuindo para a formação de uma sociedade mais consciente financeiramente. A extensão universitária se mostrou um poderoso agente

transformador, aplicando os conceitos de administração financeira para melhorar a qualidade de vida e reduzir as desigualdades sociais, como afirmam Lusardi e Mitchell (2014).

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada nos projetos de extensão em *Administração Financeira* pela UNIFAN, com a participação dos cursos de Administração e Ciências Contábeis, foi estruturada em etapas que integraram planejamento, execução e avaliação. Sob a orientação da professora da disciplina, os 15 grupos de alunos foram organizados com base nas demandas específicas de seus públicos-alvo, que incluíram comunidades religiosas, instituições escolares, microempresas e o público universitário.

Os projetos foram fundamentados em autores como Assaf Neto (2020), Gitman e Zutter (2018); e, Freire (1996), garantindo embasamento teórico para as intervenções. As atividades aplicaram metodologias práticas e participativas, como palestras, oficinas interativas, estudos de caso e uso de ferramentas digitais, como a plataforma Padlet, para compartilhar conteúdos e incentivar a continuidade do aprendizado.

Essa abordagem reforça o compromisso da UNIFAN em promover a transformação social por meio da extensão universitária, aplicando conceitos acadêmicos na prática e fortalecendo o papel da universidade como agente de desenvolvimento econômico e social.

3.1 Grupos e suas contribuições

Os grupos foram organizados em torno de objetivos específicos e adequados às necessidades dos públicos-alvo. Destacam-se as seguintes iniciativas das descrições das ações:

GRUPO 1 - Educação Financeira nas escolas

- **Local:** Escola em Aparecida de Goiânia
- **Data e horário:** 14/11/2023, às 07h30
- **Link Padlet:** <https://padlet.com/luccaabdon/trabalho-educa-o-financeira-1vk7oev09dalkpna>
- **Objetivo:** Promover o aprendizado sobre gestão financeira no contexto familiar, com foco em orçamento doméstico, poupança e consumo consciente. Baseado em Gitman e Zutter

(2018), foi reforçada a importância do planejamento financeiro pessoal para garantir estabilidade.

- **Metodologia:** Palestras com exemplos práticos, dinâmicas em grupo e apresentação de ferramentas para organização financeira.



GRUPO 2 - Consultoria financeira e planejamento estratégico

- **Local:** Empresa APGYNTECH
- **Data e horário:** 20/11/2023 a 23/11/2023, às 19h30
- **Link:** <https://padlet.com/rayytahozana/trabalho-administra-o-financeira-ijibadat19i4m06e>
- **Objetivo:** Fornecer consultoria em planejamento financeiro estratégico para empresas.
- **Metodologia:** Diagnóstico financeiro, elaboração de plano de metas e treinamento de equipes para implementação das estratégias.



GRUPO 3 - Educação financeira nas escolas

- **Local:** Escola Estadual Jardim América - EJA – Jovens e Adultos
- **Data e horário:** 23/11/2023, às 19h30
- **Link Padlet:** padlet.com/z2syhvzy2r/meu-padlet-brilhante-t9bic6pi0q5sxy5n
- **Objetivo:** Sensibilizar estudantes sobre a importância da educação financeira desde a juventude.
- **Metodologia:** Oficinas interativas e estudos de caso relacionados ao consumo consciente e ao planejamento pessoal.



Foto da turma do 2ºB do Colégio Estadual Jardim América

GRUPO 4 - Educação financeira nas escolas

- **Local:** Colégio Aplicação Alfredo Nasser
- **Data e horário:** 20/11/2023, às 17h30
- **Link Padlet:** <https://padlet.com/julianasoares199605/educa-o-financeira-log-stica-3-24w94y6z16vm5ysi>
- **Objetivo:** Ensinar noções de economia pessoal para adolescentes.
- **Metodologia:** Dinâmicas educativas com simulações de situações financeiras cotidianas.



GRUPO 5 - Consultoria em empresas

- **Local:** Empresas Fictícias e Planos de Negócios Financeiros

- **Data e horário:** 18/09/2023 a 25/11/2023, às 19h30

- **Links Padlet:**

1) <https://padlet.com/kaiogabriel012/grupo-5-datafortis-finance-administra-o-financeira-q17v7wd9l0d67q7i>

2) <https://padlet.com/trabalhodigrupo/meu-padlet-sublime-y7a8cor6wzcl9wlg>

3) <https://padlet.com/pggabrielic/empresa-localiza-eventos-309qu2l0sw30icsv>

- **Objetivo:** Proporcionar um plano de negócios eficaz para pequenas empresas.

- **Metodologia:** Análise SWOT, projeções financeiras e identificação de oportunidades de mercado.

empresa.

CONTRATO SOCIAL DA NECESSIDADE SACARFANTO DANIELA LIMA.

DATAFORTIS para separação de trabalho.

Realizado em 18/09 a 2ª reunião da equipe DataFortis Finance afim de definir o que cada membro ficara responsável no processo da Administração Financeira da empresa.

Ana Clara - Calculos
Andre - Estrategia de Marketing
Andressa - Trabalho escrito
Ismael - Custos e Despesas
Kaio - Preços, Metas, Visão, Valores e Power point para apresentação
Weilita - Público Alvo

Power Point - Apresentação

Slide 2: Kaio
Slide 3: Ismael
Slide 4: Ana
Slide 5: Andre
Slide 6: Kaio
Slide 7: Kaio
Slide 8: Kaio
Slide 9: Kaio
Slide 10: Kaio
Slide 11: Kaio
Slide 12: Kaio
Slide 13: Andre
Slide 14: Kaio
Slide 15: Weilita
Slide 16: Andre

PPTX

Pitch DataFortis Finance

Realizado em 25/09 e cada membro trouxe suas ideias e levantamentos de dados a respeito de cada area de sua responsabilidade.

Criar um Pich (Vídeo curto):
Mostrar local da empresa
tipo de atividade (serviço)
ramo de atividade e objeto social
exemplo de clientes ativos
apresentar um caso de cliente real
criar metricas e graficos (CO, CE, CF)
acrescentar TIR, VPL e Payback

GRUPO 6 - Palestra sobre Educação Financeira

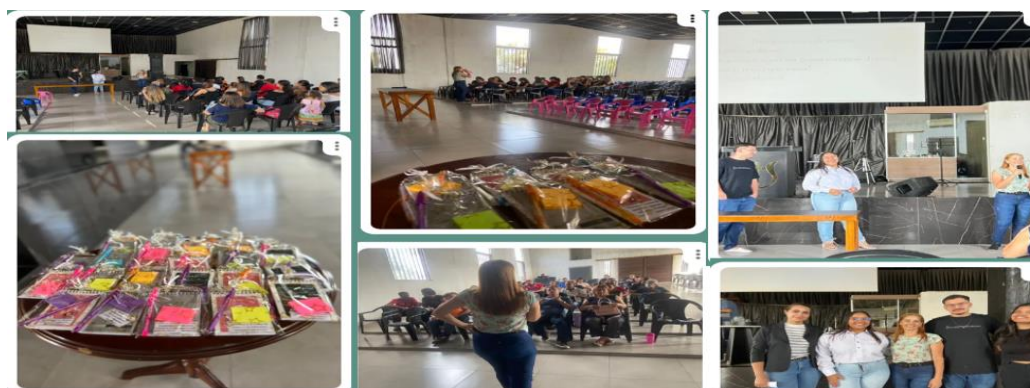
- **Local:** Igreja de Deus - Bairro Cardoso

- **Data e horário:** 11/05/2024, às 14h30

- **Link Padlet:** <https://padlet.com/camylaferreira6789/adm-financeira-yoouhwsxz8d4ldv6>

- **Objetivo:** Introduzir conceitos de educação financeira para a comunidade religiosa.

- **Metodologia:** Palestras informativas com espaço para perguntas e respostas.



GRUPO 7 - Educação financeira nas escolas: *uma realidade crucial a ser discutida desde a adolescência*

- **Local:** Instituto de Ensino Fundação Bradesco
- **Data e horário:** 06/05/2024, às 14h
- **Links Padlet:**
 - 1) <https://padlet.com/diegocassio34/andamento-educa-o-financeira-zdg0n4j34w4aeq4z>
 - 2) <https://padlet.com/lhoanyivanadiego/projeto-educa-o-financeira-nas-escolas-ypxksexfyjkweg6x>
- **Objetivo:** Discutir a importância do planejamento financeiro na adolescência.
- **Metodologia:** Apresentação com histórias reais e exemplos práticos.

**GRUPO 8 - A importância do dinheiro**

- **Local:** Escola Municipal de Educação Integral Retiro do Bosque
- **Data e horário:** 05/05/2024, às 10h
- **Link Padlet:** <https://padlet.com/mayaraalves2718/meu-padlet-destemido-h6zsdqxymvjgl4wi>
- **Objetivo:** Demonstrar a relevância do dinheiro no cotidiano e no planejamento futuro.
- **Metodologia:** Oficinas práticas com dinâmicas que simulam tomadas de decisões financeiras.



GRUPO 9 - Planejamento Financeiro - *Ferragista V5*

- **Local:** Setor Vera Cruz
- **Data:** 23/11/2024
- **Link Padlet:** <https://padlet.com/rayamborges/planejamento-financeiro-ferragista-v5-u0c7rktvs6x5bf2f>
- **Objetivo:** Capacitar a gestão financeira em microempresas para sustentação no mercado.
- **Metodologia:** Treinamento prático e desenvolvimento de fluxos financeiros.

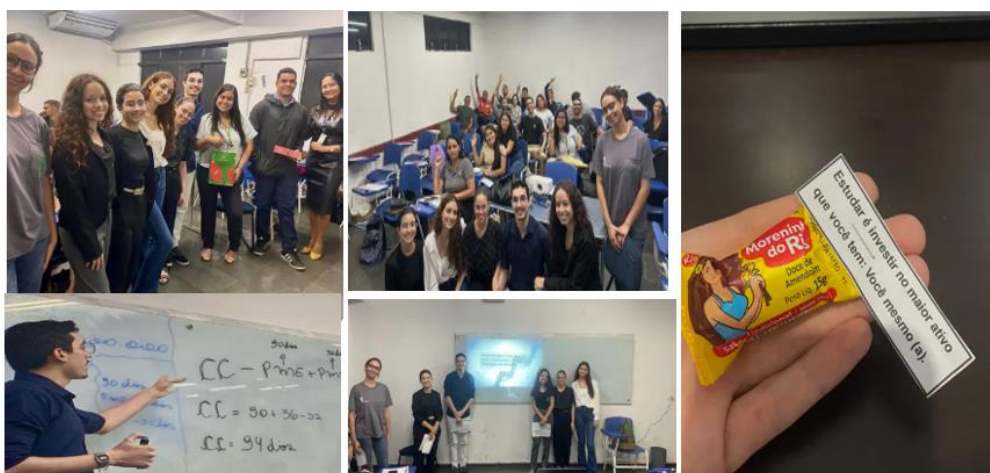


GRUPO 10 - Administrar o seu dinheiro de forma inteligente

- **Local:** Turma de Pedagogia - Noturno - Unifan
- **Data:** 22/11/2024
- **Link Padlet:** <https://padlet.com/heloisakhetleyf/administra-o-financeira-an-ccn-4-2zloa5zpws3bd98>
- **Objetivo:** Ensinar princípios de educação financeira aplicáveis no cotidiano.
- **Metodologia:** Palestras com exemplos aplicados à realidade dos participantes.

**GRUPO 11 - Entendendo o Ciclo de Caixa (CC): *otimizando o fluxo financeiro da empresa***

- **Local:** Unifan - CCN e AN4
- **Data:** 21/11/2024
- **Link Padlet:** <https://padlet.com/eduardobrito8047/trabalho-administra-o-financeira-cncfkcc1j4qjlz76>
- **Objetivo:** Explicar a gestão do ciclo de caixa para melhor gerenciamento empresarial.
- **Metodologia:** Apresentações técnicas e aplicação de casos empresariais reais.



GRUPO 12 - Como gerenciar o seu dinheiro

- **Local:** Orla Nutriex
- **Data:** 28/11/2024
- **Link Padlet:** <https://padlet.com/flavinhaacristina2002/lugares-kq3ocvo2sbnnpn93>
- **Objetivo:** Fornecer orientações básicas sobre o gerenciamento financeiro pessoal.
- **Metodologia:** Oficinas práticas e aplicação de ferramentas digitais de controle financeiro.

**GRUPO 13 - Planejamento financeiro para adultos e jovens**

- **Local:** UNIFAN (Engenharia de *Software* - 2º período)
- **Data:** 22/11/2024
- **Link Padlet:** <https://padlet.com/andersonoliverjunior/planejamento-financeiro-para-jovens-e-adultos-k8uel5p0xcclnjf4>
- **Objetivo:** Preparar jovens e adultos para tomada de decisões financeiras conscientes.
- **Metodologia:** Palestras expositivas com estudo de casos reais e construção de planejamentos financeiros.



GRUPO 14 - Administração financeira para o 1º período

- **Local:** UNIFAN (1º período - ADM/CCN)
- **Data:** 05/12/2024
- **Link Padlet:** <https://padlet.com/laralorrayne09/administra-o-financeira-para-o-1-per-odo-74kby88akkoewvvh>
- **Objetivo:** Introduzir conceitos fundamentais de administração financeira para estudantes iniciantes.
- **Metodologia:** Aulas interativas com aplicação de ferramentas práticas e atividades em grupo.

**Grupo 15 - Educação Financeira**

- **Local:** UNIFAN (Engenharia de *Software* - 2º período - Turma 2)
- **Data:** 05/12/2024
- **Link Padlet:** <https://padlet.com/andytjs99/meu-padlet-refinado-ab6n5911wwrq3v6p>
- **Objetivo:** Capacitar estudantes em princípios básicos de finanças pessoais e empresariais.
- **Metodologia:** Palestras teóricas combinadas com simulações práticas utilizando exemplos reais.



Por fim, os projetos realizados reforçam a ideia de que a extensão universitária não apenas possibilita a aplicação prática de conceitos acadêmicos, mas também atua como um agente transformador na sociedade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os projetos de extensão na disciplina de Administração Financeira realizados pelos discentes da UNIFAN entre os anos 2023 e 2024 destacaram-se pela aplicação prática do conhecimento acadêmico e pela promoção da educação financeira em diversos contextos. As ações realizadas por grupos de alunos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis atenderam públicos em vários espaços, como escolas, empresas e comunidades religiosas, mas todos com um objetivo comum: fortalecer a compreensão e a prática do planejamento financeiro.

Esses projetos não só cumpriram seu papel educacional, mas também refletiram o compromisso da UNIFAN em formar profissionais engajados socialmente e com consciência crítica sobre as realidades financeiras enfrentadas pela população. A atuação dos grupos foi embasada em teorias relevantes de autores como Gitman e Zutter (2018); Sicsú e Crocco (2003); Assaf Neto (2022); e, Freire (1996), que permitiram que os participantes, em sua maioria jovens e adultos em formação, se conectassem com temas de grande relevância social e econômica.

A educação financeira, mais do que uma habilidade técnica, mostrou-se como um poderoso instrumento de transformação, sendo capaz de promover mudanças significativas na vida dos indivíduos e na gestão de pequenas empresas. Isso está alinhado com os estudos de Lusardi e Mitchell (2014), que destacam a relevância da educação financeira na melhoria da qualidade de vida e na redução das desigualdades sociais. Os cursos de Administração e Ciências Contábeis da UNIFAN se mostram, assim, como protagonistas essenciais na construção de uma sociedade mais consciente e capaz de enfrentar os desafios econômicos.

Para o futuro, a expectativa é que os projetos de extensão em Administração Financeira da UNIFAN continuem a se expandir, alcançando novos públicos e se adaptando às novas demandas da sociedade. A inclusão de tecnologias digitais e plataformas interativas, aliada a um ensino cada vez mais focado em práticas aplicáveis, pode ampliar ainda mais o impacto social desses projetos. A UNIFAN tem o potencial para ser referência na formação de profissionais qualificados e na promoção de um ciclo virtuoso de desenvolvimento econômico

e social, estimulando futuros gestores e contadores a implementar soluções financeiras eficazes e responsáveis. A educação financeira, como demonstrado nestes projetos, é um caminho para uma sociedade mais justa, informada e financeiramente sustentável.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. **Finanças corporativas e valor**. São Paulo: Atlas, 2022.

BOYER, E. L. *Scholarship reconsidered: Priorities of the professoriate*. Princeton, NJ: Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching, 1990.

DEWEY, J. *Democracy and education*. New York, NY: Macmillan, 1916.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: Transformando ideias em negócios. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GITMAN, L. J.; ZUTTER, C. J. *Principles of managerial finance*. 13. ed. Boston, MA: Pearson, 2018.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. *The economic importance of financial literacy: Theory and evidence*. *Journal of Economic Literature*, v. 52, n. 1, p. 5–44, 2014.
<https://doi.org/10.1257/jel.52.1.5>

SICSÚ, J.; CROCCO, M. Em busca de uma teoria da localização das agências bancárias: algumas evidências do caso brasileiro. **Economia**, v. 4, n. 1, p. 85-112, 2003.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E EDUCAÇÃO DIGITAL: experiência no curso de Engenharia de *Software*

Kelen Michela Silva Alves

Brenno Pimenta da Costa

1 INTRODUÇÃO

A transformação digital, intensificada no período pós-pandemia, consolidou a centralidade das tecnologias digitais nas esferas econômica, educacional, política e social. A expansão da inteligência artificial generativa, a digitalização de serviços públicos, o crescimento exponencial do uso de dispositivos móveis e a ampliação das plataformas de interação online evidenciam que a participação social contemporânea está diretamente condicionada ao domínio de competências digitais. Nesse novo ecossistema informacional, estar conectado não significa necessariamente estar incluído de forma crítica e segura. O simples acesso à infraestrutura tecnológica não garante autonomia cognitiva, capacidade de análise ou proteção frente aos riscos inerentes ao ambiente digital.

A literatura recente tem enfatizado essa distinção entre acesso e apropriação crítica da tecnologia. Redecker (2021), ao abordar as competências digitais, afirma que ela deve transcender as habilidades operacionais, abrangendo, então, dimensões cognitivas, comunicacionais, éticas e de resolução de problemas. De modo complementar, Vuorikari *et al.* (2022) reforçam que a literacia digital envolve não apenas a utilização eficaz de ferramentas, mas também a compreensão de seus impactos sociais, econômicos e políticos. No contexto brasileiro, dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil, CGI.br (2023), indicam que a vulnerabilidade digital permanece elevada, especialmente no que se refere à compreensão sobre privacidade, segurança da informação, proteção de dados pessoais e uso crítico de tecnologias emergentes, como sistemas baseados em inteligência artificial. Esses resultados mostram que existe uma diferença entre o avanço da tecnologia e o nível de preparo digital da população.

É justamente diante desse cenário que o Estágio Supervisionado do curso de Engenharia de *Software* foi concebido não apenas como componente curricular obrigatório, mas também como espaço formativo estratégico de intervenção social. Ao articular teoria, prática profissional e responsabilidade social, o estágio foi além da formação técnica

tradicional em tecnologia, buscando também promover a educação digital. Tal direcionamento fundamenta-se na compreensão de que cursos da área de tecnologia não podem restringir-se à formação de desenvolvedores de sistemas, devendo igualmente contribuir para a formação de agentes capazes de promover inclusão informacional, cultura de segurança e uso ético da tecnologia. Assim, as atividades extensionistas vinculadas ao estágio foram organizadas para atender às necessidades sociais identificadas na comunidade local.

A extensão universitária, conforme estabelece a Resolução nº 7/2018 do CNE/MEC, deve promover o diálogo entre a universidade e a sociedade, integrando ensino e pesquisa em ações voltadas às necessidades sociais. Nesse contexto, a educação digital destaca-se como uma área estratégica para a extensão, pois conecta a formação acadêmica especializada a necessidades sociais urgentes, como a inclusão tecnológica, a segurança da informação e o desenvolvimento do letramento em inteligência artificial.

Dessa forma, o projeto de extensão **Caminhos Digitais: Iniciação em TI, IA e Segurança de Dados** foi desenvolvido no âmbito do MOCCA 2025 com o objetivo de oferecer uma série de oficinas práticas destinadas à comunidade interna e externa à instituição. As atividades contemplaram conteúdos introdutórios em Tecnologia da Informação, fundamentos de Inteligência Artificial e princípios de Segurança de Dados, buscando promover não apenas aprendizagem técnica, mas também reflexão crítica sobre o uso responsável das tecnologias digitais. A proposta fundamentou-se na compreensão de que a educação digital é essencial para fortalecer a cidadania nos dias atuais e para reduzir as desigualdades no acesso à informação.

2 DESENVOLVIMENTO

O projeto **Caminhos Digitais: Iniciação em TI, IA e Segurança de Dados** foi desenvolvido durante o 20º Movimento Científico e Cultural de Aparecida de Goiânia (MOCCA 2025), nos dias 10 e 11 de abril. A iniciativa ofereceu oficinas destinadas à comunidade interna e externa, com foco na disseminação de conhecimentos fundamentais e no estímulo à participação comunitária para a compreensão das áreas de Tecnologia da Informação, Inteligência Artificial (IA) e Segurança de Dados.

As ações foram planejadas e desenvolvidas pelos acadêmicos do 7º período do curso de Engenharia de *Software*, no âmbito do Estágio Supervisionado, sob a orientação do professor Brenno Pimenta da Costa. Essa estrutura organizacional favoreceu a articulação

entre formação técnica e atuação extensionista, consolidando o estágio como espaço de aplicação prática e responsabilidade social.

As oficinas foram organizadas de maneira progressiva, iniciadas com conteúdos introdutórios de computação, voltados à familiarização com conceitos básicos e ao uso do ambiente digital; com avanço gradual para temas relacionados ao uso estratégico da inteligência artificial e à proteção de dados pessoais. Essa sequência buscou respeitar diferentes níveis de conhecimento prévio, favorecendo a compreensão gradual dos conteúdos.

Cada atividade foi estruturada com momentos de exposição dialogada, nos quais os conceitos centrais eram apresentados e contextualizados, seguidos de prática orientada, permitindo a aplicação do que foi discutido. A metodologia adotada priorizou a clareza na apresentação dos conteúdos, a resolução de situações concretas e a participação ativa dos envolvidos, de modo a promover aprendizagem e consolidar competências básicas em educação digital.

Nesse contexto, a primeira oficina desenvolvida foi **Introdução à Computação e Ambiente Digital**, concebida como etapa inicial do percurso formativo. A atividade teve como objetivo apresentar noções básicas de informática aos participantes iniciantes, oferecendo uma experiência prática de aprendizagem voltada à familiarização com o uso do computador e dos principais recursos digitais.

Figura 1 – Ministrantes da oficina de **Introdução à Computação e Ambiente Digital**



Fonte: acervo do curso.

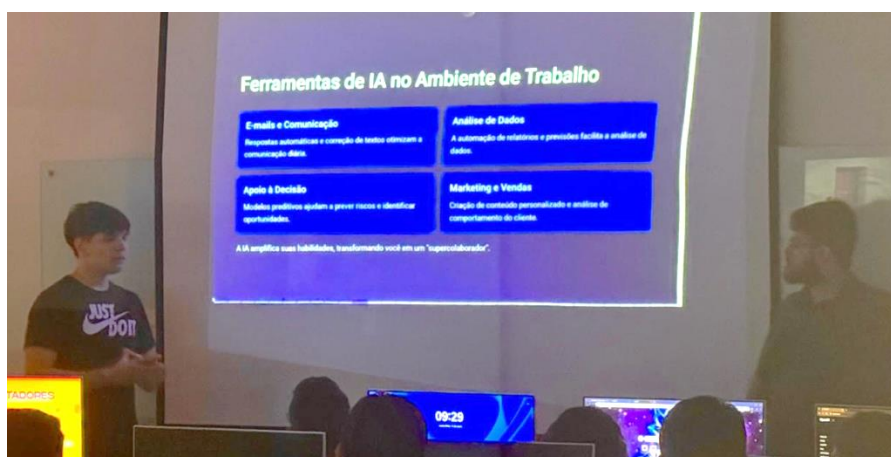
Durante a oficina, foram abordados conceitos introdutórios sobre o funcionamento do computador, organização de arquivos e noções básicas de sistemas operacionais. Os participantes foram orientados na realização de tarefas simples, como criação e salvamento de documentos, utilização de navegadores de internet e acesso a plataformas digitais de uso

cotidiano. Também foram apresentados aplicativos considerados essenciais para comunicação e produção de conteúdo, com ênfase na compreensão de suas funcionalidades básicas.

Além dos aspectos operacionais, a atividade incluiu orientações sobre práticas elementares de segurança digital, como cuidados ao acessar redes públicas, verificação de links e proteção de informações pessoais. Ao final, observou-se maior segurança na execução de tarefas simples no ambiente computacional, indicando avanço na autonomia digital dos participantes.

Na sequência, foi realizada a oficina **Como Escrever Melhores Prompts para IA**, dedicada à introdução prática do uso de ferramentas de Inteligência Artificial baseadas em processamento de linguagem natural. A atividade partiu da apresentação de conceitos introdutórios sobre o funcionamento de modelos generativos, destacando suas possibilidades e limitações.

Figura 2 – Ministrantes da oficina **Como Escrever os melhores Prompts para IA**



Fonte: acervo do curso.

Em seguida, os participantes realizaram exercícios orientados voltados à construção de prompts mais claros, objetivos e contextualizados. Foram trabalhados aspectos como definição precisa da tarefa, delimitação de escopo e necessidade de fornecer informações suficientes para orientar a resposta do sistema. Também foi explorado o refinamento interativo de comandos, demonstrando como ajustes sucessivos podem melhorar os resultados obtidos.

A oficina buscou promover o uso mais consciente e estruturado da Inteligência Artificial, enfatizando a importância da formulação adequada de comandos para o aproveitamento mais consistente das ferramentas digitais.

Dando continuidade às atividades, foi realizada a oficina **Proteção de Dados Pessoais: Fundamentos e Práticas de Segurança**, voltada à conscientização sobre segurança da informação no cotidiano digital. A proposta concentrou-se na apresentação de princípios essenciais relacionados à proteção de dados pessoais e à adoção de práticas preventivas.

Figura 3 – Ministrantes da oficina **Proteção de Dados Pessoais**



Fonte: acervo do curso.

Foram discutidos conceitos básicos de privacidade, a relevância da criação de senhas robustas e a utilização de mecanismos como autenticação em dois fatores. Também foram abordadas formas de reconhecimento de tentativas de fraude, com destaque para situações comuns envolvendo mensagens suspeitas e solicitações indevidas de informações. Complementarmente, foram apresentadas orientações práticas para configuração mais segura de dispositivos móveis e computadores.

A atividade enfatizou a responsabilidade individual na preservação de informações pessoais e reforçou a importância de comportamentos preventivos no ambiente digital, contribuindo para a consolidação de noções básicas de segurança entre os participantes.

3 IMPACTO EXTENSIONISTA E FORMAÇÃO DISCENTE

A análise qualitativa das atividades permitiu identificar impactos em três níveis articulados: individual, institucional e social. No plano individual, observou-se ampliação da confiança dos participantes no uso de ferramentas digitais, maior segurança na realização de tarefas básicas no ambiente computacional e compreensão inicial sobre uso responsável da inteligência artificial e proteção de dados. Esse avanço não se restringiu à dimensão

operacional, mas incluiu maior consciência quanto aos cuidados necessários no ambiente virtual.

No nível institucional, as ações reforçaram a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, ao integrar o Estágio Supervisionado a uma prática extensionista com finalidade social definida. A experiência contribuiu para consolidar o estágio como espaço formativo que ultrapassa a aplicação técnica, incorporando mediação de conhecimento e compromisso com demandas concretas da comunidade. Esse movimento aproxima a formação acadêmica das diretrizes contemporâneas da educação superior.

No plano social, as oficinas contribuíram para reduzir vulnerabilidades digitais, especialmente no que se refere ao uso seguro da internet e à compreensão básica de ferramentas de inteligência artificial. Embora realizadas em contexto local e com alcance delimitado, as ações demonstraram que a extensão universitária pode colaborar de forma concreta para diminuir desigualdades no acesso e no uso qualificado das tecnologias digitais..

A participação dos acadêmicos também evidenciou desenvolvimento de competências socioemocionais, como comunicação, organização de atividades e responsabilidade ética na transmissão de conteúdos técnicos. Conforme Barnett (2022), a formação universitária contemporânea demanda integração entre conhecimento especializado e compromisso social. Nesse sentido, a experiência reforça que a educação digital, quando articulada à extensão universitária, pode constituir mecanismo relevante de democratização do conhecimento tecnológico, contribuindo para o fortalecimento da cidadania digital.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas desenvolvidas no âmbito do projeto **Caminhos Digitais: Iniciação em TI, IA e Segurança de Dados** tiveram como objetivo promover conhecimentos fundamentais em Tecnologia da Informação, Inteligência Artificial e Segurança de Dados, direcionados à comunidade interna e externa. De modo geral, o objetivo proposto foi atingido, considerando que os participantes demonstraram maior familiaridade com o uso do ambiente digital, compreensão inicial sobre interação com ferramentas de IA e maior conscientização quanto à proteção de dados pessoais. As atividades possibilitaram aplicação prática imediata dos conteúdos, favorecendo a assimilação dos conceitos apresentados.

Entre as limitações observadas, destaca-se o tempo reduzido para aprofundamento de determinados conteúdos, especialmente nos temas relacionados à inteligência artificial e à

segurança da informação. A heterogeneidade do público participante também exigiu adaptações no ritmo das atividades, o que restringiu a exploração de aspectos mais avançados.

Do ponto de vista formativo, as oficinas contribuíram para a consolidação da educação digital como campo de atuação extensionista no curso de Engenharia de *Software*. A experiência reforçou a integração entre formação técnica e responsabilidade social, ao mesmo tempo em que proporcionou aos acadêmicos vivência prática na mediação de conhecimentos tecnológicos. No plano teórico, o projeto evidenciou a pertinência de abordar competências digitais de forma articulada, contemplando dimensões operacionais, estratégicas e preventivas.

REFERÊNCIAS

BARNETT, R. *The ecological university*. London: Routledge, 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regulamenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014–2024. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 dez. 2018.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). **Pesquisa TIC Domicílios 2023**. São Paulo: CGI.br, 2023.

REDECKER, C. *European framework for the digital competence of educators*. Luxembourg, 2021.

VUORIKARI, R. *et al. DigComp 2.2 framework update*. Luxembourg, 2022.

A IMPORTÂNCIA DA COLPOCITOLOGIA NO CUIDADO COM A SAÚDE FEMININA *

1 INTRODUÇÃO

Entre os dias 16 a 19 de abril de 2024, no Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), ocorreu a 19ª edição do Movimento Científico e Cultural de Aparecida de Goiânia (MOCCA), um evento que desempenhou um papel crucial na promoção de serviços comunitários reuniu especialistas em Ginecologia e Patologia, com o apoio dos acadêmicos do curso de Medicina. Nesse evento, foram oferecidos gratuitamente serviços de atendimento ginecológico, incluindo exame especular e colpocitologia, visando o diagnóstico de lesões pré-malignas ou malignas em mulheres entre 25 e 64 anos que já tiveram relações sexuais e que não realizaram esses exames nos últimos 12 meses.

O projeto justifica-se pelo fato de que, embora as taxas de mortalidade tenham diminuído, o câncer de colo de útero continua entre os três tipos de câncer mais comuns entre as mulheres, segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA). No Brasil, é a quarta maior causa de morte relacionada ao câncer, excluindo os casos de câncer de pele não melanoma. O INCA estima um risco aproximado de 15,43 casos para cada 100 mil mulheres e prevê a ocorrência de 16.370 novos casos de câncer de colo de útero por ano. Na Região Norte, esse tipo de câncer é o mais incidente, com uma taxa de 25,62 casos por 100 mil mulheres. Em seguida, a Região Nordeste ocupa a segunda posição (20,47/100 mil), seguida pela Região Centro-Oeste (18,32/100 mil). As regiões Sul (14,07/100 mil) e Sudeste (9,97/100 mil) apresentam as menores taxas de incidência (Lima *et al.*, 2022).

O câncer de colo de útero (CCU) é a neoplasia com o maior potencial de prevenção e cura quando diagnosticado precocemente. A prevenção primária inclui o uso de preservativos

* Autoria de Jeniffer Aparecida de Moraes Rodrigues; Carolina Fátima Gioia Nava; Carlos Henrique de Oliveira Nunes; Eduarda Schults Moraes; Maria Eduarda Ramos Fagundes; Joana Caroline Oliveira de Faria; Rafael Barbosa Gabriel Dias; Maria Júlia Arantes Ramos; Eduardo Menezes da Silva; Karla Stephanny Alves Silveira; Maristela Silva Machado; Paulo Alberto Magalhães Cirilo; Lucas Oliveira Silva; Wilson Henrique Oliveira Silva; Jaques Adriano de Castro Filho; Mariel Carvalho de Oliveira Gomes; Sergiane Bisinoto Alves; Fernanda Toledo dos Santos; Renata dos Santos Cunha; Marcos Vinicius Fernandes; Gracielly Fernandes Nunes; Danila Alves de Oliveira; Ihann Lopes Campos Martins Diniz; Thayná Alves de Azevedo; Gabryelle Batista Rodrigues; Yasmin Sebba Barroso Menezes; Juliana Tonelli Teixeira Alvares; Ingrid Fernandes de Sousa Louzada; Júlia Eduarda Machado de Freitas; Viviane Ferreira Borges; Kamila Cristina Rodrigues Pelengrino Isana França Junqueira; Priscilla Abdala de Sousa; Erika Cristina Vieira Oliveira Ximenes Belo; Murillo de Sousa Pinto; Fábio Marques de Almeida; e, Marinaldo Soares Leite.

Este relato apresenta essa quantidade de autores (docentes e discentes) em razão de alguns projetos de extensão envolverem todos os estudantes da turma.

e a vacinação contra o HPV, complementados por ações de educação em saúde. A prevenção secundária, ou detecção precoce, é realizada por meio do exame Papanicolau, que é destinado a mulheres de 25 a 64 anos. O exame Papanicolau, também conhecido como citopatológico, é o método preferencial para o rastreamento do câncer de colo de útero. Trata-se de um procedimento indolor, de baixo custo e eficaz, realizado por meio da coleta de material citológico, e deve ser oferecido a todas as mulheres que já iniciaram a vida sexual (Medeiros *et al.*, 2021).

Este trabalho é um relato de experiência baseado na vivência dos acadêmicos do curso de Medicina da UNIFAN durante atendimentos ginecológicos realizados no MOCCA. Adotando uma abordagem qualitativa, utilizaram-se métodos descritivos e observacionais. Durante o evento, foram realizados quinze atendimentos ginecológicos, nos quais as mulheres foram orientadas sobre o exame especular e a colpocitologia, além de serem informadas sobre a importância desses procedimentos. Posteriormente, elas foram convidadas a comparecer ao Centro de Especialidades da Saúde Unifan, localizado próximo ao evento, para dar continuidade aos atendimentos. Não houve distinção de raça, escolaridade ou condição socioeconômica entre as participantes; os critérios de inclusão foram a faixa etária entre 25 e 64 anos; já terem iniciado a vida sexual e não terem realizado esses exames nos últimos doze meses. Antes dos exames, as pacientes preencheram uma ficha de identificação e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

2 DESENVOLVIMENTO

O voluntariado envolve a doação de tempo e esforço, de forma não remunerada, para realizar atividades em benefício de pessoas, comunidades ou causas sociais. A partir desse princípio, especialistas em ginecologia e patologia, em parceria com estudantes de Medicina, ofereceram serviços gratuitos de atendimento à comunidade local. Essa ação de extensão acadêmica teve como objetivo facilitar a identificação precoce de possíveis problemas de saúde e fornecer orientações adequadas para a prevenção do câncer de colo uterino.

A ação descrita foi direcionada a mulheres em situação de risco que não realizaram o exame preventivo de colo de útero (Papanicolau) nos últimos 12 meses. Durante o projeto, foram realizados quinze atendimentos ginecológicos. A análise das amostras e emissão dos laudos, feitas gratuitamente, foram viabilizadas por meio de análise na própria instituição. Na linha de frente do projeto, estavam os docentes e coordenadores Priscilla Abdala de Sousa,

Erika Cristina Vieira Oliveira Ximenes Belo, Isana França Junqueira, Murillo de Sousa Pinto, Fábio Marques de Almeida e Marinaldo Soares Leite, com a participação e organização dos alunos do curso de Medicina.

Inicialmente, foi realizada a triagem clínica das pacientes por meio de anamnese, com o objetivo de identificar o histórico de ginecopatias, a presença de comorbidades, o histórico familiar de câncer de colo uterino e avaliar a necessidade da colpocitologia oncótica. Também foi verificado se as pacientes estavam menstruadas, pois isso poderia comprometer a qualidade da amostra. As pacientes elegíveis para a coleta citológica foram encaminhadas à sala destinada a tal atividade, onde os exames foram realizados.

Durante a coleta, foram utilizados quinze tubos, quinze lâminas, um frasco de fixador, quinze espéculos descartáveis do tamanho M, quinze escovas endocervicais e quinze espátulas de Ayre. As lâminas foram coradas em um laboratório da instituição e os laudos foram enviados às participantes por mensagem (*WhatsApp* ou *SMS*). Todos os alunos e profissionais envolvidos no projeto utilizaram equipamentos de proteção individual (EPIs).

Antes do início do exame, cada paciente foi informada sobre o procedimento, seus objetivos e possíveis desconfortos, com o intuito de garantir privacidade e conforto. O procedimento padrão de coleta foi então iniciado: a paciente foi posicionada em uma maca ginecológica, na posição de litotomia, com os pés nos estribos e os joelhos flexionados. O examinador, após realizar a assepsia das mãos e colocar luvas de procedimento, fez a inspeção visual da vulva, vagina e colo do útero utilizando um espéculo vaginal para visualizar claramente a área e identificar possíveis anormalidades, como lesões, secreções anormais ou sinais de inflamação. Com o espéculo ainda posicionado, a coleta foi iniciada: a espátula de Ayre foi introduzida delicadamente na vagina e girada suavemente contra o colo do útero para coletar células da região ectocervical. Em seguida, a escova endocervical foi inserida no canal cervical e girada para coletar células da região endocervical. A amostra foi transferida para uma lâmina de vidro e fixada imediatamente com spray fixador ou solução fixadora. A lâmina foi rotulada com as informações necessárias, como nome da paciente, data e local da coleta, e enviada ao laboratório para análise.

Figura 1 – Fotos da ação de coleta de exames de colpocitologia oncótica pelos alunos durante o MOCCA



Fonte: autoria do projeto, 2024.

A mortalidade por câncer de colo de útero no Brasil é significativamente menor do que no passado, devido ao aumento da disponibilidade de estratégias de prevenção, como o teste de Papanicolau, também conhecido como Preventivo do Câncer do Colo de Útero (PCCU). O Brasil foi um dos primeiros países a implementar esse exame em programas de rastreamento, e seu sucesso está relacionado a fatores como acompanhamento adequado, qualidade na coleta e interpretação do material, além do tratamento das lesões. Quando realizado corretamente, o

exame pode reduzir em até 90% os casos de câncer de colo de útero (Lima *et al.*, 2022). Nesse contexto, a ação buscou por uma melhor efetividade no rastreamento do CCU.

O câncer do colo do útero é uma neoplasia maligna que se desenvolve no epitélio da cérvix uterina, resultante de alterações celulares que ocorrem de forma imperceptível e podem evoluir para um câncer cervical invasor. Essa condição é caracterizada pela replicação descontrolada do epitélio de revestimento do órgão, comprometendo o tecido subjacente (estroma) e podendo invadir estruturas e órgãos próximos ou distantes. Existem duas principais categorias de carcinomas invasores, conforme a origem do epitélio afetado: o carcinoma epidermoide, que é o mais comum e afeta o epitélio escamoso (cerca de 80% dos casos), e o adenocarcinoma, mais raro, que acomete o epitélio glandular (10% dos casos) (Araújo *et al.*, 2024).

Os fatores de risco associados à oncogênese cervical são divididos em duas categorias: os experimentalmente documentados e os clínicos ou epidemiológicos. Na primeira categoria incluem-se fatores imunológicos (como a resposta imune local e humoral), a relação com a AIDS, fatores genéticos (como o polimorfismo da proteína p53), o tabagismo e o uso prolongado de contraceptivos orais. Na segunda categoria, destacam-se a atividade sexual precoce, a multiplicidade de parceiros, o baixo nível de escolaridade e renda, o histórico de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e a multiparidade. Além disso, a infecção pelo HPV é considerada um fator de risco para o desenvolvimento do câncer do colo do útero (Araújo *et al.*, 2024).

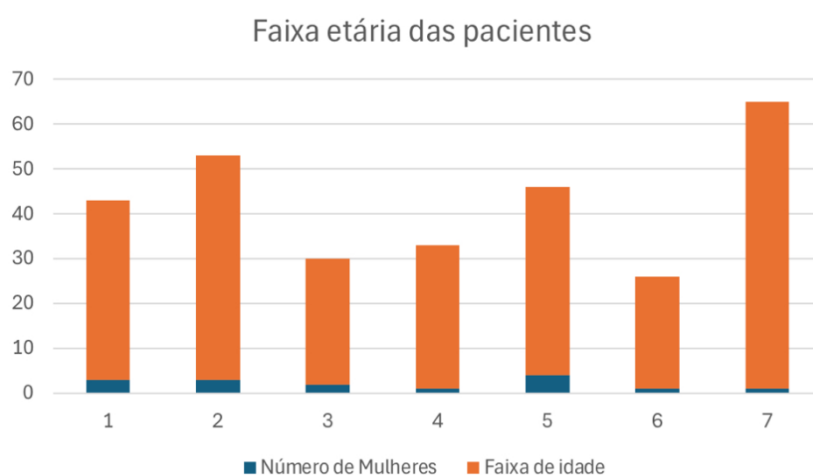
O exame preventivo do câncer de colo de útero é fundamental e constitui a base do rastreamento para a detecção precoce de lesões pré-cancerígenas, sendo recomendado para mulheres entre 25 e 64 anos. O protocolo estabelecido orienta a realização de dois exames com um intervalo de um ano e, caso ambos apresentem resultados negativos para lesões do colo do útero, o rastreamento deve ser realizado a cada 3 anos. A Atenção Primária à Saúde desempenha um papel essencial na detecção eficaz, oferecendo a citologia oncótica do colo de útero como parte de seus serviços (Cunha *et al.*, 2024).

Apesar de sua importância, o rastreamento é muitas vezes comprometido pelo desconhecimento das mulheres em relação ao exame. Estudos indicam que, embora muitas pacientes saibam da existência do exame, desconhecem sua real importância, especialmente em contextos de baixa escolaridade e renda. Dessa forma, é crucial promover a inclusão social e a acessibilidade ao conhecimento para aumentar a adesão ao método de rastreamento (Cunha *et al.*, 2024).

Pesquisas realizadas nos anos 2000 mostram que o exame preventivo do câncer de colo de útero reduziu o risco de evolução das lesões precursoras em 70% desde sua introdução em 1940. Dez anos depois, outros estudos registraram uma redução de 80% na mortalidade por câncer de colo de útero causado pelo HPV. Considerando que as lesões podem ter uma fase assintomática, a importância do rastreamento é ainda maior, uma vez que o Papanicolau é capaz de diagnosticar o problema em seus estágios iniciais (Cunha *et al.*, 2024).

As 15 pacientes triadas e das quais foram colhidas amostras pelo método Papanicolau, apresentam a seguinte faixa etária demonstrada no gráfico:

Gráfico 1 - Faixa etária das pacientes



Fonte: dados da pesquisa, 2024.

Os possíveis resultados, segundo o Sistema de Bethesda, são Células escamosas atípicas de significado indeterminado (ASCUS), presença de alterações celulares insuficientes para ser diagnosticado como lesão intraepitelial; Células glandulares atípicas de significado indeterminado (AGC), possivelmente neoplasia intraepitelial; Células atípicas de origem indefinida (AOI); Lesão Intraepitelial de Baixo Grau (LSIL), NIC I, infecção pelo HPV; Lesão Intraepitelial de Alto Grau (HSIL) NIC II ou NIC III, câncer; Lesão Intraepitelial de Alto Grau não podendo excluir microinvasão; Carcinoma escamoso invasor; Adenocarcinoma in situ (AIS) ou invasor (Silva, 2024).

Cada resultado, dentro de cada faixa etária, possui uma conduta a ser adotada, como a repetição do exame a cada 3 anos, a cada 6 ou 12 meses o encaminhamento para a realização da colposcopia para melhor acompanhamento. As estratégias de rastreio são realizadas na atenção primária. O tratamento e o acompanhamento são importantíssimos para a manutenção da saúde da mulher, assim como orientar sobre as consultas de seguimento (Silva, 2024).

Considerando esses aspectos, no presente trabalho, foram analisadas 15 amostras de pacientes nas idades indicadas no gráfico anterior. Vale ressaltar que não houve resultados para classe IV e V. Os resultados da colpocitologia oncótica obtidos dessas amostras são apresentados no gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Resultados de COP



Fonte: dados da pesquisa, 2024.

A citologia cervical, apesar de sua sensibilidade de aproximadamente 53,0%, é uma técnica amplamente utilizada no rastreamento de lesões cervicais. Essa sensibilidade relativamente baixa indica que o exame pode não identificar todas as lesões presentes. No entanto, sua alta especificidade, geralmente superior a 90%, significa que a taxa de falsos positivos é baixa. Para compensar a baixa sensibilidade, a prática recomendada é realizar o exame a cada três anos, o que aumenta a eficácia do rastreamento ao permitir a detecção de lesões em estágios iniciais. Esse método é especialmente eficaz em países com programas de rastreamento organizados, onde o acesso a exames regulares é facilitado. Portanto, apesar das limitações de sensibilidade, a citologia cervical desempenha um papel crucial no rastreamento do câncer cervical, especialmente quando associada a políticas de repetição periódica e acesso estruturado aos exames (Silva, 2024).

Quanto à conduta para cada resultado, recomenda-se que mulheres com resultados de baixo risco realizem um novo exame de Papanicolau a cada três anos. Para aquelas com fatores de risco adicionais, como infecção pelo HIV, imunossupressão, tabagismo ou histórico de lesões cervicais, a frequência de repetição pode ser maior. Anormalidades benignas, como inflamação ou efeitos hormonais, geralmente não requerem tratamento específico, mas podem necessitar de acompanhamento clínico e, eventualmente, tratamento da condição subjacente.

O médico pode decidir a frequência das repetições para monitorar a evolução dessas condições (Silva, 2024).

Mulheres com resultado ASC-US (Atipias de Células Escamosas de Significado Indeterminado) podem ser orientadas a repetir o exame em 6 a 12 meses, para monitorar possíveis alterações. Se o exame continuar a mostrar ASC-US, pode ser necessária uma colposcopia para uma avaliação mais detalhada. Resultados de ASC-H (Atipias de Células Escamosas de Significado Indeterminado com Suspeita de Lesão de Alto Grau) ou LSIL (Lesão Intraepitelial de Baixo Grau) geralmente levam ao encaminhamento para colposcopia e, se necessário, biópsia para confirmar a presença de lesões (Silva, 2024).

Para resultados de HSIL (Lesão Intraepitelial de Alto Grau) ou Carcinoma In Situ, o encaminhamento para colposcopia com biópsia dirigida é comum. Caso a lesão de alto grau seja confirmada, tratamentos como conização ou excisão eletrocirúrgica do colo do útero podem ser indicados para remoção das células anormais. Finalmente, para resultados de Carcinoma Invasivo, a paciente deve ser encaminhada para avaliação e tratamento especializados por um oncologista ginecológico ou especialista em câncer (Silva, 2024).

Com base nas diretrizes do SUS e do Ministério da Saúde, as quinze pacientes que participaram dessa ação receberam orientações específicas de acordo com os resultados dos seus exames colpocitológicos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prevenção do câncer de colo de útero é essencial para reduzir a incidência e mortalidade associadas a essa doença. A adoção de práticas de rastreamento, como o exame de Papanicolau e a detecção do HPV, desempenha um papel fundamental na identificação precoce de lesões cervicais, muitas das quais podem ser tratadas com sucesso antes de se tornarem câncer invasivo. Além disso, a promoção da vacinação contra o HPV, que é uma das principais causas do câncer cervical, contribui significativamente para a prevenção primária da doença. A educação contínua sobre fatores de risco, como tabagismo e imunossupressão, também é crucial para reduzir a vulnerabilidade das mulheres ao câncer cervical. Assim, um enfoque integrado em rastreamento, vacinação e educação é vital para a prevenção eficaz e a proteção da saúde das mulheres.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. R. S. *et al.* **Análise da segurança e efetividade da vacina contra o HPV: Revisão compreensiva.** Seven, 2024.

CUNHA, M. A. *et al.* Importância do rastreio e detecção precoce do câncer de útero: uma revisão. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 5, p. 308-316, 2024.

LIMA, K. F. *et al.* A importância dos fatores associados a não adesão ao exame preventivo do câncer de colo uterino por mulheres brasileiras - revisão sistemática. **RBAC**, Amazonas, n. 54, p. 55-61, 2022.

MEDEIROS, A. T. N. *et al.* Ações do enfermeiro frente à prevenção do câncer de colo uterino na atenção básica. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 10, 2021.

SILVA, T. O. Análise da cobertura do exame preventivo do câncer do colo de útero no Município de Santa Inês, Maranhão, entre 2018 e 2022. **Repositório UEMA**, 2024.

**“APRENDER FAZENDO”: o atendimento à comunidade como processo
de formação transformadora no curso de Fisioterapia da UNIFAN**

Leila Medeiros Melo
Gabriela Lopes dos Santos
Guilherme da Silva Faleiro

1 INTRODUÇÃO

Dentro de uma proposta de formação superior baseada em princípios e metas, que viabilize o desenvolvimento de habilidades e competências ao longo da formação acadêmica e através da superação dos muros da sala de aula, abrindo a universidade à comunidade que a abriga, a proposição de uma oficina de atendimento fisioterapêutico durante o UNIFAN SOCIAL 2022 objetivou, para além da prestação de serviços assistenciais, a aprendizagem significativa dos alunos envolvidos com a atividade, ao passo que lhes proporcionava aprimoramento técnico, científico e humano, ressignificando o processo de ensino-aprendizagem (Costa; Cotta, 2014; Illeris, 2013).

Justamente porque as práticas curriculares de extensão oportunizam um rico encontro entre acadêmicos/universidade e população real, configura-se em um espaço de troca de saberes e, também, de ensino e pesquisa. Neste mesmo espaço, o encontro profissional-paciente e o diálogo dele gerado, afora a reflexão pessoal e as possíveis mudanças geradas na compreensão discente sobre o significado da assistência, contribuem para o aperfeiçoamento técnico dos alunos, a efetividade e a afetividade do cuidado (Moura *et al.*, 2020; Silva; Takenami; Palácio, 2022).

Nesse ínterim, a atividade extensionista desenvolvida, à semelhança do que fora identificado por Colombo (2013), conseguiu operacionalizar o compromisso institucional com a comunidade, enquanto aumentou a eficiência da aprendizagem. Os alunos foram capacitados previamente à prestação do serviço e, por meio da metodologia de aprendizagem baseada no trabalho (Bezerra; Carvalho; Lopes, 2022) e centrada no paciente (Lopez *et al.*, 2022), conseguiram aprimorar sua competência técnica no manejo da dor, bem como sua capacidade de coletar dados e embasar a prática fisioterapêutica em evidências científicas.

2 DESENVOLVIMENTO

A reprodução de cenários reais da prática profissional, como assinalado por Nalom *et al.* (2019, p. 1706), “desenvolvem e compreendem, de forma mais ampliada, os valores necessários ao desenvolvimento do trabalho em equipe e da empatia, o que lhes proporciona aprendizagem significativa e concatenada com a política brasileira de formação em saúde”.

Sob a concepção da “aprendizagem baseada em projetos e problemas”, de Bes *et al.* (2019), os alunos que participaram da oficina passaram por um treinamento prévio sobre um protocolo específico de terapia manual, utilizando técnicas da massagem clássica (Massagem Sueca), pois precisavam aprender a manejar a dor dos pacientes que visitassem o evento. Ademais, também foram capacitados a apresentar, explicar e preencher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) das pessoas atendidas e um questionário para avaliação de dor (ambos *online*, disponibilizados pelo *Google Forms*) – aplicado previamente e posteriormente à ação – integrando ensino-pesquisa-extensão (Santos; Faleiro; Melo, 2022).

Como defendido por Bezerra, Carvalho e Lopes (2022), a aplicação do protocolo de atendimento a partir dos sintomas apresentados pelos visitantes atendidos, ao despertar a responsabilidade discente, mostrou-se um importante fator de amadurecimento pessoal e profissional e um instrumento valioso dentro da concepção de aprendizagem baseada no trabalho, bem como um artifício de introdução e progressão discente no universo da pesquisa científica.

Além disso, a iniciativa discente de organização do cronograma e escala de atendimentos, bem como a definição de rodízios entre os papéis de coleta de dados e execução do protocolo de atendimento, representou uma das estratégias de aprendizagem colaborativa, com robusta contribuição para o desenvolvimento das habilidades e competências socioemocionais exigidas durante a prática fisioterapêutica (Bes *et al.*, 2019).

O treinamento discente, envolvendo a revisão das técnicas da “Massagem Sueca” e a adaptação das mesmas ao protocolo montado, foi conduzido pelo professor Guilherme da Silva Faleiro e ocorreu ao longo do mês de junho de 2022, ao passo que a oficina de atendimento fisioterapêutico aconteceu durante o UNIFAN SOCIAL, nos dias 24 e 25 do mesmo mês e ano, no Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), nos turnos matutino e vespertino. Seu público-alvo foi a comunidade que visitou a instituição ao longo da ação social, totalizando 108 atendimentos, ao passo que os alunos de diferentes períodos e turnos se revezaram na prestação do cuidado, sempre supervisionados por professores do colegiado do curso (Santos; Faleiro; Melo, 2022).

A atividade assistencial desenvolvida, envolvendo ensino-pesquisa-extensão, foi organizada em quatro momentos específicos: a) acolhimento do visitante com explicação dos objetivos da atividade e do TCLE, coleta dos dados iniciais e autorização do TCLE; b) avaliação inicial do visitante antes da intervenção, examinando o grau de dor referida aos movimentos de cabeça e pescoço; c) aplicação do protocolo de massagem para manejo da dor; d) avaliação final da dor, examinando os mesmos movimentos anteriormente avaliados.

Assim sendo, a sala de espera (Figura 1) representou o primeiro cenário de contato com os visitantes, a apresentação e o preenchimento do TCLE, enquanto a aplicação do protocolo de atendimento utilizou as macas e demais estruturas do laboratório de Eletrotermofototerapia – integrante da clínica escola da instituição (Figura 2).

Figura 1 - Coleta inicial dos dados



Fonte: acervo dos autores.

Figura 2 - Atuação dos estudantes



Fonte: acervo dos autores.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tripés ensino-pesquisa-extensão e ensino-serviço-comunidade constituem-se um desafio e uma exigência constantes na formulação e desenvolvimento de projetos pedagógicos dos cursos de graduação das mais diversas áreas do conhecimento, com especial importância na formação em saúde, considerando-se que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos cursos da saúde preveem uma formação crítica, reflexiva e transformadora, com, no e para o SUS, de modo a fortalecer a assistência prestada e qualificar os serviços recebidos pelas populações contempladas.

Neste contexto, o planejamento de atividades de extensão no curso de Fisioterapia da Unifan tem envolvido diferentes momentos e abordagens de formação, pensando na espiralização do conhecimento, na integração constante de atores, saberes e práticas e na participação ativa dos acadêmicos e da comunidade na construção de uma aprendizagem significativa, reflexiva, humanista e humanizada.

A percepção de todos os envolvidos foi unânime, ao final do evento, em reconhecer a integração e mobilização discente, bem como a mudança nas atitudes e na postura dos alunos entre si e com os pacientes. Entre os visitantes atendidos, a percepção da dor mudou expressivamente – gerando um estudo à parte. Tal atividade recebeu inúmeros elogios pelo serviço prestado.

Assim, percebemos que o aperfeiçoamento das habilidades técnicas dos alunos com relação às manobras clássicas de massagem, bem como o fortalecimento das relações interpessoais, profissional-paciente e docente-discente, marcadas pelo contato com o universo da pesquisa científica e da prática baseada em evidências, fortalece os propósitos institucionais, qualifica a formação ofertada e amplia a capacidade de ação transformadora das realidades circunscritas ao ambiente acadêmico e social da UNIFAN e de seus discentes, docentes e colaboradores.

REFERÊNCIAS

- BES, P. *et al.* **Metodologias para aprendizagem ativa**. Porto Alegre: SAGAH, 2019.
- BEZERRA, J. W. P.; CARVALHO, P. R.; LOPES, R. M. Aprendizagem Baseada no Trabalho: contribuições para a Educação Profissional na saúde. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, Brasil, v. 8, p. e190822, 2022.
- COLOMBO, S. S. **Gestão universitária: os caminhos para a excelência**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- COSTA, G. D.; COTTA, R. M. M. O aprender fazendo: representações sociais de estudantes da saúde sobre o portfólio reflexivo como método de ensino, aprendizagem e avaliação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, p. 771-784, 2014.
- ILLERIS, K. **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- LOPEZ, M. *et al.* *The training of a new social-responsible generation of health professionals with a patient-centered vision*. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 27, n. 8, p. 3043-3051, 2022.
- MOURA, A. C. A. *et al.* Estratégias de Ensino-Aprendizagem para Formação Humanista, Crítica, Reflexiva e Ética na Graduação Médica: Revisão Sistemática. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online], v. 44, n. 3, 2020.
- NALOM, D. M. F. *et al.* Ensino em saúde: aprendizagem a partir da prática profissional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 5, p. 1699-1708, 2019.

SANTOS, G. L.; FALEIRO, G. S.; MELO, L. M. Percepção de dor em pacientes atendidos pela fisioterapia durante ação social da UNIFAN. *In: XI PESQUISAR*, v. 11, Aparecida de Goiânia/GO. **Anais eletrônicos do XI Pesquisar**. Aparecida de Goiânia: Editora Alfredo Nasser, 2022. p. 1-8. Disponível em: https://www.unifan.edu.br/unifan/aparecida/?page_id=7276. Acesso em: 24 mar. 2023.

SILVA, L. G. M. S.; TAKENAMI, I; PALÁCIO, M. A. V. A abordagem da medicina narrativa no processo de ensino-aprendizagem nas graduações das profissões da saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, n. 2, 2022.

AVALIAÇÃO GERIÁTRICA AMPLA E CÁLCULO DO FRAX NO ATENDIMENTO À POPULAÇÃO IDOSA DE APARECIDA DE GOIÂNIA*

1 INTRODUÇÃO

Entre os dias 16 e 18 de abril de 2024, no Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), ocorreu a 19ª edição do Movimento Científico e Cultural de Aparecida de Goiânia (MOCCA), um evento que contribuiu significativamente para a promoção de serviços à comunidade. Nesse contexto, profissionais especializados em Dor, com o auxílio de acadêmicos do curso de Medicina vinculados às ligas acadêmicas: Liga Acadêmica de Anestesiologia e Dor (LAADO) e Liga Acadêmica de Nefrologia (LANEFRO) da UNIFAN ofereceram serviços gratuitos de atendimento à população idosa. Foi realizada a “Avaliação Geriátrica Ampla”, que visa estabelecer o cálculo para risco de desenvolver fraturas maiores nos próximos 10 anos e realizar orientações à população idosa (60a+) sobre cuidados com a saúde em geral.

O envelhecimento populacional é uma realidade mundial e representa um dos maiores desafios para os sistemas de saúde. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a expectativa de vida global continua a aumentar, o que resulta em um número crescente de indivíduos idosos que demandam cuidados especializados. Nesse contexto, a Avaliação Geriátrica Ampla (AGA) surge como uma ferramenta essencial para a compreensão multidimensional das necessidades de saúde da população idosa, englobando aspectos clínicos, funcionais, sociais e psicológicos (Da Silva, 2020).

Além da AGA, outra ferramenta importante para o manejo da saúde do idoso é o cálculo do FRAX (*Fracture Risk Assessment Tool*), que visa estimar o risco de fraturas osteoporóticas nos próximos dez anos, permitindo intervenções mais assertivas no que diz respeito à prevenção de fraturas (Kanis *et al.*, 2021). Dada a relevância desses instrumentos, o presente artigo tem como objetivo discutir a importância da AGA e do FRAX no cuidado à população idosa, destacando o papel do desenvolvimento de ações sociais voltadas a essa faixa etária e suas contribuições para a sociedade.

* Autoria de Amanda Vieira Parente; Camilla Chagas Moreira Alves; Daiany Caixeta Campos; Delma dos Santos Assis Mercadante; Iara Augusta de Oliveira Figueiredo; Kamila Cristina Rodrigues Pelengrino; Lays Rabelo Rates; Maristela Silva Machado; Sumaya Vieira Canedo Prudente; Thalisson Cabral Araújo Paulista; Thiago Arruda Prado Cavalcante; Vanessa Teodoro Laureano Candido; Vitória Emanuele A.; Dr. Frederico Barra de Moraes; Dr. Afonso Lucas Oliveira Nascimento - Liga Acadêmica de Anestesiologia e Dor (LAADO) e Liga Acadêmica de Nefrologia (LANEFRO).

O presente trabalho é um relato de experiência, produzido a partir da vivência dos acadêmicos do curso de Medicina da UNIFAN no contexto de atendimentos à população idosa durante o MOCCA. Trata-se de um olhar qualitativo, a partir de métodos descritivos e observacionais. No evento, foram realizadas nove avaliações geriátricas, em que os pacientes passaram pelos questionários da AGA e pelo cálculo do FRAX com posterior orientação referente ao resultado obtido durante as avaliações. As orientações foram embasadas na pontuação obtida através dos questionários aplicados, que variavam desde a procura de médicos psiquiatras, ortopedistas, reumatologistas até outros profissionais da área da saúde como psicólogos, fisioterapeutas e nutricionistas. Não houve distinção de raça, escolaridade ou condição socioeconômica entre os pacientes, sendo utilizada como critério a faixa etária entre 50 anos de idade ou mais.

2 DESENVOLVIMENTO

A AGA é um processo sistemático e multidisciplinar que tem como objetivo avaliar a condição geral de saúde do idoso, englobando componentes físicos, mentais, funcionais e sociais. Diferentemente das avaliações clínicas tradicionais, que focam apenas em aspectos biomédicos, a AGA busca uma visão holística do idoso, considerando suas condições de vida, nível de funcionalidade e suporte social (Tomasello, 2019). Entre os principais domínios da AGA estão:

- **Avaliação clínica:** identificação de comorbidades, como hipertensão, diabetes, e doenças cardiovasculares.

- **Avaliação funcional:** análise da capacidade do idoso para realizar atividades básicas e instrumentais da vida diária, como alimentar-se e fazer compras (Santos; Oliveira; Menezes, 2020).

- **Avaliação cognitiva e psicológica:** diagnóstico de demência, depressão e outras condições mentais que afetam a qualidade de vida.

- **Avaliação social:** verificação do suporte familiar e comunitário, além das condições socioeconômicas.

O uso da AGA contribui para o desenvolvimento de planos de cuidados personalizados, que favorecem o envelhecimento saudável e evitam hospitalizações recorrentes (Da Silva, 2020). Além disso, a AGA permite a identificação precoce de problemas de saúde que podem ser tratados antes de agravarem a condição do idoso.

As fraturas osteoporóticas representam um dos principais problemas de saúde na população idosa, com impacto significativo na qualidade de vida e na mortalidade. O FRAX foi desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde para estimar o risco de fraturas osteoporóticas em um período de dez anos. Esse cálculo baseia-se em fatores como idade, sexo, índice de massa corporal, uso de glicocorticoides, histórico de fraturas, e densidade mineral óssea (Kanis *et al.*, 2021).

O FRAX é especialmente útil na população idosa, visto que esse grupo etário é mais suscetível a fraturas devido à redução da densidade óssea e ao aumento da incidência de quedas. Ao identificar precocemente os idosos com alto risco de fraturas, o FRAX permite a implementação de medidas preventivas, como o uso de medicação osteoprotetora, suplementação de cálcio e vitamina D, além de intervenções para reduzir o risco de quedas (Moreira; Pereira; Ramos, 2021).

O envelhecimento populacional demanda não apenas cuidados médicos, mas também a implementação de ações sociais que promovam a saúde e o bem-estar dos idosos. Ações comunitárias, como grupos de convivência, programas de atividade física adaptada, e campanhas de conscientização sobre a saúde óssea, desempenham papel crucial na prevenção de doenças e na promoção da qualidade de vida (Almeida; Souza; Farias, 2022).

O projeto proporcionou o total de nove avaliações geriátricas, em que os pacientes passaram pelos questionários da AGA e pelo cálculo do FRAX, com posterior orientação referente ao resultado obtido durante as avaliações de forma gratuita. Dentre os docentes e/ou coordenadores de curso responsáveis pela atividade, na linha de frente do projeto estavam: Amanda Vieira Parente, Camilla Chagas Moreira Alves, Daiany Caixeta Campos, Delma dos Santos Assis Mercadante, Iara Augusta de Oliveira Figueiredo, Kamila Cristina Rodrigues Pelengrino, Lays Rabelo Rates, Maristela Silva Machado, Sumaya Vieira Canedo Prudente, Thalisson Cabral Araújo Paulista, Thiago Arruda Prado Cavalcante, Vanessa Teodoro Laureano Candido, Vitória Emanuele Almeida de Souza, Dr Frederico Barra de Moraes e Dr Afonso Lucas Oliveira Nascimento.

Figura 1 - Fotos da ação da coleta de exames de colpocitologia oncológica pelos alunos durante o MOCCA



Fonte: autoria do projeto.

Essas iniciativas, quando integradas à AGA e ao cálculo do FRAX podem gerar impactos significativos na saúde da população idosa. Por exemplo, programas de educação em saúde que incentivem a adesão à atividade física podem reduzir o risco de quedas e melhorar a densidade óssea, enquanto o fortalecimento dos vínculos sociais contribui para a saúde mental e emocional dos idosos (Santos; Oliveira; Menezes, 2020).

Além disso, políticas públicas de apoio ao idoso, como o Estatuto do Idoso no Brasil, podem ser reforçadas a partir dos dados fornecidos pela AGA e pelo FRAX, permitindo a alocação de recursos em áreas prioritárias, como a prevenção de fraturas e a melhoria da assistência domiciliar. Dessa forma, o desenvolvimento de ações sociais integradas ao cuidado de saúde do idoso é essencial para garantir um envelhecimento saudável e digno (Almeida; Souza; Farias, 2022).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Avaliação Geriátrica Ampla e o cálculo do FRAX são ferramentas fundamentais para o cuidado da população idosa, permitindo a identificação de riscos e a implementação de intervenções preventivas eficazes. Quando integradas a ações sociais, essas ferramentas contribuem para a promoção da saúde e a melhoria da qualidade de vida dos idosos, além de gerar impacto positivo para a sociedade como um todo, reduzindo custos de saúde e aumentando a longevidade saudável.

A integração entre saúde e políticas sociais é crucial para enfrentar os desafios impostos pelo envelhecimento populacional. O fortalecimento de iniciativas que promovam o envelhecimento ativo e a prevenção de fraturas deve ser uma prioridade na agenda pública, visando não apenas a longevidade, mas também o bem-estar físico, mental e social dos idosos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. M.; SOUZA, A. C.; FARIAS, P. M. Ações comunitárias na promoção da saúde do idoso: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 25, n. 3, p. 785-795, 2022.

DA SILVA, M. G. A importância da Avaliação Geriátrica Ampla no envelhecimento saudável. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, n. 2, p. 123-130, 2020.

KANIS, J. A.; MCLOSKEY, E. V.; JOHANSSON, H. *et al.* Development and use of FRAX in osteoporosis. *Osteoporosis International*, v. 32, n. 5, p. 2455-2463, 2021.

MOREIRA, A. L.; PEREIRA, J. A.; RAMOS, L. M. O uso do FRAX para avaliação do risco de fraturas em idosos. *Revista Brasileira de Reumatologia*, v. 61, n. 2, p. 201-208, 2021.

SANTOS, R. P.; OLIVEIRA, C. B.; MENEZES, R. L. Avaliação multidimensional na população idosa: a importância do suporte social. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 7, p. 2901-2910, 2020.

TOMASELLO, G. S. A Avaliação Geriátrica Ampla no contexto da medicina geriátrica. *Geriatrics and Gerontology International*, v. 19, n. 3, p. 223-230, 2019.

ESTRATÉGIAS LÚDICAS COMO FERRAMENTA DE HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO NA PEDIATRIA

Lais Gonçalves Menezes

Hêndia Pinheiro Silva Rezende

Thatinelle Franciane de Almeida

Sâmella Soares Oliveira Medeiros

Yanyny Schneider Vilela

Fábio Marques de Almeida

1 INTRODUÇÃO

Entre os dias 11 e 12 de abril, do ano de 2025, foi realizado o Movimento Científico e Cultural de Aparecida de Goiânia (MOCCA), no Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN). O evento contribuiu significativamente para a promoção de serviços à comunidade. Nesse contexto, profissionais especializados em Pediatria, juntamente com pessoas qualificadas em Humanização, e com o auxílio de acadêmicos do curso de Medicina, ofereceram serviços gratuitos e didáticos voltados a ações lúdicas com o público pediátrico. Essas atividades foram realizadas com as crianças da comunidade que estavam comparecendo ao evento, contribuindo para um momento de lazer, cuidado e orientação, enfatizando a humanização da medicina.

O projeto justifica-se pelo fato de que, segundo Hen (2023); e, Ullán *et al.* (2021), a humanização do cuidado em pediatria torna-se uma estratégia fundamental para minimizar o sofrimento e promover uma assistência integral. A hospitalização infantil representa uma experiência potencialmente estressante, que pode vir a causar medo, dor, ansiedade e, conseqüentemente, ruptura da rotina familiar e social. Procedimentos invasivos, ambientes desconhecidos e a separação com vínculos de afeto podem desencadear respostas emocionais negativas, impactando o bem-estar psicológico da criança como prognóstico clínico.

As práticas lúdicas e artísticas têm sido reconhecidas como importantes ferramentas de humanização no ambiente hospitalar. Intervenções como desenho, pintura, brincadeiras terapêuticas, arteterapia e outras atividades expressivas possibilitam à criança expressar emoções, compreender o processo de adoecimento e ressignificar a experiência do período de hospitalização (Mulholland, 2003; Carvalho; Costa Neto; Ferreira, 2020). Evidências recentes

demonstram que atividades artísticas associadas a procedimentos médicos, como a venopunção, podem reduzir significativamente os níveis de dor e ansiedade em crianças hospitalizadas (Mersal *et al.*, 2025).

Além do controle de sintomas emocionais imediatos, o uso de estratégias de cunho lúdico pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais, aumento da autoestima e fortalecimento da sensação de segurança e autonomia, pois trabalha com a criação de vínculos entre paciente, profissional e seus familiares. Estudos apontam que intervenções baseadas em arte favorecem a expressão emocional, a empatia e o enfrentamento de situações adversas, sendo particularmente relevantes em contextos de adoecimento ou vulnerabilidade (Ghaleh *et al.*, 2025).

Revisões literárias apontam também que a inserção de recursos artísticos no ambiente hospitalar, incluindo atividades estruturadas e a adaptação estética dos espaços, estão associadas à redução de emoções negativas, melhora do humor e maior satisfação de crianças e familiares. Tais intervenções também fortalecem o vínculo entre profissionais de saúde, seus pacientes e familiares, cooperando assim para uma assistência mais acolhedora e centrada na criança (Wang; Zheng, 2026; Ullán *et al.*, 2021).

Desta forma, as estratégias lúdicas, que consistem na utilização de recursos para além da medicina, são recursos terapêuticos complementares, que favorecem a humanização da assistência pediátrica, promovendo benefícios emocionais, comportamentais e clínicos. Além disso, iniciativas baseadas em educação artística e intervenções comunitárias reforçam o potencial dessas estratégias na promoção da saúde e do bem-estar de crianças e adolescentes (Farre *et al.*, 2018). Considerando a relevância do uso destes recursos na humanização do exercício da medicina, o presente estudo tem por objetivo discutir o papel das estratégias de intervenções artísticas como ferramenta de humanização no cuidado na área da pediatria.

2 DESENVOLVIMENTO

O voluntariado na saúde é uma prática de relevância social e acadêmica que possibilita a articulação entre pesquisa e extensão. Durante o mês de abril de 2025, docentes e discentes do curso de Medicina da UNIFAN prestaram atendimento humanizado ao público pediátrico durante o MOCCA, evento institucional de assistência multidisciplinar à saúde da comunidade, por meio de atividades lúdicas com foco nas artes visuais. A ação de extensão “Arte que Cura” teve como objetivo principal reduzir principalmente o estresse do paciente

em espera pelo atendimento médico e oferecer um cuidado mais sensível às necessidades emocionais da criança.

Foram atendidas 25 crianças de 4 a 12 anos, sendo responsáveis pela atividade os discentes: Digilany Aparecida De Souza Lemes, Fernanda Laignier, Sâmella Soares Oliveira Medeiros, Thais Mendanha de Almeida, Isabella Régia de Oliveira, Jordana Coelho Soares Santos, Ana Clara Leal, Maria Cecyllia Miranda Perinelli, Maria Caroline Alves Fonseca Rodrigues, Hêndia Pinheiro Silva Rezende, Gabriel Matheus D'Abadia França, Isabela Cardoso, Luiza Vieira Martins, Ana Beatriz de Castro Silva, Danyelly Krystynne, Thayná Alves de Azevedo e Evelyn Ferreira Renovato.

O atendimento teve início com o acolhimento da criança e seu acompanhante no espaço da sala de espera. Realizou-se uma breve entrevista para verificar o estado emocional da criança, suas preferências e possíveis experiências anteriores no contexto da saúde. Em seguida, as crianças foram convidadas para participar das atividades lúdicas em um espaço especialmente preparado, com mesas adaptadas, materiais artísticos variados e a presença constante de um facilitador.

Os materiais utilizados na intervenção foram escolhidos a partir das especificidades da técnica de pintura facial, priorizando a segurança e o conforto das crianças. Foram utilizadas tintas hipoalergênicas à base de água, próprias para a pele, pincéis de diferentes tamanhos e espessuras, esponjas, copos para diluição das cores, água, toalhas externas e espelhos para ver como ficaram. Todos os materiais eram de uso individual ou foram devidamente higienizados entre as aplicações, e os facilitadores utilizaram equipamentos de proteção individual, obedecendo às normas de biossegurança da instituição.

Durante a atividade, os promotores adotaram postura de escuta ativa e acolhimento, respeitando o tempo e o desejo de cada criança. A proposta não era apenas a técnica da pintura, mas a construção de um espaço de interação lúdica onde a criança pudesse fazer escolhas, como a cor, o desenho e o local do rosto que gostaria de pintar, favorecendo a autonomia e o protagonismo da criação. O foco esteve no processo criativo e relacional, e não no resultado estético da pintura. Ao final, as crianças eram convidadas a se olhar no espelho e, caso quisessem, poderiam registrar o momento com uma fotografia ou permanecer maquiadas para a consulta, o que contribuiu para uma experiência mais leve e positiva do atendimento.

As imagens a seguir, registradas pelos próprios acadêmicos mediante autorização das famílias, ilustram o desenvolvimento da atividade de pintura facial.

Figura 1 - Atividades lúdicas com crianças durante a ação “Arte que Cura”



Fonte: autoria do projeto, 2025.

Figura 2 - Atividades lúdicas com crianças durante a ação “Arte que Cura”



Fonte: autoria do projeto, 2025.

Figura 3 - Atividades lúdicas com crianças durante a ação “Arte que Cura”



Fonte: autoria do projeto, 2025.

Figura 4 - Atividades lúdicas com crianças durante a ação “Arte que Cura”



Fonte: autoria do projeto, 2025.

A literatura apoia claramente os resultados observacionais dessa experiência. Uma revisão sistemática contínua por Versitano e seus colaboradores (2025) analisou 23 estudos originais sobre arteterapia com crianças e adolescentes, com condições de saúde mental agudas ou graves, foram encontradas evidências da eficácia da intervenção como meio de

reduzir sintomas de transtorno de estresse pós - traumático, depressão e ideação suicida, além de benefícios para a regulação emocional e a comunicação entre crianças e suas famílias. Os autores também destacam a alta aceitabilidade da arteterapia para essa população.

Neste contexto, a humanização do cuidado pediátrico emerge como modelo essencial que transcende a norma biomédica tradicional, reconhecendo a criança não apenas como paciente, mas como ser humano integral inserido e atuante no contexto familiar e social. A densidade desse cuidado proporciona assistência focada em toda a família, valorizando cada criança como ser humano completo cuja, qualidade de vida possui significado e alegria, não apenas como diagnóstico diferencial intrínseco ao ambiente hospitalar.

Os resultados de Wang e Zheng (2026) reforçam que as intervenções de cunho artístico, dentro do contexto hospitalar pediátrico são fortemente associadas à redução das emoções negativas, tais como o medo e a ansiedade, promovendo um ambiente mais humanizado no espaço psico-hospitalar. Ullán *et al.* (2021), em revisão do escopo sobre artes visuais aplicadas em hospitais infantis, evidenciaram benefícios consistentes na qualidade da experiência ambulatorial que impactaram positivamente no bem-estar emocional das crianças e seus responsáveis.

No contexto de doenças crônicas, como as onco-hematológicas, Carvalho, Costa Neto e Ferreira (2020) demonstram como a arte funciona e a capacidade de ser uma mediadora simbólica, que possibilita à criança a elaboração de vivências quanto ao seu sofrimento e ressignifica sua experiência de adoecimento e do tratamento. Mulholland (2003), ao discutir a arteterapia no foco gestáltico, enfatiza a importância do contato verdadeiro e da expressão criativa para o desenvolvimento infantil, especialmente em situações de vulnerabilidade. Isso posto, infere-se que a pintura facial, enquanto modalidade artística com possibilidade de aplicabilidade direta no corpo, potencializa o contato, ao proporcionar à criança uma experiência estética e lúdica que a posiciona como protagonista de seu próprio cuidado.

Os achados são corroborados por estudos experimentais como, por exemplo, Ghaleh com sua equipe (2025) expuseram que a terapia que se utilizou da pintura, com ênfase no uso das cores, promoveu melhorias significativas nas habilidades sociais e na empatia das crianças. Ademais, especificamente sobre a pintura facial, pesquisas conduzidas em ambientes escolares revelaram os ganhos expressivos na autoconfiança de crianças com necessidades especiais, ao permitir que elas se vissem representadas de maneira lúdica e colorida, o que potencializa sua interação social e autoestima (Dzikry, 2025).

Referente à aceitabilidade das intervenções, Hen (2023) avaliou a arteterapia em ambiente hospitalar de curta duração e chegou à conclusão de que a prática é viável, bem

aceita pelas crianças e familiares e é considerada benéfica pela equipe de saúde. Sob este viés analítico, é válido ressaltar que a oferta de um espaço de expressividade dentro da rotina hospitalar evidencia sua eficiência para reduzir a tensão e facilitar a comunicação. No caso específico da pintura facial, observou-se que o contato visual e tátil durante a aplicação das tintas possibilita reforçar e criar vínculo entre a criança com a pessoa que aplica a técnica, criando um momento de intimidade e confiança que contrasta com a impessoalidade muitas vezes associada aos procedimentos médicos e seus profissionais.

A medicina baseada em evidências corrobora para que respostas fisiológicas ao estresse, como sudorese palmar, movimento corporal excessivo, taquicardia e hipertensão, podem ser significativamente reduzidas por intervenções de brincar terapêutico. Além disso, uma revisão sistemática recente demonstrou que aproximadamente 78% dos estudos avaliados relataram efeitos positivos das estratégias lúdicas sobre dor, estresse e ansiedade em crianças hospitalizadas, evidenciando a eficácia dessas intervenções como mediadoras da adaptação emocional e da regulação fisiológica durante procedimentos clínicos. Diante disso, a eficácia das estratégias lúdicas utilizadas na pediatria está amplamente consolidada, uma vez que, fundamentalmente, reconhecem, preservam e trabalham com a humanidade da criança durante experiências médicas.

As estratégias lúdicas são ferramentas fundamentais para aplicar a humanização do cuidado na medicina, em especial na pediatria. O brincar, através da pintura facial, é crucial para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança, tornando-se ainda mais crítico durante adversidades ou pontos de estresse na vida infantil. As evidências internacionais sugerem que intervenções baseadas em arteterapia transcendem o caráter recreativo, configurando-se como recurso terapêutico capaz de favorecer a função emocional, o desenvolvimento de habilidades de autorregulação e a adaptação psicossocial, além de serem um artefato essencial no acolhimento das emoções dos pacientes. Assim, estudos na interface entre neurociência e desenvolvimento infantil indicam que experiências lúdico-expressivas podem influenciar positivamente circuitos neurais relacionados à recompensa, à aprendizagem e à modulação do estresse.

A caracterização da amostra atendida na presente ação é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição etária das crianças participantes (N=25)

Faixa Etária	Frequência absoluta	Frequência relativa
4 a 6 anos	8	32%
7 a 9 anos	10	40%
10 a 12 anos	7	28%

Fonte: dados da pesquisa, 2025.

A observação sistemática das respostas das crianças durante a atividade de pintura facial permitiu identificar padrões de comportamento e expressão emocional que indicam os efeitos positivos da intervenção. A Tabela 2 sintetiza as principais respostas observadas.

Tabela 2 - Respostas observadas durante a atividade de pintura facial (N=25)

Resposta observada	Frequência absoluta
Redução da ansiedade (menor choro, relaxamento)	18
Melhora na comunicação (verbal e não verbal)	15
Aumento da cooperação durante o atendimento	20
Expressão de medo, raiva ou tristeza	8
Satisfação com a própria imagem ao se olhar no espelho	22

Fonte: dados da pesquisa, 2025.

Destaca-se que 22, das 25 crianças, manifestaram satisfação visível ao se observarem no espelho após a pintura facial finalizada, o que sugere um impacto positivo na autoimagem e na autoestima. Esse dado é particularmente relevante no contexto pediátrico, uma vez que a hospitalização frequentemente pode submeter a criança a uma condição de passividade e dependência, perda de autoestima na qual sua identidade e individualidade podem ser obscurecidas pela condição de doente.

Ressalta-se que a avaliação de intervenções psicossociais demanda métodos sensíveis à subjetividade e à complexidade dos fenômenos envolvidos no ato de ser criança. Embora estudos controlados sejam necessários para estabelecer relações causais e fatos, relatos de experiência como este contribuem para a compreensão dos processos e para o aprimoramento das práticas assistenciais. A observação clínica, aliada à escuta ativa para com crianças e familiares, revela as dimensões do cuidado que nem sempre são captadas por instrumentos

padronizados, mas que são fundamentais para a humanização do cuidado e na assistência da saúde.

Este relato está em consonância com a literatura internacional e cooperam para reforçar a importância de incorporar a pintura facial entre tantas outras estratégias lúdicas à rotina dos serviços de saúde voltados à população pediátrica. Dito isso, nota-se que a arte aplicada ao corpo, especificamente a pintura facial em crianças transcende a função meramente estética: ela devolve à criança a possibilidade de se enxergar para além da doença, e para além do cuidado médico e hospitalar como um local de medo e insegurança resgatando sua identidade lúdica e promovendo alívio do sofrimento por meio da beleza, da cor, do afeto e do entretenimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanização do cuidado pediátrico consiste em práticas que possibilitam perceber a criança como sujeito ativo de sua experiência, mesmo em condição de vulnerabilidade. A pintura facial, conforme desenvolvida nesta ação, mostrou-se eficaz para reduzir manifestações de ansiedade, facilitar a comunicação e aumentar a cooperação durante a assistência. O momento frente ao espelho revelou-se particularmente significativo: ver-se transformado por cores e formas devolve à criança algo que o contexto hospitalar frequentemente suprime: a possibilidade de escolher como gostaria de ser vista.

Ofereceu para o futuro médico uma formação do caráter humanizado por meio de uma experiência de ensino que dificilmente seria reproduzida em sala de aula. Acompanhar o processo de aproximação junto à criança, respeitar seu tempo, perceber o impacto de um gesto simples sensibilizado para a complexidade do cuidado, legitimando a técnica da pintura no seu espaço de inserção relacional para prática médica é um ato enriquecedor e um grande diferencial no exercício médico.

A pintura facial tem vantagens operacionais relevantes: material de baixo custo, técnica de fácil aprendizagem e alta aceitação entre as crianças. Essas características se tornam replicáveis em diferentes cenários, desde unidades básicas até leitos hospitalares.

Estudos futuros podem aprofundar as investigações sobre resultados decorrentes da pintura facial ou do emprego de atividades artísticas em desfechos específicos, como níveis de cortisol ou escores padronizados de ansiedade. Entretanto, pontos como o olhar que brilha ao

ver-se no espelho dificilmente serão capturados por escalas, e isso não os torna menos relevantes.

Por fim, o que esta experiência sugere é que a humanização pode prescindir de grandes estruturas. Ela se faz no encontro entre quem cuida e quem é cuidado, na disposição para oferecer algo que responde a uma necessidade humana elementar: ser visto e acolhido em meio à dor. O ato de cuidar e curar toma formas mais amplas entre o biológico, o emocional e o psicossocial.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, G.; COSTA NETO, Sebastião Benício da; FERREIRA, Cintia Bragheto. Arte como instrumento psicoterapêutico no tratamento hospitalar de pessoas com doenças onco-hematológicas. **Revista da SBPH**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 95-108, jan./jun. 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582020000100009. Acesso em: 22 fev. 2026.
- DZIKRY, L. F. *Implementation Of Face Painting As A Strategy To Develop Self-Confidence In Children With Special Needs In Special Schools*. **JOSAR (Journal of Students Academic Research)**, v. 9, n. 2, p. 250-263, 2025. DOI: 10.35457/josar.v9i2.4276. Disponível em: <https://ejournal.unisbablitar.ac.id/index.php/josar/article/view/4276/2068>. Acesso em: 22 fev. 2026.
- FARRE, A. G. M. D. C. *et al. Adolescent health promotion based on community-centered arts education*. **Rev Bras Enferm.** v. 71, n. 1, p. 26-33, Jan-Feb 2018. English, Portuguese. DOI: 10.1590/0034-7167-2016-0078. PMID: 29324941. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/gVLhpFMHGBKwxV6NWqxTv8w/?format=html&lang=en#>. Acesso em: 22 fev. 2026.
- GHALEH, S. A. A. *et al. The effectiveness of painting therapy with an emphasis on color on social skills and empathy in children*. **International Journal of Educational Research / Iranian Journal of Educational Research**, Bandar Abbas, v. 4, n. 1, p. 17-28, 2025. DOI: 10.22034/4.1.17. Disponível em: <https://ijer.hormozgan.ac.ir/article-1-178-en.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2026.
- HEN, M. *Art Therapy for Children in Short-Term Hospitalization*. **Contin Educ.** v. 4, n. 1, p. 83-95. 15 Jun. 2023 doi: 10.5334/cie.63. PMID: 38774903; PMCID: PMC11104361. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11104361/>. Acesso em: 17 fev. 2026.
- MESRAL, F. A.; *et al. Art healing and play: Reducing pain and anxiety in hospitalized children during venipuncture*. **J Pediatr Nurs.**, v. 85, p. 22-29, Nov-Dec 2025. DOI: 10.1016/j.pedn.2025.07.009. Epub 2025 Jul 16. PMID: 40674855. Disponível em: [https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0882-5963\(25\)00252-0](https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0882-5963(25)00252-0). Acesso em: 24 fev. 2026.

MULHOLLAND, R. **Os recursos da arteterapia na abordagem gestáltica com crianças**. 2003. 86 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2003. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2854/2/9908065.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2026.

ULLÁN, A. M. *et al.* *Visual Arts in Children's Hospitals: Scoping Review*. **HERD: Health Environments Research & Design Journal**, v. 14, n. 4, p. 339-367, Oct 2021. DOI: 10.1177/19375867211003494. Epub 2021 Mar 29. PMID: 33779344. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/19375867211003494?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori:rid:crossref.org&rfr_dat=cr_pub%20%20pubmed. Acesso em: 22 fev. 2026.

VERSITANO, S. *et al.* *Art therapy with children and adolescents experiencing acute or severe mental health conditions: A systematic review*. **Aust N Z J Psychiatry**, v. 59, n. 10, p. 863-887, Oct 2025. DOI: 10.1177/00048674251361731. Epub 2025 Sep 8. PMID: 40916845; PMCID: PMC12460915. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12460915/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

WANG, L.; ZHENG, D. *Support for art interventions in children's hospitals and design strategies for alleviating negative emotions*. **Front Pediatr.**, v. 13, e1649799, 12 Jan 2026. DOI: 10.3389/fped.2025.1649799. PMID: 41602881; PMCID: PMC12833222. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12833222/>. Acesso em: 22 fev. 2026.

UNIFAN SOCIAL: cuidado com a vida através da imunização

Daniel Rodrigues Silva Filho

Nicole Garcia Brandão

Luiz Carlos Gonçalves Filho

Davi de Souza Nogueira

Fábio Marques de Almeida

1 INTRODUÇÃO

A pandemia causada pela doença Covid-19 tornou-se um dos grandes desafios do século XXI. Atualmente, acomete mais de 100 países e territórios nos cinco continentes. Seus impactos ainda são inestimáveis, mas afetam direta e/ou indiretamente a saúde e a economia da população mundial (*WHO*, 2020).

A COVID-19 é uma doença infectocontagiosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 31 de dezembro de 2019, em Wuhan, na China, foram descritos os primeiros casos de pneumonia causada por um agente desconhecido e reportados às autoridades de saúde. No dia 7 de janeiro de 2020, Zhu *et al.* anunciaram o sequenciamento do genoma viral e no dia 12 de janeiro, a China compartilhou a sequência genética com a OMS e outros países através do banco de dados internacional *Global Initiative on Sharing All Influenza Data* (GISAID). Desde então, os casos começaram a se propagar rapidamente pelo mundo, inicialmente pelo continente asiático, havendo relatados na Tailândia, Japão e Coreia do Sul nos dias 13, 15 e 20 de janeiro, respectivamente. Em seguida, o vírus foi importado para outros países e continentes. No dia 23 de janeiro, os primeiros casos da doença nos Estados Unidos da América (EUA) foram registrados (Fung *et al.*, 2020).

O coronavírus (CoV), inicialmente isolado em 1937, ficou conhecido em 2002 e 2003 por causar uma síndrome respiratória aguda grave no ser humano, denominada SARS. Na época, a epidemia foi responsável por muitos casos de infecções graves no sistema respiratório inferior, acompanhado de febre e, frequentemente, de insuficiência respiratória. No entanto, foi rapidamente controlada e somente alguns países como China, Canadá e EUA foram afetados pelo vírus. O exaustivo trabalho de pesquisadores, profissionais de saúde, entre outros, levou à contenção desse vírus (Fung *et al.*, 2020).

Ademais, anos após os primeiros casos do SARS-CoV, este novo CoV, batizado de SARS-CoV-2, é responsável pela rápida propagação e disseminação da doença a nível nacional e internacional. Esta nova cepa é menos letal do que os outros integrantes da família, tais como, SARS-CoV e o vírus causador da Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS-CoV), que surgiu em 2012 na Arábia Saudita. No entanto, embora as cepas tenham se originado de um ancestral comum, o SARS-CoV-2 apresenta maior potencial de disseminação (Fauci; Lane; Redfield, 2020).

Nesse viés, um dos grandes avanços da ciência é o desenvolvimento de vacinas. Com o objetivo de fortalecer o sistema imunológico, as vacinas estimulam a produção de anticorpos que combatem agentes infecciosos, como vírus e bactérias, e evitam o adoecimento. Além disso, a imunização é uma estratégia imprescindível para a saúde pública, uma vez que, ao prevenir a disseminação de doenças, também evita epidemias. Por isso, é uma ação que fortalece a resposta imune individual e coletiva.

Logo, o Movimento Científico e Cultural de Aparecida de Goiânia (MOCCA), realizado em 2022, teve como objetivo promover saúde para a população de Aparecida de Goiânia através da disponibilização de vacinas no âmbito do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN). Para isso, bastou que os cidadãos levassem seus documentos pessoais até o local da ação social. As pessoas que recebem todas as vacinas disponíveis no Programa Nacional de Imunização (PNI) têm melhor qualidade de vida e proteção a curto, médio e longo prazo.

É importante ressaltar que este relatório trata de experiências. Ele foi elaborado pelos acadêmicos do curso de Medicina da UNIFAN, no contexto do MOCCA, projeto social da UNIFAN. Trata-se de um olhar qualitativo, a partir de métodos descritivos e observacionais.

2 DESENVOLVIMENTO

O Programa Nacional de Imunizações (PNI) foi instituído em 1973, com o intuito de impulsionar o combate das principais doenças infectocontagiosas da época: sarampo, poliomielite, tuberculose, tétano, difteria e coqueluche. Existem várias vacinas disponíveis e algumas em desenvolvimento, as quais são concedidas nas unidades de saúde das redes públicas e privadas do país. Até o atual momento, o Sistema Único de Saúde (SUS), oferta 19 vacinas para mais de 20 doenças (Koehler; Santos, 2017).

Mesmo diante da crescente complexidade do PNI, há obstáculos para a continuação das vacinas. À medida que as pessoas não convivem com sucessivas mortes e consequências das doenças imunopreveníveis, começam a ignorar que essas doenças interferem na sua própria saúde e na dos membros de sua família, assim como na da comunidade. O medo dos eventos adversos e divulgações de informações falsas sobre os imunobiológicos são fatores que desmotivam a imunização (Domingues *et al.*, 2020).

O Brasil é o precursor da junção de diversas vacinas no calendário do SUS e é um dos poucos países no mundo que oferecem de maneira universal um catálogo extenso e completo de imunobiológicos. Apesar disso, a alta taxa de cobertura vacinal, que sempre foi sua característica fundamental, tem diminuído nos últimos anos. Um exemplo é a baixa adesão às campanhas vacinais por tipos de imunobiológicos aplicados em crianças menores de 1 ano de idade (CONASS, 2017).

No caso de Aparecida de Goiânia, a imunização de crianças e adultos é um tema com extrema relevância, uma vez que a Secretaria de Saúde do Município sempre registra vacinação em eventos, em CMEIs, mutirão para vacinação da população e até mesmo abertura de novas salas de vacinações nos hospitais e maternidades de Aparecida. Especialmente, a imunização contra a COVID-19, pode ser destacada em Aparecida de Goiânia, sendo que em maio de 2022 foram contemplados 1 milhão de imunizações realizadas no município (Secretaria de Saúde de Aparecida de Goiânia, 2022).

No dia em questão, a comunidade e os funcionários da instituição foram assistidos pelos alunos da instituição e por profissionais da saúde. Além dos atendimentos médicos e alguns outros serviços, foi oferecida à população a oportunidade para completar seu esquema vacinal.

Sendo assim, alguns alunos foram direcionados e responsáveis pela aplicação de vacinas nos pacientes que assim desejavam. Na ocasião, foram várias doenças abrangidas, e várias vacinas foram oferecidas, como a COVID-19, Influenza, entre outras.

Com este evento, a população foi assistida e os alunos saíram com mais experiência e aperfeiçoamento da técnica ideal na vacinação. Essa imunização é realizada via intramuscular, na região do ombro, especificamente na porção medial do músculo deltóide, sendo que o profissional faz um pinçamento da região preservando assim estruturas nervosas importantes.

Observamos que o serviço oferecido à comunidade pelo programa UNIFAN SOCIAL tende a interferir diretamente na vida da população, refletindo assim, positivamente, no cotidiano das pessoas e também no contexto da saúde pública e coletiva do município.

Figura 1 – Fotos da atuação dos estudantes no UNIFAN SOCIAL - 24 e 25/06/2022



Fonte: autoria do projeto (2022).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, pode-se dizer que a vacinação proporciona imunidade tanto individual quanto coletiva, pois ao vacinar uma pessoa, ela se torna imune ao vírus, deixando de desenvolver a doença e de ser um potencial reservatório para o agente infeccioso, além de controlar e impedir que sua circulação evite o contágio de outros indivíduos. Assim, é comprovado que a imunização é a medida mais eficaz de prevenção e combate a várias doenças, evitando que centenas de pessoas venham a óbitos, elevando suas perspectivas de

vida e proporcionando proteção, prevenção e promoção à saúde. Logo, o UNIFAN SOCIAL serviu como instrumento para a promoção da saúde e incentivo à prevenção e ao cuidado.

REFERÊNCIAS

CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE (CONASS). **A queda da imunização no Brasil**. 2017. Disponível em: <https://www.conass.org.br/consensus/queda-da-imunizacao-brasil/>.

DOMINGUES, C. M. A. S. *et al.* 46 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados. **Caderno de Saúde Pública**, v. 36, n. 2, p. 1- 17, 2020.

FAUCI, A. S.; LANE, H. C.; REDFIELD, R. R. *Covid-19: navigating the uncharted*. **N Engl J Med.**, v. 382, n. 13, p. 1268-9, 2020. <https://doi.org/10.1056/NEJMe2002387>.

FUNG, S. Y.; YUEN, K. S.; YE, Z.W.; CHAN, C. P.; JIN, D. Y. *A tug-of-war between severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 and host antiviral defence: lessons from other pathogenic viruses*. **Emerg Microbes Infect.**, v. 9, n. 1, p. 558-70. 2020. <https://doi.org/10.1080/22221751.2020.1736644>.

KOEHLER, M. C.; SANTOS, E. P. **Rede de frio**: gestão, especificidades e atividades. O calendário de vacinação brasileiro e as estratégias para imunização da população. Editora Fiocruz, 2017. p. 47-78.

SECRETARIA DE SAÚDE DE APARECIDA DE GOIÂNIA. **Aparecida ultrapassa 1 milhão de doses de vacinas aplica**. Prefeitura Municipal de Aparecida de Goiânia. 22 maio 2022. Disponível em: <https://www.aparecida.go.gov.br/aparecida-de-goiania-vacinacao-covid/>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. *Coronavirus disease 2019 (Covid-19): situation report 51*. Geneva: World Health Organization; 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/331475/nCoVsitrep11Mar2020-eng.pdf>.

ZHU, N.; ZHANG, D.; WANG, W.; LI, X.; YANG, B.; SONG, J. *et al.* *A novel coronavirus from patients with pneumonia in China, 2019*. **N Engl J Med.**, v. 382, n. 8, p. 727-33, 2020. <https://doi.org/10.1056/NEJMoa2001017>.

SAÚDE DO HOMEM EM SUA TOTALIDADE: relato de experiência

Thalita Monteiro Pacheco

Victoria Monteiro Pacheco

Ana Beatriz Alves Souza

Joaquim Araújo dos Santos Júnior

Shamara Nunes Martins

João Antônio da Costa Neto

Nubia Aguiar Marinho

Joede Alvarenga de Sousa Luniere

Murillo de Sousa Pinto

1 INTRODUÇÃO

O Ministério da Saúde, no Brasil, tem como uma de suas atribuições implementar políticas e campanhas para incentivar o cuidado e a prevenção da saúde do homem, que é um desafio em todo o mundo (Paula *et al.*, 2022).

Os índices de mortalidade relacionados a doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) entre homens são alarmantes, apresentando taxas aproximadamente de 40% a 50% superiores às observadas em mulheres. Esses dados destacam a gravidade do problema, mas, infelizmente, não têm resultado em mudanças significativas nos hábitos, práticas de prevenção ou adesão a tratamentos por parte da população masculina (Paula *et al.*, 2022).

Segundo o Ministério da Saúde homens vivem, em média, 7 anos a menos que as mulheres, no Brasil. Atribui-se a este índice o reflexo da falta de comprometimento e empenho no autocuidado. Em relação a esse dado, há inúmeras doenças que corroboram este crescente número negativo (Garcia; De Oliveira Cardoso; Do Nascimento Bernardi, 2019).

Essa realidade reforça a relevância das ações do Ministério da Saúde, que busca enfrentar esse cenário por meio de estratégias direcionadas. Destaca-se que o Brasil é o único país da América Latina a implementar uma política nacional específica para a saúde masculina: a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH). Essa política vai além da promoção de programas e campanhas de saúde, incorporando uma abordagem participativa que valoriza a escuta ativa dos homens, reconhecendo suas vivências, desafios e necessidades cotidianas (Separavich; Canesqui, 2013; Paula *et al.*, 2022).

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) destaca-se pela sua abrangência e multidimensionalidade, englobando o desenvolvimento de estratégias, acolhimento humanizado, escuta ativa, acompanhamento contínuo e tratamento eficaz. Seu objetivo central é reduzir os índices alarmantes de morbimortalidade masculina associados a diversas condições de saúde, incluindo as doenças crônicas não transmissíveis (DCNT). Esses dados, amplamente acessíveis por meio do sistema DataSUS, são provenientes de registros clínicos em hospitais, Unidades Básicas de Saúde (UBS), Unidades de Pronto Atendimento (UPA) e outras equipes de saúde, evidenciando a magnitude do problema e orientando a formulação de políticas baseadas em evidências (Brasil, Ministério da Saúde, 2022).

O mês de novembro foi escolhido para divulgar a campanha de conscientização sobre a saúde masculina, destacando-se pela celebração do Dia Mundial de Combate ao Câncer de Próstata, em 17 de novembro. Conhecida como “Novembro Azul”, a iniciativa tem como objetivo principal sensibilizar a população masculina sobre a importância de práticas preventivas e cuidados regulares com a saúde. A campanha aborda não apenas a prevenção do câncer de próstata, mas também questões como saúde mental, saúde ocular, adoção de hábitos de vida saudáveis, além do enfrentamento ao preconceito e à desinformação. Um dos pilares fundamentais da campanha é a ênfase na realização de exames periódicos e na importância de consultas regulares com médicos especialistas, promovendo uma abordagem integral à saúde do homem (Gomes *et al.*, 2008; Medeiros; Menezes; Napoleão, 2011).

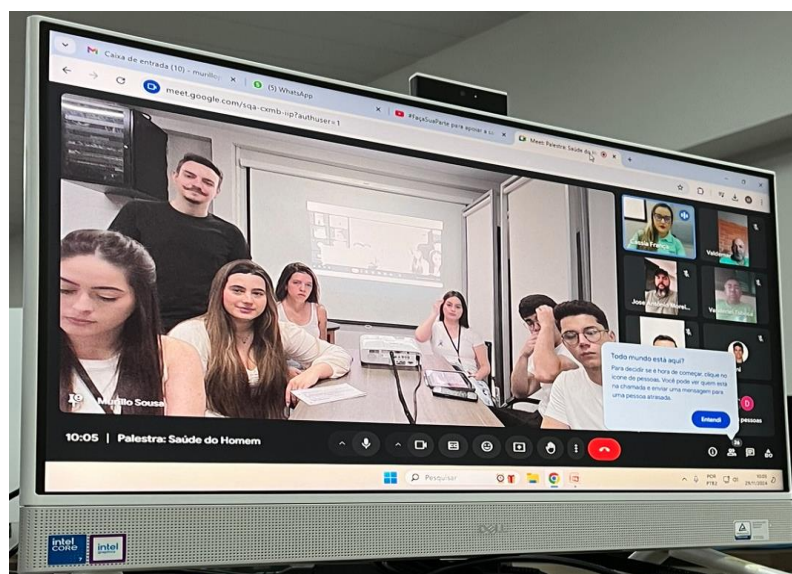
Pela necessidade de melhora na divulgação das ações de saúde da população masculina, bem como o autocuidado, este trabalho traz, em forma de relato de experiência, uma ação de conscientização voltada para a população masculina. Ele foi executado por alunos do 1º período do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser, dentro do Programa Integrado de Estudos na Saúde da Família (PINESF I), para um grupo empresarial interestadual (Goiás e Minas Gerais).

2 DESENVOLVIMENTO

No dia 25 de novembro de 2024, às 08h40 da manhã, foi realizada uma atividade de educação popular em saúde no Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), localizado na Avenida Bela Vista, 26 - Jardim Esmeraldas, Aparecida de Goiânia, Goiás. A ação realizou atividades relativas ao “Novembro Azul” e teve como objetivo conscientizar a população

masculina acerca da importância do cuidado integral com a saúde, utilizando abordagens educativas, interativas e lúdicas na modalidade remota, como evidenciado na Figura 1.

Figura 1 - Ação de conscientização realizada de forma remota



Fonte: autoria do projeto.

A metodologia empregada foi planejada para garantir a transmissão de informações de forma acessível e significativa. Utilizamos uma analogia simples, porém impactante, que relacionava o cuidado com a saúde à manutenção de um veículo antes de uma viagem em família. Esse exemplo foi explorado para criar uma ponte entre a realidade cotidiana dos participantes e a necessidade do autocuidado, promovendo reflexões importantes. Durante a abordagem, uma pergunta aberta foi lançada ao público: *“Como tem sido feita a manutenção da sua saúde? Quais têm sido suas preocupações? Os intervalos entre suas consultas são adequados? Seu comprometimento com sua saúde é proporcional ao comprometimento com seus bens materiais?”*

A partir dessa interação inicial, os participantes foram convidados a refletir sobre a gravidade do descuido com a própria saúde, muitas vezes causado pela falta de compreensão da importância de atitudes preventivas. A ludicidade foi uma aliada nesse processo. Dinâmicas de perguntas e respostas foram realizadas, utilizando plaquinhas de “Mito” (vermelho) e “Verdade” (verde), o que manteve a atenção dos presentes durante toda a atividade. Essa estratégia facilitou a absorção do conteúdo, transformando a experiência em um momento de aprendizado ativo e participativo.

Além disso, foram exibidos vídeos curtos e impactantes que reforçavam a mensagem central da campanha: a saúde é uma escolha pessoal, e cada indivíduo tem o poder de decidir

sobre seu próprio futuro. Essa abordagem enfatizou que o médico está disponível para ajudar em todas as fases, desde a prevenção até o tratamento de possíveis doenças. No entanto, a decisão de buscar essa ajuda, no momento, certo é determinante, pois intervenções precoces aumentam significativamente as chances de cura e ampliam as opções terapêuticas.

Os resultados dessa ação foram notáveis. Observamos que a interação e o uso de exemplos cotidianos despertaram o interesse genuíno dos participantes. Muitos relataram que, pela primeira vez, compreenderam a importância de priorizar consultas regulares e exames preventivos. A dinâmica também proporcionou um espaço seguro para a troca de experiências e esclarecimento de dúvidas, promovendo a construção de conhecimento de forma coletiva e significativa.

Essa experiência reforçou a importância de utilizar metodologias participativas e criativas em atividades de educação popular em saúde. Ao conectar informações técnicas à realidade vivida pelo público-alvo, conseguimos transformar um tema complexo em algo acessível e relevante, promovendo mudanças concretas na percepção sobre o autocuidado e a saúde preventiva.

Figura 2 - Registros das ações



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da educação popular em saúde no Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN) representou uma iniciativa de grande relevância, promovendo conscientização e engajamento sobre a saúde masculina. Reconhecendo o impacto dessa ação, o grupo foi convidado para apresentar uma palestra em um grupo empresarial no ramo de agronegócios, com o tema central “Saúde do homem em sua totalidade”. A palestra teve como objetivo principal ampliar a conscientização sobre a importância da prevenção, do cuidado contínuo e da assiduidade às consultas médicas. Por meio de uma abordagem educativa e interativa, a equipe conseguiu transmitir informações de maneira acessível e eficaz, adaptando o conteúdo à realidade dos participantes. O planejamento cuidadoso e a utilização de recursos didáticos permitiram a realização bem-sucedida do evento, que foi amplamente elogiado pelos participantes.

Em conclusão, a ação de educação popular em saúde masculina alcançou seus objetivos de forma eficaz, promovendo a conscientização sobre os riscos associados à falta de prevenção e ao distanciamento dos cuidados médicos regulares. A interação entre os participantes gerou um ambiente de aprendizado coletivo, fortalecendo a responsabilidade individual e estimulando mudanças de comportamento. A experiência destacou a importância de estratégias educativas no enfrentamento de desafios de saúde pública, gerando impactos positivos e significativos tanto no âmbito individual, quanto coletivo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Saúde do homem: acompanhamento e prevenção podem reduzir casos de Doenças Crônicas Não Transmissíveis**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/novembro/saude-do-homem-acompanhamento-e-prevencao-podem-reduzir-casos-de-doencas-cronicas-nao-transmissiveis>. Acesso em: 14 fev. 2024.

GARCIA, Luis Henrique Costa; DE OLIVEIRA CARDOSO, Nicolas; DO NASCIMENTO BERNARDI, Cláudia Maria Canestrine. Autocuidado e adoecimento dos homens: uma revisão integrativa nacional. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 11, n. 3, p. 19-33, 2019.

GOMES, Romeu *et al.* A prevenção do câncer de próstata: uma revisão da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 235-246, 2008.

MEDEIROS, Adriane Pinto de; MENEZES, Maria de Fátima Batalha de; NAPOLEÃO, Anamaria Alves. Fatores de risco e medidas de prevenção do câncer de próstata: subsídios para a enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, p. 385-388, 2011.

PAULA, Cácia Régia de *et al.* Desafios globais das políticas de saúde voltadas à população masculina: revisão integrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, p. eAPE01587, 2022.

SEPARAVICH, Marco Antonio; CANESQUI, Ana Maria. Saúde do homem e masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: uma revisão bibliográfica. **Saúde e Sociedade**, v. 22, p. 415-428, 2013.

TRIAGEM AMBULATORIAL INTEGRADA AO EXAME FÍSICO NEURODERMATOLÓGICO

Christine Ott Lima
Camila Bento Soares Miranda
Amanda Alves Silva
Wander Nasser Naves
Poliana Peres Ghazale
Livia Mafalda de Lelis Domingues
Kamylla Sejane Pouso Freitas

1 INTRODUÇÃO

Entre os dias 16 e 18 de abril de 2024, o Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN) sediou a 19ª Edição do Movimento Científico e Cultural de Aparecida de Goiânia (MOCCA). Este evento teve um impacto significativo na promoção de serviços à comunidade local. Durante o MOCCA, profissionais especializados em Neurocirurgia e Dermatologia prestaram atendimento gratuito de integração neurodermatológica à população. Este atendimento foi facilitado com o apoio das Ligas Acadêmicas de Neurociências (LANC), Dermatologia (LIDER) e Saúde da Família e Comunidade (LASFAC), que atuaram em colaboração para oferecer uma abordagem abrangente e especializada aos participantes.

Não obstante, o atendimento consistiu em um circuito de três etapas, sendo elas: triagem ambulatorial e coleta de dados para anamnese, exame físico neurológico simplificado e inspeção dermatológica. A população atendida durante o evento passou por avaliações clínicas especializadas em neurociência e dermatologia. Os pacientes que apresentaram fatores de risco identificados durante essas avaliações foram orientados e encaminhados para o Centro de Especialidades da Saúde da UNIFAN para acompanhamento e tratamento adicional. No total, foram realizados 232 atendimentos, abrangendo um público que incluiu homens e mulheres com idades entre 6 a 86 anos.

O projeto justifica-se pelo fato de que pesquisas recentes destacam a importância da detecção precoce e do manejo sinérgico de condições que envolvem tanto o sistema nervoso, quanto o sistema integumentar. Segundo um estudo recente de Kim e Cols (2023), a avaliação precoce permite a identificação de distúrbios neurológicos e dermatológicos que podem se

manifestar de maneira interdependente, facilitando uma intervenção oportuna e integrada. Os autores enfatizam que a abordagem multidisciplinar pode reduzir o impacto das condições crônicas e melhorar a eficácia dos tratamentos, além de prevenir a progressão de doenças e minimizar complicações associadas (Kim *et al.*, 2023).

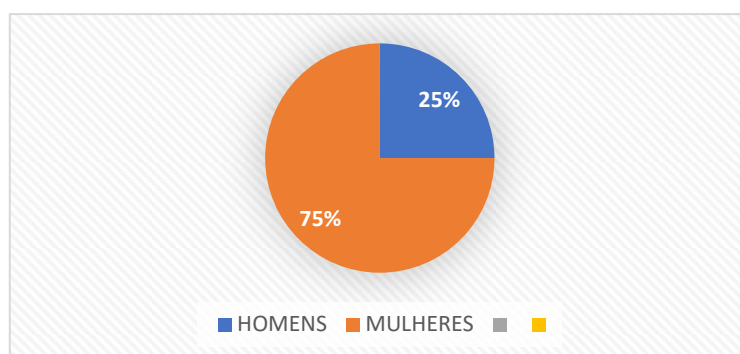
O presente trabalho é um relato de experiência, produzido a partir da vivência dos acadêmicos do curso de Medicina da UNIFAN no contexto de atendimentos à comunidade, com abordagem integrada neurodermatológica, no MOCCA. Trata-se de um olhar qualitativo, a partir de métodos descritivos e observacionais. Não houve distinção de sexo, raça, escolaridade ou condição socioeconômica no tocante ao público atendido. Outrossim, foram utilizados como critérios de prioridade nos atendimentos: idade, multicomorbidades, história pregressa e histórico familiar. Vale ressaltar que, antes dos exames, os pacientes preencheram uma ficha de identificação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

2 DESENVOLVIMENTO

O voluntariado é definido como a prestação de tempo e esforço de forma não remunerada para a realização de atividades em benefício de indivíduos, comunidades ou causas sociais. Nesse contexto, especialistas em neurologia e dermatologia, em colaboração com estudantes de Medicina, engajaram-se na oferta de serviços clínicos gratuitos para a comunidade local. Esta iniciativa envolveu a aplicação de conhecimentos avançados em neurociências e dermatologia, para a avaliação e manejo de condições neurológicas e dermatológicas, proporcionando assistência especializada e promovendo a saúde integral dos pacientes atendidos.

No tocante a ação de extensão acadêmica supracitada, a mesma buscou facilitar a implementação de um modelo de avaliação e intervenção multifacetado, tendo em vista a detecção precoce e o manejo sinérgico de condições patológicas que afetam simultaneamente o sistema neurológico e o sistema dermatológico, tendo como público-alvo, a população em geral. Ao todo foram atendidos 58 homens e 174 mulheres, na faixa etária de 6 a 86 anos de idade, sem critérios de exclusão. Segue ilustração (Gráfico 1) que representa a proporção entre os atendimentos masculinos e femininos.

Gráfico 1 - Proporção de atendimentos de acordo com o sexo



Fonte: autoria do projeto, 2024.

Os atendimentos foram realizados no Laboratório de Enfermagem da UNIFAN (Bloco de Saúde, 2º andar). Dentre os docentes e/ou coordenadores de curso responsáveis pela atividade, na linha de frente do projeto estavam: Dr. Wander Nasser Naves (orientador da LANC), Dra. Poliana Peres Ghazale (coorientadora da LANC), Dra. Livia Mafalda de Lelis Domingues (orientadora da LIDER), Dra. Kamylla Sejane Pouso Freitas (orientadora da LASFAC), Dr. Marinaldo Soares Leite, Dra. Stela Ramires de Oliveira, Dr. Murillo de Sousa Pinto e Dr. Fábio Marques de Almeida. Como participantes e organizadores foram incluídos os alunos do curso de Medicina vinculados as Ligas Acadêmicas LANC, LIDER e LASFAC (Anexo I).

A metodologia implantada para os atendimentos ambulatoriais na especialidade de neurodermatologia foi meticulosamente estruturada para otimizar a avaliação clínica e o manejo das condições patológicas que afetam, simultaneamente, os sistemas neurológico e dermatológico. A abordagem adotada foi de natureza multifacetada e integrada, com ênfase na coleta abrangente de dados clínicos e na avaliação sinérgica das manifestações neurológicas e dermatológicas.

A este respeito, a *priori* foi realizada a triagem clínica dos pacientes, por meio da anamnese completa, visando identificar informações sobre o histórico médico, incluindo doenças neurológicas e dermatológicas preexistentes, tratamentos anteriores e respostas terapêuticas. Por conseguinte, cada paciente passou por avaliação clínica neurológica, tendo em vista identificar sinais de comprometimento neuromuscular, como alterações na força, sensibilidade, reflexos e coordenação; bem como, avaliar sintomas neurológicos como neuropatia periférica, alterações cognitivas ou motoras.

Os principais achados neurológicos identificados ao exame clínico, foram: cefaleia, lombalgia, parestesia, paresia, fasciculações e vertigem, conforme descrito na Tabela 1.

Tabela 1 - Principais achados neurológicos identificados ao exame clínico

<i>Achados</i>	Descrição
<i>Cefaleia</i>	Cefalalgia, dor localizada na região da cabeça.
<i>Lombalgia</i>	Dor lombar, dor na região inferior das costas.
<i>Parestesia</i>	Sensação anormal de formigamento ou dormência.
<i>Paresia</i>	Fraqueza muscular.
<i>Fasciculações</i>	Contrações musculares involuntárias e visíveis de fibras musculares.
<i>Vertigem</i>	Vertigem, sensação de movimento rotacional ou instabilidade.

Fonte: autoria do projeto, 2024.

Dentre as queixas citadas, as mais referidas pelos participantes foram: cefaleia, lombalgia e cãibra. Neste contexto, a cefaleia é uma condição caracterizada por dor na região da cabeça, classificada em cefaleias primárias, como enxaqueca, cefaleia tensional e cefaleias secundárias, que são sintoma de condições subjacentes, como hipertensão intracraniana ou infecções (Goadsby *et al.*, 2020). Ademais, estudos recentes revelam que a cefaleia afeta cerca de 50% da população mundial em algum momento da vida, com a enxaqueca impactando aproximadamente 12% dos adultos globalmente, com uma prevalência particularmente alta em mulheres (Burch *et al.*, 2019). Por outro lado, a cefaleia tensional, a forma mais comum de cefaleia primária, atinge cerca de 40% da população, frequentemente associada a estresse e tensão muscular (Stovner *et al.*, 2021).

No tocante a lombalgia ou dor lombar, Koes e Cols (2020) a definem como um sintoma frequente resultante de condições musculoesqueléticas, como distúrbios da coluna vertebral, hérnia de disco e espondilose. Sendo assim, trata-se de uma das principais causas de incapacidade e ausência no trabalho (Koes *et al.*, 2020). Além disso, a mesma afeta aproximadamente 70-80% da população em algum momento da vida, com uma prevalência de dor lombar crônica estimada em 10-15% (Frymoyer, 1988). Dados recentes indicam que a lombalgia representa cerca de 5% das visitas a consultas médicas primárias, refletindo seu impacto significativo na saúde pública (Gatchel *et al.*, 2014).

De acordo com Schweltnus (2019), a cãibra é uma contração muscular dolorosa e involuntária, frequentemente associada a desequilíbrios eletrolíticos, desidratação e sobrecarga muscular. Estudos indicam que aproximadamente 60% da população geral experimenta cãibras musculares ocasionalmente, com uma prevalência de até 33% em atletas durante atividades físicas intensas (Kaufman *et al.*, 2000). A ocorrência de cãibras durante a prática de exercícios físicos é relatada por 50% dos atletas de esportes de resistência (Graham *et al.*, 2001).

Os sintomas de cefaleia, lombalgia e cãibra exercem impactos significativos e multifacetados sobre a qualidade de vida dos pacientes. Estes sintomas comprometem substancialmente a capacidade funcional, afetando a performance laboral e o bem-estar geral dos indivíduos. A avaliação detalhada e a abordagem terapêutica adequada desses sintomas são essenciais para otimizar a saúde funcional e promover a recuperação integral dos pacientes. A integração de estratégias diagnósticas e terapêuticas especializadas é crucial para mitigar os efeitos adversos e melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

A seguir, demonstram-se as técnicas de avaliação clínica neurológica simplificada, que foram aplicadas pelos ligantes da Liga Acadêmica de Neurociências (LANC) em todos os pacientes que optaram por realizar esse percurso de atendimento durante o evento MOCCA.

Figura 1 – Fotos: Avaliação clínica neurológica simplificada



Fonte: autoria da equipe de marketing da LANC, 2024.

Por fim, houve a inspeção/palpação das lesões cutâneas para caracterizar aspectos como morfologia, distribuição, evolução das alterações dermatológicas e identificar sinais clínicos sugestivos de câncer de pele (ver Figura 2).

Figura 2 - Fotos: Avaliação clínica dermatológica



Fonte: autoria da equipe de marketing da LIDER, 2024.

Neste contexto, foram identificados os principais achados dermatológicos, incluindo: acne, melasma, cisto epidérmico, prurido cutâneo, manchas hipocrômicas e hiperocrômicas, alopecia e caspa (ver Tabela 2).

Tabela 2 - Principais achados dermatológicos identificados ao exame clínico

Achados	Descrição
<i>Acne</i>	Lesões inflamatórias cutâneas caracterizadas por pápulas, pústulas e comedões.
<i>Melasma</i>	Hiperpigmentação facial, resultante de uma produção excessiva de melanina em áreas expostas ao sol.
<i>Cisto</i>	Formação nodular benigna, contendo material líquido ou semissólido, frequentemente palpável.
<i>Prurido</i>	Sensação de desconforto cutâneo, levando à necessidade de coçar.
<i>Manchas (hipocrômicas)</i>	Alterações na coloração da pele com redução da pigmentação comparada à pele adjacente.
<i>Manchas (hipercrômicas)</i>	Alterações na coloração da pele com aumento da pigmentação em relação à pele ao redor.
<i>Queda de cabelo</i>	Redução na densidade capilar, clinicamente conhecida como alopecia.
<i>Caspa</i>	Deslocamento de escamas secas ou oleosas do couro cabeludo, associadas à dermatite seborreica.

Fonte: autoria do projeto, 2024.

Durante os atendimentos, foi utilizado um protocolo sistemático que incluiu a aplicação de questionários diagnósticos compostos por perguntas diretas e indiretas. Este método permitiu uma coleta de dados detalhada e abrangente sobre os sintomas apresentados pelos pacientes, facilitando a análise das interações entre as condições neurológicas e dermatológicas. As perguntas diretas foram formuladas para obter informações específicas sobre a intensidade, localização e duração dos sintomas, bem como sobre a resposta a tratamentos anteriores. Já as perguntas indiretas foram projetadas para explorar aspectos mais sutis e complexos da experiência do paciente, como a influência dos sintomas na qualidade de vida e a presença de comorbidades que possam impactar o quadro clínico.

A metodologia envolveu também a realização de avaliações físicas detalhadas, incluindo exames clínicos dermatológicos e neurológicos extensivos, com o intuito de identificar sinais e sintomas correlacionados e potenciais fatores de confusão. A integração das respostas dos questionários com os achados clínicos possibilitou uma formulação precisa do diagnóstico e a personalização dos planos terapêuticos. Vale ressaltar que, todos os alunos e profissionais que participaram do projeto usaram os equipamentos de proteção individual (EPIs).

A abordagem sistemática adotada, combinando questionários diagnósticos com avaliações clínicas detalhadas, demonstrou ser eficaz na identificação precoce e no manejo adequado das condições neurodermatológicas. Este método holístico promoveu um entendimento mais profundo das interrelações entre os sistemas afetados, permitindo um tratamento mais direcionado e eficaz.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação da triagem ambulatorial integrada ao exame físico neurodermatológico propiciou uma otimização substancial na detecção precoce de condições neurológicas e dermatológicas dentro da comunidade. Além disso, possibilitou uma abordagem holística e altamente eficiente para o diagnóstico e manejo de distúrbios que envolvem simultaneamente o sistema integumentar e o sistema nervoso.

O êxito da triagem ambulatorial integrada gerou uma série de desdobramentos notáveis, a saber: a formulação de protocolos destinados a maximizar o alcance e a eficácia das práticas diagnósticas integradas; a expansão dos serviços de saúde; e, um impacto positivo

na comunidade, refletido em uma melhoria global da saúde pública e em uma ampliação da conscientização acerca da importância da triagem e do monitoramento médico.

Portanto, essas observações evidenciam a eficácia e a importância de incorporar a triagem ambulatorial com avaliações físicas neurodermatológicas, proporcionando um modelo que pode ser adaptado e ampliado para fomentar uma abordagem mais abrangente e eficiente na gestão da saúde.

REFERÊNCIAS

- BURCH, R. C.; BUSE, D. C.; LIPTON, R. B. *Migraine: Epidemiology, Burden, and Comorbidity. Neurologic Clinics*, v. 37, n. 4, p. 631-649, 2019.
- FRYMOYER, J. W. *Back Pain and Sciatica. New England Journal of Medicine*, v. 318, n. 5, p. 291-300, 1988.
- GATCHEL, R. J.; MAYER, T. G.; KISHINO, N. *Prevalence of Low Back Pain and Related Disorders in Adults. Journal of Orthopaedic & Sports Physical Therapy*, v. 44, n. 8, p. 591-604, 2014.
- GOADSBY, P. J.; HOLLAND, P. R.; MARTINS-OLIVEIRA, M.; HOFFMANN, J.; SCHANKIN, C. *Migraine. Nature Reviews Disease Primers*, v. 6, n. 1, p. 39, 2020.
- GRAHAM, T. E.; HOUSH, T. J. *Muscle Cramps During Exercise: A Review. Sports Medicine*, v. 31, n. 3, p. 165-171, 2001.
- KAUFMAN, M. P.; RYBICKI, K. J. *Exercise-Associated Muscle Cramps: Etiology and Treatment. Sports Medicine*, v. 29, n. 1, p. 53-58, 2000.
- KIM, H. J.; LEE, S. H.; PARK, J. W. *The Role of Early Neurological and Dermatological Evaluation in Enhancing Patient Outcomes: A Comprehensive Review. Journal of Neurological Dermatology*, v. 65, n. 2, p. 112-123, 2023. doi:10.1016/j.jnd.2023.03.002.
- KOES, B. W.; VAN TULDER, M. W.; LIN, C. W. *An Updated Overview of Clinical Guidelines for the Management of Non-Specific Low Back Pain in Primary Care. European Spine Journal*, v. 29, n. 8, p. 1706-1718, 2020.
- SCHWELLNUS, M. P. *Muscle Cramping in Athletes: A Review of the Literature. Current Sports Medicine Reports*, v. 18, n. 5, p. 148-155, 2019.
- STOVNER, L. J.; HAGEN, K.; JENSEN, R.; KATSARAVA, Z.; LIPTON, R. B.; SCHER, A. I.; STEINER, T. J. *The Global Prevalence of Headache: An Update, with Analysis of the Influences of Methodological Factors. Journal of Headache and Pain*, v. 22, n. 1, p. 1-18, . 2021.

ANEXO I**LISTA DOS ORIENTADORES E LIGANTES RESPONSÁVEIS PELA ATIVIDADE****LIGA ACADÊMICA DE NEUROCIÊNCIAS (LANC)**

Dr. Wander Nasser Naves (orientador)
Dra. Poliana Peres Ghazale (coorientadora)
Christine Ott Lima (monitora)
Amanda Thoma (monitora)
Monique Siqueira de Oliveira Faria (monitora)
Viviane de Sousa Silva (monitora)
Beatriz Marques Pereira (monitora)
Ana Luiza Pereira de Oliveira (monitora)
João Vitor Campelo Cruz (monitor)
João Victor Moura dos Santos (monitor)
Isabella Fontes Borges Fileti (monitora)
Mykael Borges da Silva Cintra (monitor)
Sarah Cristina Durães de Souza (monitora)
Tássia Vasconcelos da Nóbrega Rodrigues (monitora)
Isabella Cristina Santos de Castro (monitora)
Luiz Gustavo Gonçalves Maia (monitor)
Lídia Acyole de Souza (monitora)
Lara Lacerda Amaro (monitora)

LIGA ACADÊMICA DE DERMATOLOGIA (LIDER)

Dra. Livia Mafalda de Lelis Domingues (orientadora)
Camila Bento Soares Miranda (monitora)
Lara Augusta de Oliveira Figueiredo (monitora)
Natália Thamia de Castro (monitora)
Ana Beatriz de Castro Silva (monitora)
Alêssa Avelino de Sousa (monitora)
Ana Carolina Moreira Pimenta (monitora)
Isabela Massarotti Santos (monitora)
Erika dos Santos Soares (monitora)
Renato Almeida de Oliveira (monitor)
Fernanda Franco Martins (monitora)
Carlos Henrique Nunes de Oliveira (monitor)
Giovanna Cassiano de Souza (monitora)
Marcos Vinícius Borges Durão (monitor)
Lais Peres Mendes (monitora)
Yasmin Rezende Costa (monitora)
Jéssica Silva Xavier Zardini (monitora)
Kamila Noletto Bastos (monitora)
Osni Vieira de Barros (monitor)
Nathália Gomes de Moraes (monitora)

LIGA ACADÊMICA DE SAÚDE DA FAMÍLIA E COMUNIDADE (LASFAC)

Kamylla Sejane Pouso Freitas (orientadora)
Amanda Alves Silva (monitora)
Wanghelys Leyzer Bastos (monitor)
Matheus Felipe Coimbra de Miranda (monitor)
Giovanna Cassiano de Souza (monitora)
Douglas Henrique Farias de Oliveira (monitor)
Denes Silva Mendes (monitor)
Ana Beatriz Dantas Silva (monitora)
Thaís Maria de Sena Araújo (monitora)
Maria Eduarda Vilela Faria (monitora)

UNIFAN SOCIAL: promoção da saúde em uma abordagem clínica

Luiz Carlos Gonçalves Filho

Davi de Souza Nogueira

Daniel Rodrigues Silva Filho

Nicole Garcia Brandão

Fábio Marques de Almeida

1 INTRODUÇÃO

A ação social desenvolvida pelo Centro Universitário Alfredo Nasser é um marco para o atendimento a toda comunidade externa e interna. Vimos que a melhora do atendimento vem com o contato afetivo de uma pessoa com outra pessoa, que a alegria cura e que a prática da medicina é uma arte.

Logo, o Movimento Científico e Cultural de Aparecida de Goiânia (MOCCA), realizado em 2022, teve como objetivo promover saúde para a população de Aparecida de Goiânia através da disponibilização de vacinas, no espaço do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN). Para isso, foi necessário que os cidadãos levassem seus documentos pessoais até o local da ação social. Quem recebe todas as vacinas disponíveis no Programa Nacional de Imunização (PNI) tem melhor qualidade de vida e proteção a curto, médio e longo prazo.

É importante ressaltar que este relatório refere-se a uma experiência, que se dá através da vivência dos acadêmicos do curso de medicina da UNIFAN, no contexto do MOCCA.. Trata-se de um olhar qualitativo, a partir de métodos descritivos e observacionais.

2 DESENVOLVIMENTO

Dedicar-se ao atendimento social, abdicando de remuneração e colocando à disposição seu tempo e conhecimento é base fundamental da atividade voluntária. Nesse contexto, essas ações são capazes de ampliar a compreensão das queixas sociais e pessoais de cada indivíduo, servindo como prática do estudo epidemiológico, uma vez que traz à tona fatores socioculturais, de distribuição, evolução, frequência e propagação dos fatores referentes à

saúde, dando ao aluno a possibilidade de refletir, clinicamente, em prol da promoção, prevenção e proteção à saúde. As atividades extracurriculares reforçam o desenvolvimento técnico-científico na formação acadêmica, influenciando, positivamente, o crescimento não somente profissional, mas o pessoal, já que interfere de forma motivacional nos estudos, incrementando as relações interpessoais e o autoconhecimento.

Em 24 e 25 de junho de 2022, ocorreu em Aparecida de Goiânia, Goiás, o UNIFAN SOCIAL, evento idealizado e realizado pelo Centro Universitário Alfredo Nasser e que tem como objetivo prestar serviço à comunidade. Os alunos da instituição ofereceram serviço voluntário, sendo divididos em grupos de acordo com os tipos de atendimento oferecidos. O atendimento também foi aberto aos funcionários e ao público em geral, sendo os da comunidade externa os mais atendidos.

O evento teve início às 7 horas, em ambos os dias, nos quais recebemos a comunidade externa e interna. Foram ofertados gratuitamente cerca de 20 serviços e centenas de atendimentos. Entre eles, consultas em Cardiologia, Clínica Médica, Pediatria, Endocrinologia e Oftalmologia, com cerca de 40 atendimentos por dia em cada uma dessas especialidades, e serviço de imunização, em parceria com a Secretaria de Saúde, atualizando a situação vacinal. Além desses serviços, houve atendimento odontológico, contábil, jurídico e social, ofertado por membros de outras áreas.

Quanto ao serviço médico, os alunos foram direcionados à triagem clínica, realizando assim, a anamnese e o exame físico, compreendendo as queixas e necessidades do paciente e encaminhando-o para a especialidade que necessitava. As fichas foram feitas por ordem de chegada e a triagem era baseada na queixa principal do paciente e na associação com eventos que serviram de fator gatilho para o início ou suspensão dos sinais e sintomas, histórico pessoal e familiar de comorbidades mais relevantes e hábitos de vida, realizando a anamnese. O exame físico tinha como roteiro a observação do estado geral do paciente, ausculta do aparelho cardiovascular, respiratório, abdominal e dos membros, além da avaliação dos sinais vitais, como aferição de pressão, frequência cardíaca, respiratória, oximetria e glicemia capilar. Com essa avaliação e com a história narrada pelo paciente, ele era direcionado para o melhor atendimento.

Sob tais ângulos, observamos que o serviço oferecido à comunidade pelo programa UNIFAN SOCIAL tende a interferir diretamente na vida da população, refletindo positivamente no cotidiano das pessoas e no contexto da saúde pública e coletiva do município.

As imagens a seguir são fotos autorais, referentes às atividades realizadas pelos alunos no evento UNIFAN SOCIAL, realizado nos dias 24 e 25 de junho de 2022, nas dependências do Centro Universitário Alfredo Nasser.

Figura 1 – Fotos: Atuação dos estudantes no UNIFAN SOCIAL



Fonte: autoria do projeto (2022).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o atendimento voluntário contribuiu de forma ampla na saúde coletiva, uma vez que interfere no bem-estar individual e social, melhorando a qualidade de vida do cidadão mais vulnerável. Ação social é uma via de mão dupla, onde o conhecimento técnico-científico é enriquecido na mesma proporção que o cuidado pelo próximo é ofertado, sendo indiscutivelmente necessário para formação acadêmica, já que sensibiliza o discente sobre a realidade e necessidade da população quanto aos cuidados em saúde, de forma mais ampla, não só física, mas mental e social, compreendo suas perspectivas e particularidades, podendo

assim atuar de forma mais precisa e humana. Logo, o UNIFAN SOCIAL serviu como mecanismo efetivo para a promoção do autocuidado.

REFERÊNCIAS

CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE (CONAS). **A queda da imunização no Brasil**. 2017. Disponível em: <https://www.conass.org.br/consensus/queda-da-imunizacao-brasil/>. Acesso em: 6 mar. 2021.

DOMINGUES, C. M. A. S. *et al.* 46 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados. **Caderno de Saúde Pública**, v. 36, n. 2, p. 1- 17, 2020.

FAUCI, A. S.; LANE, H. C.; REDFIELD, R. R. *Covid-19: navigating the uncharted*. **N Engl J Med**. v. 382, n. 13, p. 1268-9, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1056/NEJMe2002387>. Acesso em: 9 mar. 2021.

FUNG, S. Y.; YUEN, K. S.; YE, Z. W.; CHAN, C. P.; JIN, D. Y. *A tug-of-war between severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 and host antiviral defence: lessons from other pathogenic viruses*. **Emerg Microbes Infect**. v. 9, n. 1, p. 558-70, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/22221751.2020.1736644>. Acesso em: 6 jan. 2022.

KOEHLER, M. C.; SANTOS, E. P. **Rede de frio**: gestão, especificidades e atividades. O calendário de vacinação brasileiro e as estratégias para imunização da população. Editora FIOCRUZ, 2017. p. 47-78.

SECRETARIA DE SAÚDE DE APARECIDA DE GOIÂNIA. **Aparecida ultrapassa 1 milhão de doses de vacinas aplicadas**. Prefeitura Municipal de Aparecida de Goiânia. Disponível em: <https://www.aparecida.go.gov.br/aparecida-de-goiania-vacinacao-covid/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. *Coronavirus disease 2019 (Covid-19): situation report 51*. Geneva: World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/331475/nCoVsitrep11Mar2020-eng.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2021.

ZHU, N.; ZHANG, D.; WANG, W.; LI, X.; YANG, B.; SONG, J. *et al.* *A novel coronavirus from patients with pneumonia in China, 2019*. **N Engl J Med**. v. 382, n. 8, p. 727-33. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1056/NEJMoa2001017>. Acesso em: 9 mar. 2021.

OFICINA DO CORPO: um relato de experiência a respeito da atividade extensionista utilizando autoalongamento e dança

Fabiana da Silveira Bianchi Perez

Nicolle Sena Souza

Laura Barbosa Godinho

1 INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico trouxe diversos benefícios e praticidade, porém com ele também veio as conveniências da vida moderna como computadores e celulares, influenciando e dando origem a uma geração de pessoas menos ativas fisicamente (Mendes; Cunha, 2013). A pandemia também veio como um fator desencadeante do comportamento sedentário, com as medidas de isolamento as pessoas começaram a passar mais tempo em suas casas, repletas desses aparelhos e tecnologia. Isso desencadeou um aumento da inatividade física, como mostrado em alguns estudos que relatam uma queda de 40% em relação prática de exercícios físicos (Matsudo; Santos; Oliveira, 2020). A fim de evitar o aumento crescente de práticas sedentárias faz-se necessário executar abordagens que estimulem e facilitem a adesão de uma vida mais saudável.

Estimular um estilo de vida saudável, muitas vezes, mostra-se como um desafio, pois o processo de adesão dessas pessoas para que deem continuidade a práticas esportivas exige um grande esforço, pois mesmo que o indivíduo esteja ciente de todos os benefícios que a prática de exercícios traz ao corpo, tanto em sua parte física, como emocional, a falta de tempo, a ausência de motivação e de energia, a falta de dinheiro, dentre outros motivos acabam tornando-se obstáculo. Depois que superam o sedentarismo, dar continuidade a essas práticas também é outro grande desafio. Estudos mostram que após 6 meses, 50% desses indivíduos abandonam a prática de exercício (Telles *et al.*, 2016).

Em vista desses fatores e visando a maior adesão em relação à prática de atividade física, diversas ferramentas podem ser utilizadas, sendo a metodologia ativa uma ferramenta excelente para auxiliar e impulsionar a conquista deste objetivo, pois a metodologia ativa é uma forma de incentivar maior interação e participação dos membros envolvidos, ajudando a despertar o interesse, trazendo novas formas de pensar e aprender.

A metodologia ativa visa a aprendizagem centralizada no estudante e não no professor, por acreditar que o ato de aprender compreende saber: assimilar, fazer, viver junto e compreender a ser. A metodologia ativa disponibiliza várias técnicas para docentes e discentes como: aula expositiva dialogada, estudo de texto, dirigido ou de caso, tempestade cerebral, mapa conceitual, dramatização, júri simulado, painel, oficina (laboratório ou oficina de trabalho), ensino com pesquisa entre outras (Anastasiou, 2014). Tendo o docente a possibilidade de utilizar uma destas técnicas, isolada ou associada a outras, no intuito de aprimorar e facilitar o ato de aprendizagem do acadêmico, o que proporciona a ele a capacidade de desenvolver competências. O professor estimula a autoaprendizagem. É o mediador entre o aluno e o mundo. O professor é um facilitador do processo de aprendizagem, diferente da proposta conteudista esta visão é crítico-reflexiva. Estimula a curiosidade do acadêmico e leva-o a analisar as situações antes de tomar decisões. Este método induz o acadêmico a criar ideias, tendências, teorias e não replicar, copiar, reproduzir o que lhe foi passado como um carbono. (D'Ambrosio, 2009; Freire, 2006).

A metodologia ativa não utiliza somente uma técnica. A **Oficina do Corpo**, no ensino superior, aborda atividade física e de saúde. Costuma-se realizar uma tempestade de ideias e um estudo dirigido para selecionar as técnicas, ordem de aplicação e músicas que devem ser utilizadas na atividade para trazer um relaxamento e bem estar. No primeiro instante em que se deparam com uma metodologia desconhecida, os discentes são imbuídos por diferentes sentimentos como: ansiedade, curiosidade e até mesmo medo. Ao serem confrontados a deixar sua zona de conforto são inundados por desejos de fuga e procrastinação. O propósito da oficina é estimular nas pessoas, interesse em relação às atividades e o bem estar físico e emocional, que o exercício é capaz de oferecer.

A **Oficina do Corpo** é uma atividade que consta no PPC (Proposta Pedagógica Curricular) como prática curricular de extensão dos cursos da saúde, do Centro Universitário Alfredo Nasser. Proporciona, desta maneira, a possibilidade do aluno observar, analisar de forma ativa assuntos sociais, além de propiciar o desenvolvimento da criatividade, construção de séries de exercícios, desinibição e a empatia pelo próximo, sentimento necessário para o profissional da saúde. Colocar-se à frente de um grupo para vivenciar, compartilhar por um momento que seja a oportunidade de orientar atividades físicas que proporcionam saúde e bem-estar. É uma técnica excelente que traz aprendizagem dos alunos, docentes e público participante. (Koudela; Santana, 2005; Spolin, 2007).

A realização de uma oficina abordando o relaxamento do Yoga com a utilização de técnicas baseadas na HATHA e ASHTANGA associada a dança do estilo forró incentivam a

participação, devido a abordagem mais dinâmica e lúdica, assim como agrega um impacto social para os membros da comunidade ali presentes. As técnicas de Yoga aplicadas durante a oficina visam trabalhar exercícios de controle respiratório, meditação, relaxamento, equilíbrio, concentração, força muscular, alongamento, dissociação de cadeias musculares, agilidade e integração social de forma suave, pela maneira lúdica de aplicar. Pois, na **Oficina do Corpo** a mensagem é passada através das músicas, das técnicas respiratórias e posturas do yoga, da dança, e não por exposição dialogada apenas.

É uma dinâmica com exercícios, posturas, passos da dança, porém cada grupo tem uma vivência única. Pois, alguns têm expertise no yoga e/ou forró, mas outros vivenciam o primeiro contato com uma ou ambas as técnicas. Por isso, nessas oficinas se faz necessário o apoio do docente com uma experiência maior em relação a atividades com grupos heterogêneos, na preparação prévia da oficina e treino destes acadêmicos, como o apoio durante a atividade para auxiliar na resolução de possíveis imprevistos.

A oficina é uma excelente e eficaz estratégia de ensino-aprendizagem aplicada na universidade para proporcionar a experiência da utilização de técnicas de relaxamento e dança que proporciona relaxamento, maior controle e coordenação motora, além de incentivar e ensinar a realizar essas atividades no dia-a-dia abordando a prática extensionista prevista no PPC dos cursos da saúde do Centro Universitário Alfredo Nasser. A missão da universidade é qualificar o acadêmico para a atuação profissional na sociedade contemporânea com base em princípios de cidadania.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 O autoalongamento do yoga e a dança

O yoga é descrito como uma prática antiga, que tem a finalidade de trazer equilíbrio mental, físico, emocional e espiritual ao ser humano. É dividido em oito aspectos como: 1) yama, as abstinências (não violência, veracidade, honestidade, não perversão do sexo, desapego); 2) niyama, as regras de vida (pureza, harmonia, serenidade, alegria, estudo); 3) ásanas, as posições do corpo; 4) pranayama, o controle da respiração; 5) pratyahara, o controle das percepções sensoriais orgânicas; 6) dharana, a concentração; 7) dhyana, a meditação; e 8) samadhi, a identificação (Ross *et al.*, 2010).

É uma prática bastante comum, sendo que 64% da população entrevistada relatou sensação de bem estar e 48% relatou praticar para condições específicas de saúde (Ross *et al.*, 2010). O yoga promove muitos benefícios a quem pratica, como: incentiva uma prática mais saudável de alimentação; desenvolve uma paz interior. Além do yoga, o presente estudo utilizou-se a dança como meio de promover a realização da oficina. A dança surgiu na pré-história, no momento em que o ser humano batia os pés e as palmas das mãos para fazer diferentes sons e com o passar do tempo, esses sons foram combinados com movimentos corporais, formando assim a dança. Há relatos de pinturas rupestres que foram interpretados como seres humanos dançando (Franco, Ferreira; 2016).

As aulas de dança, na contemporaneidade, seguem alguns passos como: a demonstração, demonstrar os passos de dança ajuda o aluno a perceber como se deve fazer com maior facilidade; comunicação verbal, ótimo meio para guiar enquanto se dança e imagem mental, consiste em o aluno reproduzir mentalmente os passos de dança que foram aprendidos através do professor (Spessato; Valentini, 2013).

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência, derivando de uma observação. Esta oficina de movimentos corporais sobre uma temática relacionada à saúde física do ser humano tem o intuito de proporcionar a vivência do tema, tanto pelos alunos da referida oficina, quanto pelo público que a assiste, através da experimentação da realização das posturas e respiração do yoga, como da dança de forró.

4 ETAPAS DA EXPERIÊNCIA

A realização da teatralização requer passos importantes: **1º passo** docente escolher um tema sobre atividade corporal. **2º passo** realizar o levantamento e estudo político-sócio-econômico de todas as variáveis envolvidas no tema com as devidas estatísticas. **3º passo** decidir as técnicas, sequências e músicas para a aplicação da proposta e que visem um resultado positivo em relação ao relaxamento e bem-estar físico. **4º passo** apresentar o tema aos acadêmicos do oitavo período do curso de fisioterapia um convite de participação. **5º passo** com os discentes selecionados montar subgrupos para facilitar a elaboração de cada

sequência do yoga e do forró. **6º passo** iniciar o treinamento desses acadêmicos. Todas as etapas do processo são executadas de acordo com um estudo dirigido, que começa como um grande desafio, finalizando com a execução respectiva da técnica da oficina. O papel do docente é sempre o de manter a ordem, a ética e o respeito durante a execução da atividade.

Nas figuras de 1 a 4, há a representação de algumas posturas de yoga realizadas na **Oficina do Corpo** e na figura 5 a primeira orientação da dança de forró, para em seguida os participantes (figura 6) fazerem duplas e dançarem. Para desenvolver essa oficina foram utilizados questionários, artigos e observação da realidade do tema específico como a dança do forró e a prática do yoga.

Figura 1 - Relaxamento (Yoga)



Fonte: Próprio Autor.

Figura 4 - Abordagem e relaxamento



Fonte Próprio Autor.

Figura 2 - Relaxamento (postura Yoga)



Fonte: Próprio Autor.

Figura 5 - Yoga (alunos e convidados)



Fonte: Próprio Autor.

Figura 3 - Exercícios baseado no Yoga



Fonte: Próprio Autor.

Figura 6 - Encerramento com dança (forró)



Fonte: Próprio Autor.

4.1 A vivência da dança no ensino superior como metodologia ativa

A realização da **Oficina do Corpo** com a utilização da metodologia ativa, como papel integrador de conteúdo estimulou a participação de diversos convidados e alunos, trazendo consigo uma experiência lúdica, agradável e divertida, incentivando a participação e difundindo informações sobre a importância da atividade física e como ela pode ser relaxante e divertida, mostrando como a oficina teve êxito de acordo com os relatos de acadêmicos e convidados. A seguir, apresentamos algumas das percepções dos envolvidos no projeto.

(Acadêmico 1): “Eu me aproximei do local onde estava sendo realizada a oficina e entrei para participar, os organizadores me orientaram, dancei e pratiquei yoga, saí de lá bem relaxado.” (Acadêmico 2): “Quando entrei na sala para participar, fui muito bem recebido, eu dancei e meditei um pouco, foi muito bom, recomendo a todos.” (Convidado 1): “Eu nunca tinha praticado yoga, então para mim foi uma experiência muito boa, gostei!” (Acadêmico 3): “Eu adorava dançar quando era mais nova, então quando vi que tinha dança envolvida nessa oficina, eu já me empolguei logo em seguida.” (Convidado 2): “Foi gratificante poder participar, aprendi muito e vi coisas novas, parabéns a todos os envolvidos.” (Acadêmico 4): “De fato eu não tenho o hábito de realizar atividades físicas, então no início foi um desafio, era tudo muito novo, mas conforme fui fazendo fui sendo orientado e consegui realizar tudo o que foi proposto, no final encerram com a dança e me diverti bastante, sem dúvidas essa foi uma experiência gratificante” (Acadêmico 5): “Sempre gostei muito de exercícios, quando me convidaram para participar da sala, aceitei e fui ver como funcionava, aprendi alguns exercícios novos, tinha muita coisa do yoga o que me deixou bem relaxado, também dancei então aproveitei bastante.” (Convidada 3): “Gostei muito de fazer os exercícios, tudo foi muito bem orientado e me senti bem mais leve no final, mas sendo bem sincera com vocês, minha parte favorita foi a dança, não tem nada melhor que um bom forró.” (Acadêmico 6): “Valeu a pena participar da oficina, auxiliei no que foi possível, segui as orientações da professora, aprendi um pouco sobre o Yoga e algumas de suas técnicas, dançamos e finalizamos de forma bem tranquila e descontraída.”

Na aplicação da metodologia ativa com performance (dança) é necessário, primeiramente, delimitar qual será o público-alvo. Pois é a partir desse dado que os acadêmicos terão que pesquisar, realizar tempestade de ideias, aprofundar no estudo em questão, na escolha da trilha sonora, na sequência dos passos e do ritmo. Eles devem treinar para transmitir emoções e orientação correta e condizente com a proposta escolhida ao

público visitante da oficina. O público, durante a vivência, ao interagir com os acadêmicos e com os demais participantes. O acadêmico é o mediador que conduz o público na experiência da dança. Todos devem sair da atividade com uma sensação de leveza, bem-estar e relaxamento. Docentes e discentes aprendem muito com a vivência, sendo sempre única.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar os depoimentos é possível observar que a oferta da **Oficina do Corpo**, no ensino superior, trouxe o efeito desejado, impactando os alunos e despertando o interesse pela matéria, possibilitando a mudança da visão da importância de seu papel na sociedade, através de suas atitudes e da aplicação da atenção primária e não apenas da terciária na saúde pública.

O projeto faz do professor o mediador e do aluno o protagonista na aprendizagem. Cada apresentação é única, mágica e propicia, aos envolvidos, sentido e aprendizado. Desperta o senso crítico e reflexivo do acadêmico e do público. Assim, a realização da oficina revelou interesses dos alunos perante o yoga e a dança e desenvolveu a aptidão para o exercício físico e o gosto pela busca de saúde física e emocional.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo. Metodologia ativa, avaliação, metacognição e ignorância perigosa: elementos para reflexão na docência universitária. **Revista espaço para a saúde**, v. 15, n. 1, p. 19-34, 2014.

BARROS, Nelson Filice de *et al.* Yoga e promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 1305-1314, 2014.

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática**: da Teoria à Prática. 17. ed. Campinas: Papirus, 2009.

FRANCO, Neil; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. Evolução da dança no contexto histórico: aproximações iniciais com o tema. **Repertório**, Salvador, v. 26, p. 266-72, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

KOUDELA, I. D.; SANTANA, A. P. D. Abordagens metodológicas do teatro na educação. **Ciências Humanas em Revista**, v. 3, n. 2, p. 145-154, 2005.

MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues; SANTOS, Maurício dos; OLIVEIRA, Luís Carlos de. Quarentena sim! Sedentarismo não! Atividade física em tempos de coronavírus. **Diagn. Tratamento**, v. 25, n. 3, p. 116-120, 2020.

MENDES, Carlos Maximiano Leite; DA CUNHA, Rubens Cesar Lucena. As novas tecnologias e suas influências na prática de atividade física e no sedentarismo. **Revista interfaces: saúde, humanas e tecnologia**, v. 1, n. 2, 2013.

ROSS, Alyson; THOMAS, Sue. *The health benefits of yoga and exercise: a review of comparison studies*. **The journal of alternative and complementary medicine**, v. 16, n. 1, p. 3-12, 2010.

SPESSATO, Bárbara Coiro; VALENTINI, Nadia Cristina. Estratégias de ensino nas aulas de dança: demonstração, dicas verbais e imagem mental. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 24, p. 475-487, 2013.

SPOLIN, V. **Jogos Teatrais para a Sala de Aula**: um manual para o professor. São Paulo: Perspectiva, 2007.

TELLES, Thabata Castelo Branco *et al.* Adesão e aderência ao exercício: um estudo bibliográfico. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 6, n. 1, 2016.

BIODADOS

Afonso Lucas Oliveira Nascimento

Possui graduação em Medicina pela Universidade Católica de Brasília (2011). Atualmente é professor do Centro Universitário Alfredo Nasser. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Nefrologia. Membro da equipe de transplante renal do Hospital Geral de Goiânia - Hospital Alberto Rassi (HGG) e do Hospital Santa Helena-GO. Membro da equipe de Nefrologia da Clínica de Dialise DAVITA - Goiânia. Diretor médico do centro médico sagrada família, localizado em Goiânia - GO. Proprietário do laboratório de análises clínicas centro médico sagrada família.

Amanda Alves Silva

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: amandavlazacc@hotmail.com

Amanda Vieira Parente

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: amanda-parente@hotmail.com

Ana Beatriz Alves Souza

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: anabeatrizalvessouza15@gmail.com

Ana Celuta Fulgêncio Taveira

Professora do Centro Universitário Alfredo Nasser. Graduada em Direito e em Pedagogia (PUC-GO), mestre em Direito (UEMG) e doutora em Educação (PUC-GO). Pós-doutoranda em Ciência da Religião (PUC-GO). Coordenadora adjunta do Projeto Rondon.
E-mail: anaceluta@unifan.edu.br

Brenno Pimenta da Costa

Possui Bacharelado em Análise de Sistemas com Ênfase em Sistemas de Informação pela Universidade Salgado de Oliveira (2007). É especialista técnico em Análise e Desenvolvimento de *Software* pela Faculdade de Tecnologia SENAI-FATESG (2009). Concluiu Pós-graduação *lato sensu* em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (FABEC), em 2014; e, MBA em Engenharia de *Software* pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), em 2021. Atuou como Instrutor de Informática no Instituto Brasil Avançar (2006-2007), ministrando aulas para turmas de Suporte e Manutenção de Computadores. Trabalhou como Analista de Sistemas na empresa Auad Data (2007-2008), com foco em melhorias de performance de sistemas ERP implantados em diversas prefeituras do Estado de Goiás. De 2008 a 2010, foi Analista de Testes na LG Sistemas, com atuação em automação de testes dentro de equipes ágeis. É 2º Sargento da Polícia Militar do Estado de Goiás, com passagens por unidades especializadas como o Batalhão de Choque, Companhia de Cães e GIRO. Atualmente, está lotado na Divisão de Tecnologia e Comunicação do Comando de Apoio Logístico e Tecnologia (CALTI), atuando como Desenvolvedor de *Software*. Participou da Força Nacional de Segurança Pública, vinculada ao Ministério da Justiça, na cidade do Rio de Janeiro, durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Atualmente, exerce a função de Desenvolvedor Backend Java Sênior na Compass UOL, com atuação na empresa Esfera, do grupo Santander, desenvolvendo soluções em sistemas distribuídos e arquitetura de microserviços. Também é

líder técnico na empresa Tupperware, responsável pela coordenação do time de backend. Além da atuação técnica, é professor universitário nos cursos de Engenharia de *Software* e Segurança da Informação do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), lecionando disciplinas como Algoritmos e Linguagem de Programação I e II, e Programação Orientada a Objetos I e II.

Camila Bento Soares Miranda

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: camilabentosoares@outlook.com

Camilla Chagas Moreira Alves

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: chagascamila25@hotmail.com

Carlos Henrique Nunes de Oliveira

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: chnunes2019@gmail.com

Carolina Fátima Gioia Nava

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: carolinafgioia.unifan@gmail.com

Christine Ott Lima

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: christine.ott@hotmail.com

Cristina Barbosa dos Santos

Professora organizadora do projeto de extensão da disciplina de Administração Financeira da UNIFAN.
E-mail: cristinasantos@unifan.edu.br

Daiany Caixeta Campos

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: daianycampos16@hotmail.com

Daniel Rodrigues Silva Filho

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: daniel.rodriguesf@gmail.com

Danila Alves de Oliveira

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: danila.alves2006@hotmail.com

Davi de Souza Nogueira

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: davi_snogueira@hotmail.com

Delma dos Santos Assis Mercadante

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: dellmercadante@gmail.com

Eduarda Schults Moraes

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: dudaschults@gmail.com

Eduardo Menezes da Silva

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: eduardoms960@gmail.com

Erika Cristina Vieira Oliveira Ximenes Belo

Possui graduação em Medicina pela Universidade Severino Sombra (1999). Atualmente é Superintendente da Regulação e Auditoria de Goiânia; médica coordenadora do serviço de clínica médica do HDS; médica patologista no Laboratório General; Professora do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN). Realizando MBA em ciências da educação e em curso de Mestrado em Educação e MBA em gestão de Saúde. Superintendente da Regulação do município de Goiânia.

Fabiana da Silveira Bianchi Perez

Docente do Centro Universitário Alfredo Nasser, Doutora em ciências Médicas, discente da pós-graduação de Metodologias Ativas do Centro Universitário Alfredo Nasser.

Fábio Marques de Almeida

Docente. Mestre e doutor em Ciências da Saúde. Especialista em Metodologias Ativas da Educação, Especialista e Saúde Estética e Bacharel em Biomedicina. Supervisor do Curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser.
E-mail: fabiomarques@unifan.edu.br

Fernanda Toledo dos Santos

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: fernandatoledofisioterapia@gmail.com

Fernando Turchetto

Doutorando e mestre em ciências jurídico-filosóficas pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Portugal. Membro da Associação Brasileira de Filosofia e Sociologia do Direito (ABRAFI). Coordenador do curso de Direito do Centro Universitário Alfredo Nasser, Aparecida de Goiânia.
E-mail: fernandoturchetto@unifan.edu.br

Frederico Barra de Moraes

Graduação em Medicina pela UFG (1998); Oficial Médico da Reserva do Exército Brasileiro, CRMDF 10963, Brasília (1999-2000); Membro Titular da Associação Médica de Goiás (2000); Residência Médica em Ortopedia e Traumatologia pela UFG (2001-2003); Membro titular da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia - SBOT (2004); Treinamento Avançado em Cirurgia da Coluna pela UFG (2004); Membro Titular da Sociedade Brasileira de Coluna - SBC (2005); Chefe do Departamento de Ortopedia e Traumatologia - DOT HC UFG (2014-2015); Coordenador da Diretoria de Extensão da Faculdade de Medicina da UFG (2014-2015); Diretor da SBOT Goiás (2015-2017) e Presidente da SBOT Goiás (2018); Treinamento Avançado em Doenças Osteometabólicas pelo GEDOM (2006); RQE 19285; Membro Titular da Associação Brasileira Ortopédica de Osteometabolismo - ABOOM (2007); Diretor da Associação Brasileira Ortopédica de Osteometabolismo - ABOOM (2010-2025); Presidente da Associação Brasileira Ortopédica de Osteometabolismo - ABOOM

(2026-2027); Diretor da Associação dos Ex-Residentes e Ex-Estagiários de Ortopedia e Traumatologia do HC-UFG - ASOTRAHC (2010-2022); Presidente da ASOTRAHC (2023-2024); Pós-graduação de Atuação em DOR Academia de Cursos Médicos APM (2016); RQE 11638; Diretor Associação Brasileira da Dor Ortopédica - ABDOR (2015-2020) e Presidente (2021-2022); Presidente da Sociedade Brasileira dos Médicos da Dor - SOBRAMID Goiás (2024-2025); Diretor da Sociedade Brasileira dos Médicos da Dor - SOBRAMID Nacional (2025-2029); Editor da Revista Brasileira de Doenças Osteometabólicas (2016-2025); Membro do Corpo Editorial da Revista Goiana de Medicina (2016-2025); Membro do Corpo Editorial da Revista Brasileira de Ortopedia (2016-2023); Membro do Corpo Editorial da Revista Sarcopenia e Osteoporose (2016-2025); Mestre em Ciências da Saúde pela UnB (2008); Doutor em Ciências da Saúde pela UFG (2014); Professor Substituto do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da UFG (2007-2009); Professor Adjunto do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da UFG (2010); Professor Substituto da Faculdade de Medicina PUC-Goiás (2010-2014); Professor Adjunto de Farmacologia Clínica do Centro Universitário Alfredo Nasser - UNIFAN (2015); Professor Adjunto da Academia de Cursos Médicos Goiás (2015).

Gabriela Lopes dos Santos

Atualmente docente do curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Foi professora e Coordenadora de Curso de Fisioterapia do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN, Aparecida de Goiânia - GO). É avaliadora de cursos pelo Ministério da Educação (MEC). Atualmente é docente colaborador da UFG, Programa de Pós-Graduação *Stricto-sensu* em Assistência e Avaliação em Saúde da Faculdade de Farmácia/UFG. Foi tutora no Curso de Medicina da UNIFAN e professora Substituta do curso de Fisioterapia da Universidade Estadual de Goiânia (UEG - Eseffego). Pós-doutorado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Doutorado em Fisioterapia pela UFSCar com período sanduíche, em 2016, na Universidade de Leuven (KU Leuven - Bélgica) e Mestrado em Fisioterapia pela UFSCar. Especialista em Intervenção em Neuropediatria pela UFSCar e especialista em Aprendizagem Motora pela Universidade de São Paulo (USP-SP). Possui graduação em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Foi docente responsável pela disciplina e estágio de Fisioterapia em Neurologia Adulto da UNIARA e supervisora do VII Curso Prático de Aperfeiçoamento em Intervenção Precoce da UFSCar.

Gabryelle Batista Rodrigues

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: gabryelle27112001@gmail.com

Gracielly Fernandes Nunes

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: gracifernandesnunes@gmail.com

Guilherme da Silva Faleiro

Fisioterapeuta graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO (2010); Especialista em Traumatologia Funcional pela UEG (2012); Especialista em Osteopatia pela Associação Brasileira de Osteopatia / CREFITTO (2016); Certificado em Osteopatia pela *Escuela de Osteopatia de Madrid* (2015); Certificado em terapia manual pelo Conceito Mulligan. Certificado RPG pelo Instituto Lopes Sales de Extensão em Fisioterapia. Certificado em Pilates pela Metacorpus. Professor da *Escuela de Osteopatia de Madrid*, Professor dos cursos de Medicina e Fisioterapia do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

Hêndia Pinheiro Silva Rezende

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: hendia.rezende@gmail.com

Iara Augusta de Oliveira Figueiredo

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: iara.o.figueiredo@gmail.com

Ihann Lopes Campos Martins Diniz

Ex-estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: ihannldiniz@gmail.com

Ingred Fernandes de Sousa Louzada

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: ingred_louzada@hotmail.com

Isana Franca Junqueira

Possui graduação em Medicina pelo Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos (2011). Possui Pós-Graduação em Ginecologia e Obstetrícia (Residência Médica). Atua na área de ginecologia regenerativa. Atualmente, é professora do Centro Universitário Alfredo Nasser, ministrando ambulatório de ginecologia e obstetrícia.

Jaques Adriano de Castro Filho

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: magnusgodoy@gmail.com

Jeniffer Aparecida de Moraes Rodrigues

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: doutorajeniffermoraes@gmail.com

Joana Caroline Oliveira de Faria

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: joanacarolinefaria@gmail.com

Joaquim Araújo dos Santos Júnior

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: contato.joaquimjunior20@gmail.com

João Antônio da Costa Neto

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: joaocostaneto18@hotmail.com

Joede Alvarenga de Sousa Luniere

Possui graduação em Enfermagem pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. É especialista em Saúde Mental e Dependência Química pela Faculdade Delta - GO. Mestrando na área da educação pelo Centro Universitário Alfredo Nasser vinculada a Universidade Lusofona - POR. Atualmente, é Supervisor do módulo de PINESF (Programa Integrado de Ensino de Saúde da Família), pelo curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser. É Enfermeiro Psiquiátrico do IPASGO. Tem experiência na Supervisão de Enfermagem na Pax Clínica Psiquiátrica de 11 anos e na supervisão de estágios em nível técnico e superior

nas áreas de Saúde Mental e Dependência Química, Fundamentos de Enfermagem, Clínica Médica e Cirúrgica e em Saúde da Família. Enfermeiro Regulador do IPASGO.

E-mail: joedeluniere@unifan.edu.br

Juliana Tonelli Teixeira Alvares

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: jtta7@yahoo.com.br

Júlia Eduarda Machado de Freitas

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: machadojemf@gmail.com

Júlio César Borges

Graduado em Ciências Sociais (UFG), mestre e doutor em Antropologia (UnB). Professor e coordenador do Núcleo de Estudos e Ações para Diversidade do Centro Universitário Alfredo Nasser.

E-mail: juliocesar@unifan.edu.br

Kamila Cristina Rodrigues Pelengrino

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: kamilacristina36@hotmail.com

Kamylla Sejane Pouso Freitas

Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN, 2017), com especializações em Saúde Pública (2019), Obstetrícia e Urgência e Emergência (2023), ambas pelo CGESP. Atua como docente e preceptora na formação de estudantes da área da saúde, com experiência na Atenção Primária à Saúde e em serviços hospitalares de média e alta complexidade. É preceptora do Programa Integrado de Estudos na Saúde da Família (PINESF) do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser, desenvolvendo atividades de ensino-serviço em Unidades Básicas de Saúde nos municípios de Aparecida de Goiânia, Senador Canedo, Aragoiânia, Abadia de Goiás e Guapó. Possui experiência na utilização de metodologias ativas de ensino-aprendizagem, com ênfase na Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) e no Arco de Charles Maguerez. Atuou anteriormente como preceptora do curso de Enfermagem, com atividades práticas desenvolvidas no Hospital Estadual de Urgências de Goiás Dr. Valdemiro Cruz (HUGO), no Hospital Estadual de Urgências Governador Otávio Lage de Siqueira (HUGOL) e na Maternidade Célia Câmara, com atuação nas áreas de Clínica Médica, Urgência e Emergência e assistência obstétrica. Seus interesses acadêmicos concentram-se nas áreas de saúde pública, epidemiologia, vigilância em saúde e formação de profissionais da saúde.

E-mail: kamyllasejane@unifan.edu.br

Karla Stephanny Alves Silveira

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: karlasasilveira@gmail.com

Kelen Michela Silva Alves

Professora e Coordenadora do curso de Engenharia de *Software* da UNIFAN.

E-mail: kelen@unifan.edu.br

Lais Gonçalves Menezes

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: laisgm0@gmail.com

Laura Barbosa Godinho

Fisioterapeuta formada pelo Centro Universitário Alfredo Nasser, discente da pós-graduação de Cardiorrespiratória da Faculdade Premier.

Lays Rabelo Rates

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: laysrates@hotmail.com

Leila Medeiros Melo

Doutora em Medicina Tropical e Saúde Pública (Universidade Federal de Goiás - UFG/2024), Mestre em Saúde Pública (Universidade Federal do Ceará - UFC/2010), Bacharel em Fisioterapia (Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/2000), Especialização em Fisioterapia Neurológica (Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/2001). Foi coordenadora do curso de Fisioterapia do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), no período de 2019 a 2023, e professora substituta do curso de Medicina da UFG (Goiânia/GO) por dois períodos (2013-2014 e 2018-2021), quando coordenou os módulos de Medicina, Saúde e Comunidade; também lecionou nos cursos de Fisioterapia, Enfermagem e Biomedicina da Fundação Educacional Jayme de Altavila (Maceió/Al) e do ICESP/PROMOVE (Brasília/DF). Tem experiência na área de Saúde Coletiva, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, com ênfase em Saúde Coletiva, Fisioterapia Neurológica e Traumatologia-ortopédica, coordenação pedagógica e desenvolvimento de planos de curso, de aula e de ensino-aprendizagem. Atuou, principalmente, nos seguintes temas: preceptoria de estágio ambulatorial, orientação de TCC, terapia em grupo, Fisioterapia na saúde coletiva, organização e execução de atividades práticas de promoção da saúde, prevenção de doenças e educação em saúde junto às comunidades, além de Educação Permanente em Saúde e Metodologia da Pesquisa. Já colaborou em pesquisas sobre o Projeto Vida no Trânsito (PVT), o Sistema de Mapeamento da Educação na Saúde (SIMAPES) e sobre a Educação Permanente em Saúde (EPS) no estado de Goiás.

Livia Mafalda de Lelis Domingues

Possui graduação em Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto (2002). Com Título de Especialista em Medicina de Família e Comunidade pela Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade - SBMFC (2009), possui o Título de Área de atuação em Hansenologia pela Sociedade Brasileira de Hansenologia - SBH (2016) e também o Título de Especialista em Dermatologia pela Sociedade Brasileira de Dermatologia - SBD (2020) Atualmente é médica Dermatologista na FILLIUM - Centro Médico e atua como professora no curso de graduação em Medicina no Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

Lucas Oliveira Silva

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: lucaslagodojunco@gmail.com

Luiz Carlos Gonçalves Filho

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: luizcarlostkd@hotmail.com

Luiz Mauro Espíndola

Coordenador do Núcleo de Práticas Jurídicas do curso de Direito do Centro Universitário Alfredo Nasser, Aparecida de Goiânia.

E-mail: luizmauro@unifan.edu.br

Marcos Vinícius Fernandes

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: marcos-morraais@hotmail.com

Maria Eduarda Ramos Fagundes

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: meramosfagundes@gmail.com

Maria Júlia Arantes Ramos

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: majuarante234@gmail.com

Mariel Carvalho de Oliveira Gomes

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: mariel-gomes@hotmail.com

Marinaldo Soares Leite

Possui graduação em Medicina pela Universidade Iguazu (2005). Atualmente é médico intensivista do Hospital Geral de Goiânia e médico intensivista/ Emergencista do Hospital de Urgência Governador Otávio Lage de Siqueira. Médico socorrista Hospital das Clínicas UFG-GO Atua em urgência e emergência no Hospital Municipal de Aparecida de Goiânia (HMAP). Hospital neurológico de Goiânia (pronto socorro) Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em medicina intensiva, atuando também na prática privada de medicina em cardiologia. Atualmente está dedicado ao ensino em saúde / medicina. Docente e Supervisor de Habilidades Médicas e Urgência e Emergência Medicina - UNIFAN, Coordenador Adjunto do curso de Medicina - UNIFAN. Mestrando em Gerontologia /FUNIBER.

Maristela Silva Machado

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: marismachado30@hotmail.com

Murillo de Sousa Pinto

Possui graduação em Biomedicina (2019) e especialização em metodologias ativas (2021), pelo Centro Universitário Alfredo Nasser; e, mestrado em Assistência e Avaliação em Saúde pela Universidade Federal de Goiás (2023). Atualmente, é professor do Centro Universitário Alfredo Nasser e auxiliar de coordenação do curso de Medicina na mesma IES. Tem experiência na área de Genética, com ênfase em Mutagênese, atuando principalmente nos seguintes temas: mutagênese, genotoxicidade, covid-19, genética e educação em saúde.

E-mail: murillopinto@unifan.edu.br

Nicole Garcia Brandão

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: nicolegarciabrandao00@gmail.com

Nicolle Sena Souza

Fisioterapeuta formada pelo Centro Universitário Alfredo Nasser, discente da pós-graduação de Traumatologia e Ortopedia e Desportiva do Centro Universitário Alfredo Nasser.

Nubia Aguiar Marinho

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Goiás - UFG. Pós-graduada em Unidade de Terapia Intensiva, no Centro de Estudos de Enfermagem e Nutrição C.E.E.N da Pontifícia Universidade Católica- PUC/GO. Graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade de Brasília - UNB. Também leciona nos cursos de Graduação em Enfermagem e Medicina pelo Centro Universitário Alfredo Nasser - UNIFAN. Atua como enfermeira reguladora no IPASGO.

E-mail: nubiamarinho@unifan.edu.br

Paulo Alberto Magalhães Cirilo

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: paulotocantins@hotmail.com

Poliana Peres Ghazale

Possui graduação em Biomedicina pela Universidade Federal de Goiás (2013), mestrado em Ciências Fisiológicas pela Universidade Federal de Goiás (2016) e doutorado em Neurologia e Neurociência pela Universidade Federal de São Paulo (2022). Atualmente é docente vinculada aos cursos de Medicina, Biomedicina, Farmácia e Enfermagem do Centro Universitário Alfredo Nasser. Também é docente vinculada ao curso de Medicina da Universidade de Rio Verde. Tem experiência na pesquisa científica na área de Fisiologia Humana e Neurociências. Professora da disciplina de Habilidades Profissionais Práticas Laboratoriais do Curso de Medicina – UNIFAN.

E-mail: polianaperes@unifan.edu.br

Priscilla Abdala de Sousa

Médica graduada pela Universidade Federal de Goiás (2005 - 2011). Residência em Anatomia Patológica (2014 - 2017), sob orientação do Dr. Siderley de Souza Carneiro e da Dra Larissa Cardoso Marinho, no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás.

Rafael Barbosa Gabriel Dias

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: rafaelbgdias1616@gmail.com

Renata dos Santos Cunha

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: reecunha2020@gmail.com

Ricardo Borges Capelli

Coordenador de Trabalho de Conclusão de Curso do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário Alfredo Nasser.

E-mail: ricardocapelli@unifan.edu.br

Sandra Maria Machado Jorge

Coordenadora do curso de Ciências Contábeis do Centro Universitário Alfredo Nasser.

E-mail: sandrajorge@unifan.edu.br

Sâmella Soares Oliveira Medeiros

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: samellasomedeiros@gmail.com

Sergiane Bisinoto Alves

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: enfsergianebisinoto@gmail.com

Shamara Nunes Martins

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: shamaranunes106@gmail.com

Sumaya Vieira Canêdo Prudente

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: sumayacanedo@hotmail.com

Thalyson Cabral Araujo Paulista

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: thalysoncabral9@gmail.com

Thalita Monteiro Pacheco

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: thalitapachecom@gmail.com

Thatinelle Franciane de Almeida

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: medthatinelle@gmail.com

Thayná Alves de Azevedo

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: thayna.alvesazevedo@outlook.com

Thiago Arruda Prado Cavalcante

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: thiagoarrudapc@gmail.com

Vanessa Teodoro Laureano Candido

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: vanessatlaureano@gmail.com

Victoria Monteiro Pacheco

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: victoriapachecom2@gmail.com

Vitória Emanuele Almeida de Souza

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).
E-mail: vitoriaalmeida1598@gmail.com

Viviane Ferreira Borges

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: vivianeborgesgo93@gmail.com

Wander Nasser Naves

Possui Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Goiás (2002-2007). Residência Médica em Neurocirurgia pelo Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (2011-2016), Pós-graduação em Neuroncologia pelo Instituto Sírio Libanês de Ensino e Pesquisa (2016), Membro Titular da Academia Brasileira de Neurocirurgia, Sociedade Brasileira de Neurocirurgia. Professor do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser, Neurocirurgião e preceptor da Residência de Neurocirurgia do Hospital das Clínicas - UFG / Ebserh, Neurocirurgião do Hospital de Urgência de Goiânia, Hospital Santa Helena e Hospital Albert Einstein. Trabalhou como médico plantonista - UTI - Central Vida do Hospital Jacob Facuri, Professor substituto - auxiliar da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, Professor Substituto da Faculdade de Medicina da Universidade Católica de Goiás. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Neurocirurgia, atuando principalmente nos seguintes temas: Neurocirurgia Oncológica, Neurocirurgia Vascular, Neurocirurgia Pediátrica, Neurocirurgia do Trauma.

E-mail: wandernasser@yahoo.com.br

Wilson Henrique Oliveira Silva

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: eng.profesp@gmail.com

Yanyny Schneider Vilela

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: yanynyvilela@hotmail.com

Yasmin Sebba Barroso Menezes

Estudante do curso de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: adrianasebba@gmail.com